


**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

RAJABO ALFREDO MUGABO ABDULA

**MARCAS DE INFLUÊNCIA DO ECHÚWABO NO**  
**PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE:** a questão dos  
verbos nas redes sociais



ARARAQUARA – S.P.  
2014

RAJABO ALFREDO MUGABO ABDULA

**MARCAS DE INFLUÊNCIA DO ECHÚWABO NO  
PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE: a questão dos  
verbos nas redes sociais**

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa: Sociolinguística, Estudos do léxico, análise morfossintática.**

**Orientador: Profa Dra Cristina Martins Fargetti**

**Bolsa: CNPq**

Abdula, Rajabo Alfredo Mugabo  
Marcas de influência do echúwabo no português de  
Moçambique: a questão dos verbos nas redes sociais /  
Rajabo Alfredo Mugabo Abdula. – Araraquara (São  
Paulo)  
xxx f : il. ; xx cm

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
– Universidade Estadual Paulista, Araraquara (São  
Paulo), 2014.

1 Descritor. 2. Descritor. 3 . Descritor. I. Autor II. Título.

# **MARCAS DE INFLUÊNCIA DO ECHÚWABO NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE:** a questão dos verbos nas redes sociais

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa: Sociolinguística**  
**Orientador: Profa Dra Cristina Martins Fargetti**  
**Bolsa: CNPq**

Data da defesa: 22/04/2014

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Professora Doutora Cristina Martins Fartgetti**  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

---

**Membro Titular: Professora Doutora Rosane de Andrade Berlinck**  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

---

**Membro Titular: Professora Doutora Margarida Maria Taddoni Petter**  
Universidade de São Paulo.

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras

**UNESP – Campus de Araraquara**

Aos meus pais.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimento especialmente à minha orientadora Professora Doutora Cristina Martins Fargetti que carinhosamente me chama de “meu filho moçambicano”, por ter acreditado em mim e me ter guiado com firmeza e sabedoria durante toda a minha formação. Pela paciência e incansável incentivo, confiança e sábia orientação e, por ter acreditado que este trabalho daria frutos.

Aos meus pais, Alfredo Rajabo Abdula (falecido) e Maria Elisa Mugabo, por me terem gerido, criado, educado e se preocupado muito para que eu pudesse estudar e, a toda minha família que, apesar de estarem distantes sempre procuraram estar presente dando o seu apoio.

À então Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Professora Doutora Rosane de Andrade Berlinck, pela sua simplicidade e disponibilidade durante os primeiros contactos visando o meu ingresso a esta grande família que é a UNESP-Araraquara.

Aos Professores do programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa pelos ensinamentos transmitidos durante a formação. À Professora Doutora Rosane de Andrade Berlinck, ao Professor Doutor Daniel Soares da Costa, e a Professora Doutora Margarida Maria Taddoni Petter pelas suas ricas contribuições para o trabalho.

Ao Professor Doutor Dagoberto Fonseca pelo encorajamento na busca dos meus objetivos.

Ao Mestre Arlindo Ussene e à Professora Doutora Bendita Donaciano (Universidade Pedagógica de Moçambique) pelo apoio o durante o processo seletivo para ingressar no mestrado.

Aos colegas de turma, em especial, Débora Garcia e Priscila Aline Sumaio, pelo apoio e incentivo durante estes dois anos de formação.

Aos amigos Alexandre Timbane, Egor Borges, Caio Vieira e os estudantes africanos pelo apoio.

Aos funcionários da Seção de Pós-graduação do Programa de Linguística e Língua Portuguesa, em especial ao Henriques, Clara, Carolina e à Ana Luisa, que sempre se mostraram disponíveis em dar o apoio necessário e esclarecer as minhas dúvidas.

Ao Programa PEC-PG pela oportunidade e ao CNPq pelo apoio financeiro.

À todos aqueles que direta ou indiretamente tenham contribuído para que este trabalho tenha sido concretizado.

“Centramo-nos na língua portuguesa como língua pátria e não deixamos que as outras línguas ganhem cidadania”.

Ungulani Ba Ka Khosa (2010, p.191)



## RESUMO

Moçambique é um país multilíngue e a maioria das línguas pertence ao grupo linguístico bantu. Por causa do multilinguismo, a maioria da população fala duas ou mais línguas, o que tem favorecido à influência uma das outras. Essa influência nos dias de hoje não é apenas vista na oralidade, mas na escrita principalmente nas redes sociais como o *facebook*, onde muitos jovens se encontram diariamente para interagirem. Foi nesse intuito que a presente pesquisa foi feita, para analisar a influência do echúwabo – uma língua falada na província da Zambézia, para o português. Para o efeito foram traçados os seguintes objetivos: a) analisar os verbos do echúwabo que entram para o português nas conversas do *facebook* feitas na cidade de Quelimane; b) verificar o modo como esses verbos entram nas conversas feitas em português; e, c) identificar os fatores que favorecem esse tipo de ocorrências no *facebook*. Para que isso fosse concretizado foram usadas como variáveis sociolinguísticas 1) a faixa etária, 2) a ocupação, 3) o gênero e 4) o nível de escolaridade. No final constatou-se que a faixa etária do falante teve influência na produção dos dois tipos de verbos, pelo fato de ter-se verificado que os mais novos, que compreendem a idade entre os 16 e 25 anos tiveram menos casos de verbos do português que os da segunda idade – de 30 a 39 anos de idade, e os mais velhos tiveram menos casos de verbos do echúwabo; a ocupação do falante teve influência na produção dos dois tipos de verbos, pelo fato de se ter verificado que os estudantes tiveram mais casos de verbos do português que os funcionários e, para o caso dos verbos do echúwabo, os estudantes tiveram menos casos que os funcionários; o gênero do falante teve influências na produção dos dois tipos de verbos, pelo fato de ter-se verificado que os homens apresentam mais casos de verbos do português que as mulheres e, as mulheres tiveram mais casos de verbos de echúwabo que os homens; o nível de escolaridade do falante teve influência na produção dos dois tipos de verbos, pelo fato de ter-se verificado que as pessoas com nível secundário tiveram mais casos de verbos do português quando comparados com as pessoas com nível superior, e nos verbos do echúwabo as pessoas do nível secundário tiveram menos casos que pessoas do nível superior.

**Palavras – chave:** Português de Moçambique, echúwabo, redes sociais.

## ABSTRACT

Mozambique is a multilingual country and most of the languages belong to the Bantu language group. Because of multilingualism, the majority of the population speaks two or more languages, which has favored the influence one each other. This influence these days is not only seen in orality, but written mainly on social networks like facebook, where many young people meet daily to interact. It was in this order that the present research was conducted to analyze the influence of Echúwabo - a language spoken in the province of Zambezia, for the Portuguese. For this purpose the following objectives were set: a) analyze the verbs echúwabo entering into Portuguese in facebook conversations made in the city of Quelimane, b) determine how these verbs enter the conversations made in Portuguese, and c) identify the factors that encourage this type of occurrences on facebook. For this to be achieved were used as sociolinguistic variables 1) age, 2) the occupation, 3) gender and 4) the level of education. In the end it was found that the age of the speaker influenced the production of two types of verbs, because it has been found that the newest, comprising the age between 16 and 25 had fewer cases of Portuguese verbs than the second age - 30-39 years of age and older had fewer cases of verbs Echúwabo; occupation of the speaker influenced the production of two types of verbs, because it was found that students had more cases of Portuguese verbs than employees and, in the case of verbs of Echúwabo, students have fewer cases compared to employees, the gender of the speaker had influences in the production of two types of verbs, because it has been found that men have more cases of verbs Portuguese than women, and women had more cases of verbs Echúwabo than men, the education level of the speaker influenced the production of two types of verbs, because it has been found that the people with secondary level had more cases of Portuguese verbs when compared to people with higher education, and for verbs of Echúwabo people at the secondary level had fewer cases than people of higher level.

**Keywords:** Mozambican Portuguese, Echúwabo, social networks.

## **LISTA DE FIGURAS**

**Foto 1** Página do facebook

64

## LISTA DE MAPAS

|               |   |    |
|---------------|---|----|
| <b>Mapa 1</b> | Distribuição da grande família de línguas na África | 20 |
| <b>Mapa 2</b> | Classificação das línguas bantu segundo Guthrie     | 21 |
| <b>Mapa 3</b> | Localização de Moçambique no mapa da África         | 22 |
| <b>Mapa 4</b> | Divisão administrativa de Moçambique                | 23 |
| <b>Mapa 5</b> | Mapa da província da Zambézia                       | 29 |

## LISTA DE QUADROS

|                  |   |    |
|------------------|---|----|
| <b>Quadro 1</b>  | Falantes de língua portuguesa por província                 | 27 |
| <b>Quadro 2</b>  | Diferentes designações das línguas autóctones de Moçambique | 28 |
| <b>Quadro 3</b>  | As vogais do echúwabo                                       | 31 |
| <b>Quadro 4</b>  | Consoantes do echúwabo                                      | 31 |
| <b>Quadro 5</b>  | Número de crianças fora da escola                           | 32 |
| <b>Quadro 6</b>  | Número de jovens na escola e fora da escola                 | 33 |
| <b>Quadro 7</b>  | Taxa de analfabetismo                                       | 33 |
| <b>Quadro 8</b>  | Extensão verbal do echúwabo                                 | 61 |
| <b>Quadro 9</b>  | Codificação dos dados                                       | 67 |
| <b>Quadro 10</b> | O papel do gênero   | 69 |
| <b>Quadro 11</b> | O papel da faixa etária                                     | 79 |
| <b>Quadro 12</b> | O papel da ocupação   | 80 |
| <b>Quadro 13</b> | O papel do nível de escolaridade                            | 82 |
| <b>Quadro 14</b> | Cruzamento entre o gênero e a faixa etária                  | 84 |
| <b>Quadro 15</b> | Cruzamento entre o gênero e a ocupação                      | 85 |
| <b>Quadro 16</b> | Cruzamento entre o gênero e o nível de escolaridade         | 87 |
| <b>Quadro 17</b> | Cruzamento entre a idade e a ocupação                       | 88 |
| <b>Quadro 18</b> | Cruzamento entre a idade e o nível de escolaridade          | 89 |
| <b>Quadro 19</b> | Cruzamento entre a ocupação e o nível de escolaridade       | 90 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|                |   |
|----------------|---|
| <b>FRELIMO</b> | Frente de Libertação de Moçambique                |
| <b>INDE</b>    | Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação |
| <b>L1</b>      | Língua Primeira                                   |
| <b>L2</b>      | Língua Segunda                                    |
| <b>MINED</b>   | Ministério de Educação                            |
| <b>PE</b>      | Português Europeu                                 |
| <b>PM</b>      | Português de Moçambique                           |
| <b>SE</b>      | Sentença em Echúwabo                              |
| <b>SP</b>      | Sentença em Português                             |
| <b>VE</b>      | Verbo do Português                                |
| <b>VP</b>      | Verbo do Echúwabo                                 |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | <b>15</b> |
| <b>2. A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA EM ÁFRICA</b>                          | <b>18</b> |
| 2.1. Contexto histórico   | 18        |
| 2.2. Diversidade linguística  | 18        |
| 2.3. A situação linguística em Moçambique                           | 21        |
| 2.3.1. Classificação das línguas moçambicanas                       | 25        |
| 2.3.2. A língua echúwabo  | 29        |
| 2.3.2.1. Sistema fonológico da língua echúwabo                      | 30        |
| 2.3.3. A situação do português e o ensino em Moçambique             | 31        |
| 2.3.4. Identidade linguística no contexto multilíngue               | 34        |
| <b>3. NEOLOGIA E NEOLOGISMOS</b>                                    | <b>37</b> |
| 3.1. Processos de formação neológica                                | 38        |
| 3.1.1. Neologismo Fonológico  | 38        |
| 3.1.2. Neologismo Sintático   | 39        |
| 3.1.3. Neologismo Semântico   | 39        |
| 3.1.4. Empréstimo e Estrangeirismo                                  | 40        |
| 3.1.4.1. Empréstimos de Línguas Bantu para o Português              | 43        |
| 3.1.4.2. Hibridismo   | 44        |
| <b>4. A RELAÇÃO FALA - ESCRITA E A OCORRÊNCIA NAS REDES SOCIAIS</b> | <b>47</b> |
| 4.1. Alfabetização e Letramento                                     | 49        |
| 4.1.1. Alfabetização  | 49        |
| 4.1.2. Letramento   | 49        |
| 4.1.3. Letramento digital   | 50        |
| 4.1.3.1. Redes sociais  | 50        |
| 4.1.3.2. Facebook   | 52        |
| 4.1.3.3. O <i>chat</i> e a escrita                                  | 53        |
| <b>5. OS VERBOS NA LÍNGUA ECHÚWABO</b>                              | <b>55</b> |
| 5.1. Estrutura verbal do português                                  | 55        |
| 5.2. Estrutura verbal do echúwabo                                   | 56        |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>5.2.1. Raiz verbal</b>   | <b>57</b> |
| <b>5.2.3. Os afixos</b>   | <b>57</b> |
| <b>5.2.1. Posição dos afixos pessoais no echúwabo</b>                 | <b>58</b> |
| <b>5.2.4. Marcação de tempo</b>                                       | <b>59</b> |
| <b>5.2.5. Prefixo de objeto</b>                                       | <b>60</b> |
| <b>5.2.6. A extensão verbal</b>                                       | <b>60</b> |
| <b>6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>                                 | <b>62</b> |
| <b>6.1. Constituição do <i>corpus</i></b>                             | <b>63</b> |
| <b>6.2. Recolha de dados</b>  | <b>63</b> |
| <b>6.3. Critério de seleção dos elementos constitutivos do corpus</b> | <b>65</b> |
| <b>6.4. Modelo de verbos</b>  | <b>66</b> |
| <b>6.5. Caracterização do modelo de análise</b>                       | <b>67</b> |
| <b>7. ANÁLISE DE DADOS</b>  | <b>68</b> |
| <b>7.1. O papel do gênero</b>   | <b>69</b> |
| <b>7.2. Mecanismos de adaptação dos empréstimos</b>                   | <b>74</b> |
| <b>7.3. O papel da faixa etária</b>                                   | <b>79</b> |
| <b>7.4. O papel da ocupação</b>                                       | <b>79</b> |
| <b>7.5. O papel do nível de escolaridade</b>                          | <b>80</b> |
| <b>7.6. Cruzamento de dados</b>                                       | <b>81</b> |
| <b>7.7. Síntese</b>   | <b>83</b> |
| <b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | <b>93</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>  | <b>96</b> |
| <b>ANEXOS</b>   |           |



## INTRODUÇÃO

O continente africano é marcado pela sua diversidade linguística. Para além das europeias herdadas do tempo colonial, há uma diversidade linguística principalmente quando na África subsaariana, onde predominam as línguas bantu. A diversidade linguística de Moçambique é uma das suas principais características culturais. Embora a língua portuguesa seja a língua oficial do país, existe uma enorme diversidade de idiomas. Para a maioria da população, estes idiomas nacionais constituem a sua língua materna e a mais utilizada na comunicação diária. O fato de Moçambique adotar o português como língua oficial resulta do seu passado histórico, em que foi colônia portuguesa por um período de cerca de quinhentos anos. Alcançada a independência, o português passou a ser a língua oficial do país, porque havia uma necessidade de dar continuidade à administração do país, e era preciso encontrar uma língua que, dadas as circunstâncias do momento, fosse capaz de dar conta desse desafio. O português era, então, a língua que reunia condições, pela função que desempenhou durante a época colonial e que não favorecia a nenhum grupo linguístico do país.

O uso do português como língua oficial fez com que esta mesma língua fosse usada como língua de ensino. Durante muito tempo as línguas nacionais foram esquecidas do seu papel de manutenção de comunicação entre as comunidades moçambicanas, tendo em conta que “a língua não é só um instrumento, um dado, mas um trabalho humano, um produto histórico-social” (ORLANDI, 1996, p. 99).

As línguas nacionais não foram usadas como língua de ensino, mesmo sabendo-se que são as línguas mais usadas no país; o português “é visto como fator de ascensão social, mas observa-se que inclusive pessoas que o têm como língua materna, em algum momento deixam de falá-lo para falar línguas locais” (FARGETTI, 2002, p. 4). Mas ultimamente há uma tendência de introduzi-las no sistema de ensino, e sobre isso iremos falar ao longo deste trabalho.

A língua portuguesa, desde o seu surgimento, tem sofrido diversas influências em diferentes níveis, como o fonético, fonológico, lexical, fazendo com que ela varie de acordo com o tempo e o espaço. Essas influências são motivadas pelos mais diversos fatores, sendo um deles a localização geográfica do falante. A língua é uma das principais marcas de identidade de um povo; a partir dela são transmitidos valores, hábitos e costumes que são passados de geração em geração. Ela é o principal vetor de acesso ao conhecimento e, para o caso de Moçambique, falando especificamente da língua portuguesa, que é a língua oficial, ela é também uma marca de unidade nacional, motivada pela quantidade de línguas existentes

e pela necessidade de existir uma língua que facilitasse a interação das pessoas do norte ao sul, sem que, no entanto, houvesse problemas.

Pelo fato de existirem diferentes línguas em contato com ela, a língua portuguesa falada em Moçambique vai ganhando outros contornos principalmente no nível lexical, pela influência mútua que se vai verificando durante os anos em que essas línguas coabitam no mesmo espaço. Um dos casos que propomos abordar com relação a esse aspecto é o echúwabo, uma língua falada no centro do país, concretamente na província da Zambézia, em que esse fenômeno de contacto e influência se verifica nas salas de bate-papo e de interação, falando principalmente do *facebook*. Neste espaço a interação é feita na maior parte dos casos em língua portuguesa, apesar de não ser a única língua falada nesta região do país.

Tendo em vista ao propósito do estudo de influência do echúwabo no português, definimos como objetivos os seguintes: analisar os verbos do echúwabo que entram para o português nas conversas do *facebook* feitas na cidade de Quelimane; verificar o modo como esses verbos entram nas conversas feitas em português; e, identificar os fatores que favorecem esse tipo de ocorrências no *facebook*. E para o efeito traçamos as seguintes hipóteses que podem favorecer a ocorrência: a faixa etária do falante pode favorecer a ocorrência desse fenômeno linguístico, podem ainda favorecer a ocupação do falante, o gênero do falante e, por último, o nível de escolaridade do falante.

Torna-se importante dizer que esta língua apresenta diferentes designações de acordo com cada autor, podendo ser encontradas as seguintes<sup>1</sup>: cuabo, cuambo, chuabo, echuwabo, echúwabu. Porém, neste trabalho usamos o termo echúwabo, pelo fato de ser o termo que é usado pelos falantes desta língua, o que significa dizer que, para o falante do echúwabo, os outros termos usados não fazem referência especificamente à língua.

No nível morfológico não encontramos uma grande influência de empréstimos para o português, ou seja, a entrada de novos elementos não vem a alterar a estrutura morfológica da língua; no entanto, os novos elementos que entram são adaptados à estrutura da língua, principalmente quando falamos de verbos, que mantêm apenas o radical da língua de origem. O objetivo deste trabalho é analisar a formação de verbos híbridos no português a partir de empréstimos lexicais do echúwabo. Sendo assim, daremos uma visão geral sobre a situação linguística na África e em Moçambique, abordaremos alguns aspectos relacionados com a língua echúwabo e os seus falantes, discutiremos a questão da criação lexical, empréstimos e estrangeirismos, falaremos também da posição dos afixos no echúwabo e da escrita no *chat*, e

---

<sup>1</sup> Cf. Quadro 2, p. 28

por último, faremos uma análise sobre a ocorrência de novos verbos híbridos, resultantes da fusão das duas línguas (echúwabo e português) e dos verbos do echúwabo usados nas conversas dos internautas.

## 2. A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA EM ÁFRICA

Nesta seção iremos trazer um panorama geral sobre a situação linguística em África, seu contexto histórico e os principais grupos linguísticos existentes. Iremos trazer também uma visão panorâmica sobre a situação linguística em Moçambique; pelo fato de a língua echúwabo pertencer ao grupo linguístico bantu, é importante trazer uma visão sobre a ramificação dos grupos linguísticos em África no geral e em Moçambique em particular.

### 2.1. Contexto histórico

Segundo Duarte (1976), cerca de 300 anos a.C. os bantu encontravam-se concentrados na Região dos Grandes Lagos de onde partiram mais tarde em três grupos para o sul do equador, à procura de melhores condições de vida. Um dos grupos seguiu para o oriente, atingindo e povoando a zona costeira; outra foi pelo centro do continente, povoando-o durante a sua migração e a terceira vaga caminhou para o ocidente. O nome bantu não faz referência a uma unidade racial que identifique os membros de uma comunidade, mas sim de um povo com traços culturais e linguísticos comuns, o que significa dizer que não podemos falar de uma raça bantu, mas sim de um povo bantu. A sua formação e migração deu origem a uma grande variedade de cruzamentos, estima-se que existam aproximadamente 500 povos bantu, que, mesmo depois de muitos séculos de movimentações, miscigenação, guerras e doenças, mantiveram as raízes da sua origem comum. A palavra “bantu” aplica-se a uma civilização que manteve a sua unidade e foi desenvolvida por pessoas da região sul do Sahara. O radical **ntu**, comum para a maioria das línguas bantu, significa “homem, ser humano” e **ba-** é o plural. Assim, bantu significa “homens, seres humanos”. As línguas bantu têm tal semelhança que só pode ser justificada por uma origem comum.

A partir do século três da nossa era e nos seguintes, os povos que ocupavam os territórios que hoje se falam as línguas bantu dedicavam-se à caça e à pesca. O território foi, depois, invadido por vários grupos humanos supostamente oriundos da floresta congoleza. Esta expansão designada bantu, penetrou no território moçambicano através dos vales dos rios que provêm do interior do continente, e veio introduzir as atividades agrícola e a pecuária, difundindo simultaneamente a tecnologia da metalurgia do ferro.

### 2.2. Diversidade linguística

África é um continente com 30.310.000 km<sup>2</sup> e é caracterizado por uma grande diversidade linguística, principalmente nos países que se localizam na região ao sul do deserto do Sahara. Por essa diversidade linguística, o estudo sobre as línguas do continente africano

não se pode considerar tarefa fácil, visto que dentro dum único país podemos encontrar uma diversidade muito grande, como é o caso de Moçambique.

A quantidade de línguas faladas na África é enorme e, para melhor compreensão, foi feito um estudo que divide as línguas do continente em famílias. Greenberg (1963 apud Ngunga, 2004, p. 26) apresenta as línguas africanas em quatro grandes famílias, e cada família apresenta sua subfamília, a saber: Afro-Asiática, Nilo-Sahariana, Congo-Kordofaniana e Khoi e San.

a) A Afro-Asiática

Esta família tem como subfamílias: Semítica, Egípcia, Cushítica, Berber e Chádica. Todas as línguas desta família também são faladas na Ásia, com exceção do semítico, que inclui o hebraico e o árabe dos séculos VII e VIII. O árabe é falado na região norte do continente, abrangendo o Egito, Tunísia, Marrocos, Argélia, Líbia e Sudão.

b) A Nilo-Sahariana

Esta família tem como subfamílias: Songhai, Sahariana, Maban, Fur, Chari-Nilo e Koman. As suas línguas são localizadas no Níger, Burkina Faso, Tchad, oeste da Etiópia e no Sudão. As línguas mais conhecidas desta família são: o dinka, o shilluk, o nuer, o massai (Uganda, Kenya, Tanzânia) e o mangbetu no nordeste da República Democrática do Congo.

c) Congo-Kordofaniana

Esta família divide-se em duas subfamílias: Níger-Congo e Kordofaniana, sendo a mais importante a Níger-Congo devido à sua extensão, estendendo-se num espaço que vai desde o Senegal até o oeste, passando pela África do Sul, incluindo todo o leste do continente desde o sul da Somália. A família Kordofaniana apenas é falada por comunidades reduzidas que se localizam nas montanhas de Nuba, na República do Sudão.

d) A Khoi e san

A família tem como subfamílias: Khoi, San, Sandawe, Iraqw e Hatsa ou Hadza. Os falantes destas línguas ocupavam provavelmente uma boa parte do continente antes da expansão dos povos que falam a língua de um dos ramos Níger-Congo. Isso implica dizer que a família khoi e san não pertence à família bantu, porque foram os primeiros residentes da

região sul de África muito antes da expansão bantu. Embora em número reduzido comparativamente à família bantu, ainda há falantes nesta região do continente.

O Níger-Congo que no presente trabalho aparece dividido em dois grupos diferentes, no estudo anterior, Níger-Congo é subfamília da família Congo-Kordofaniana. Podemos ver essas famílias no mapa abaixo:

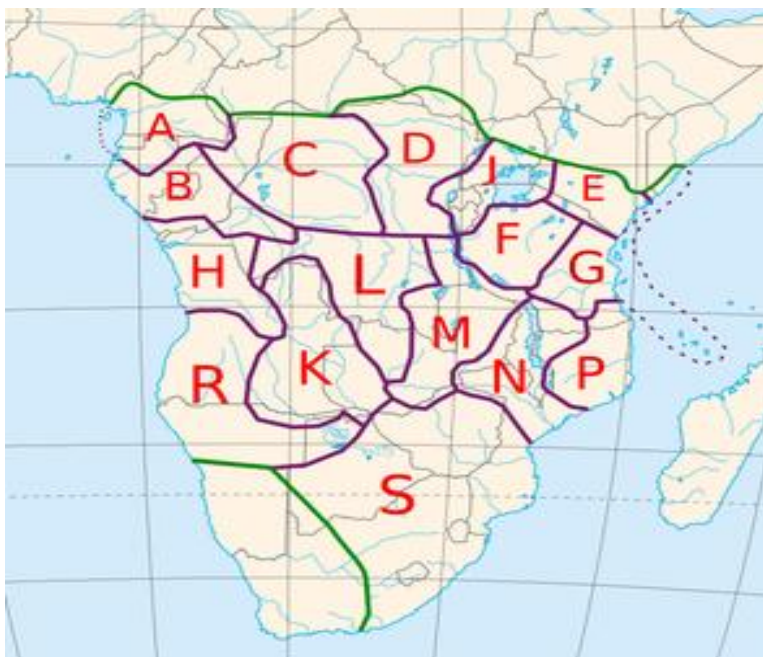


Mapa 1: Distribuição dos troncos de línguas na África

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas\\_khoisan](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_khoisan)

Para melhor identificação das línguas bantu no continente, Guthrie (1967 apud Ngunga, 2004, p. 43) fez a classificação geográfico-geneológica das línguas, agrupando-as em cinco zonas codificadas por letras maiúsculas, que são: A, B, C, D, E, F, G, H, J, K, L, M, N, P, R, S, T. Dentro dessas zonas encontramos diversas línguas como iremos ver no estudo feito por Guthrie.

Para melhor compreensão da localização dessas zonas, no nível do continente, podemos observar o mapa que se segue.



Mapa 2: Classificação das línguas bantu segundo Guthrie

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas\\_bantas](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_bantas)

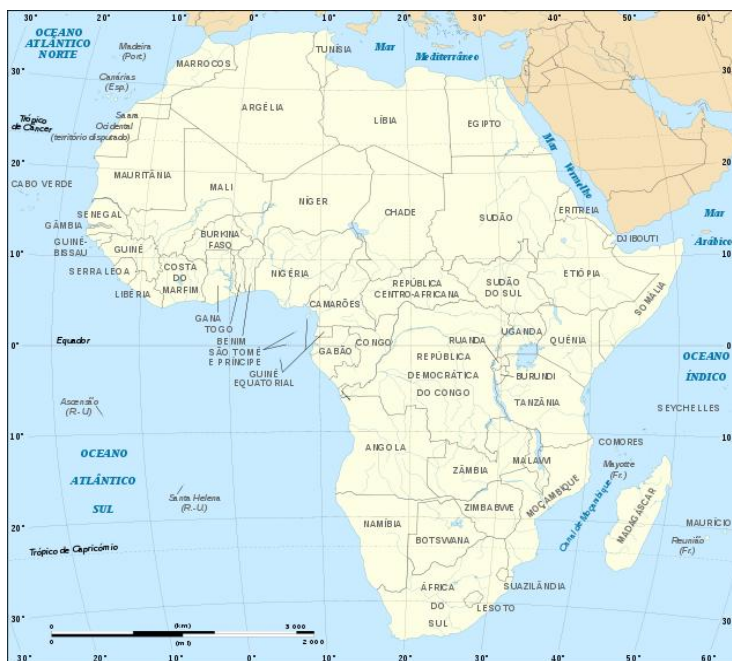
Em cada zona destas apresentadas no mapa encontramos diferentes grupos, apresentados na distribuição feita por Guthrie (1948)<sup>2</sup>, e dentro desses grupos encontramos as línguas moçambicanas, como veremos a seguir, quando estivermos a apresentar a classificação das línguas moçambicanas.

### 2.3. A situação linguística em Moçambique

Moçambique é um país que fica localizado na costa oriental da África Austral e possui uma superfície de 801.590Km<sup>2</sup>. Tornou-se independente no dia 25 de Junho de 1975, depois de uma luta pela independência que durou dez anos, levada a cabo pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Possui uma linha costeira de cerca de três mil quilômetros de comprimento, e faz fronteira com os seguintes países: República da Tanzânia, República da Zâmbia, República do Malawi, República do Zimbabue, República da África do Sul e Reino da Suazilândia. De acordo com dados da Divisão de Estatística das Nações Unidas, a população, em 2010, era de 23.405.670 de habitantes, dos quais 38,43% constituem a população urbana e 61,47%, população rural<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Veja o anexo 1, pág. 103-110

<sup>3</sup>In United Nations Statistic Division. Demographic in social statistic. Statistical products and database.social indicators, 2010. Disponível em: <http://unstats.un.org/unsd/demographic/product/socind/population.htm> Acesso em 15/04/2012

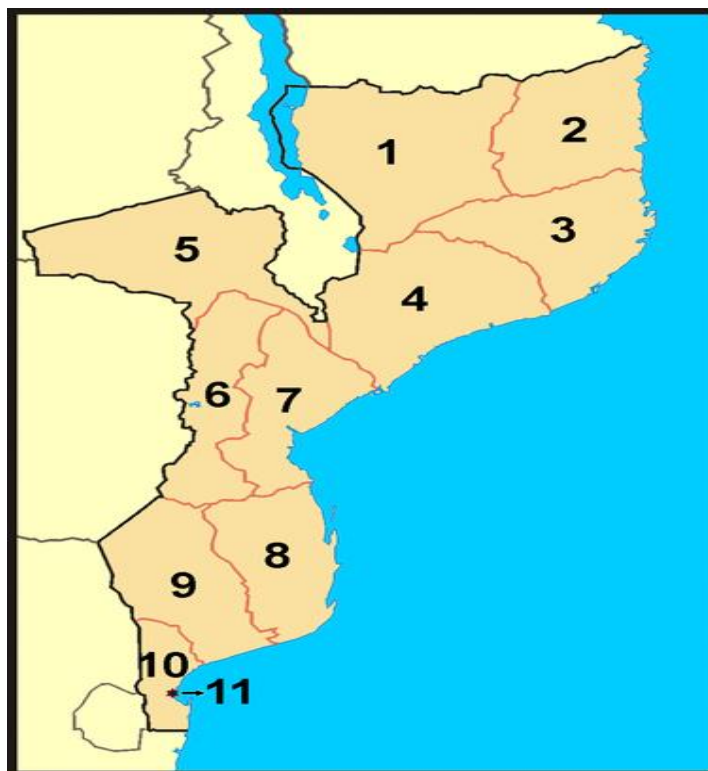


Mapa 3: Localização de Moçambique no mapa da África

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:African\\_continent-pt.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:African_continent-pt.svg)

Administrativamente, o país divide-se em dez províncias, nomeadamente, Cabo Delgado, Niassa, Nampula – no norte do país, Tete, Zambézia, Manica e Sofala – no centro do país, e Inhambane, Gaza e Maputo – no sul do país. A cidade de Maputo, capital do país, tem estatuto de província. Maputo, Beira e Nampula são os três maiores centros urbanos do país, localizados no sul, centro e norte, respectivamente. As províncias de Zambézia e Nampula são as mais populosas, sendo habitadas por perto de metade da população moçambicana. Maputo é a menor província enquanto Niassa é a maior e menos populosa. Podemos observar no mapa que se segue a divisão administrativa de Moçambique.





Mapa 4: Divisão administrativa de Moçambique

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mo%C3%A7ambique.prov.NS.png>

Legenda:

1. Niassa (capital: Lichinga);
2. Cabo Delgado (capital: Pemba);
3. Nampula (capital: Nampula);
4. Zambézia (capital: Quelimane);
5. Tete (capital: Tete);
6. Manica (capital: Chimoio);
7. Sofala (capital: Beira);
8. Inhambane (capital: Inhambane);
9. Gaza (capital: Xai-Xai);
10. Maputo (capital: Matola);
11. Cidade de Maputo (capital: Maputo)

Moçambique foi uma colônia portuguesa; os portugueses chegaram à região no século XV, concretamente no ano de 1498, quando Vasco da Gama e sua expedição chegaram ao território que hoje se chama Moçambique, marcando, assim, o início de um longo período de colonização que durou cerca de quinhentos anos, como afirma Gonçalves (2005, p. 1): “A chegada dos primeiros portugueses a Moçambique data de finais do século XV: 1498 é o ano

da chegada de Vasco da Gama a Moçambique, podendo dizer-se que, a partir desta data, estão lançadas as bases histórico-sociais para o uso do Português nesta região do globo”.

Ao chegarem a Moçambique, os portugueses encontraram uma sociedade estabelecida e organizada do ponto de vista econômico, político e linguístico. Havia troca comercial harmoniosa com o povo árabe que vinha de há séculos e não havia conflitos entre as tribos como resultado dessas trocas comerciais. Os portugueses, interessados nas riquezas existentes e nas trocas comerciais com os nativos, e como forma de manter a hegemonia nas trocas comerciais, decidiram expulsar os árabes por via da força e passaram a controlar administrativamente o território; “foi uma longa e tenaz luta com os povos de raça árabe, indistintamente chamados de mouros” (BOTELHO, 1936, p. 40). Foi diante dessa hegemonia que se deu por encerrado o comércio livre entre os dois povos, fazendo com que os nativos se tornassem submissos aos interesses portugueses e o próprio homem passasse a ser matéria prima para comercializar.

Tendo o país sob seu domínio, os colonos portugueses não se preocuparam com a valorização das línguas, nem com a cultura dos nativos, obrigando os moçambicanos a renegarem a sua própria língua a favor da língua e da cultura do colonizador. Ao moçambicano foi-lhe retirado o direito à cidadania.

Se a língua e a cultura do colonizador eram realmente as que deveriam ser reconhecidas, pressupõe-se que elas deveriam ser ensinadas nas escolas para que o colonizado tivesse acesso a elas. Paradoxalmente, isso não aconteceu, e isso se explica pelo fato de, desde o século XV, que marca a chegada dos portugueses ao território moçambicano até ao século XIX, não haver um número significativo de escolas, havendo apenas uma pelo menos até ao ano de 1890 como afirma Gonçalves, “a nível da educação formal, a documentação disponível revela que, neste mesmo período (1890), havia uma única escola primária em todo o país” (GONÇALVES, 200, p. 2); privando, desta forma, um povo do direito de acesso ao saber e à educação.

Passados cerca de quinhentos anos e depois de uma luta pela independência que durou dez anos, Moçambique conseguiu ascender à independência no dia 25 de Junho de 1975, passando de uma província ultramarina para uma república soberana.

Com a conquista da independência, vários desafios o país tinha pela frente; um deles era a educação. A língua portuguesa foi adotada como língua oficial, e, portanto, precisava-se

estender o acesso à educação para os diversos cantos do país, ou seja, havia a necessidade de se fazer, com maior brevidade possível aquilo que o colono não quis fazer durante quinhentos anos. Como diz Couto (2010, p. 30), “fala-se hoje mais português em Moçambique do que na época colonial. O governo moçambicano fez mais pela língua portuguesa do que os 500 anos de colonização”. Isso significava ter uma educação muito abrangente na qual o povo pudesse ter acesso, com a política de massificação do ensino que se verificou nos anos iniciais depois da independência.

Por causa da diversidade linguística do país e pela necessidade de dar educação ao moçambicano, a única língua que reunia condição para que esse objetivo fosse alcançado era o português; aliás, o português gozava desse papel mesmo durante o período da luta pela independência do país. Namburete (2006) considera que foi durante a luta de libertação que a FRELIMO resolveu que, no meio das tantas línguas faladas em Moçambique, o português seria aquela usada para a comunicação entre os combatentes. Várias são as argumentações oficiais para esta decisão, incluindo a de que esta seria uma língua “neutra” para servir aos objetivos da luta, sobretudo a de que banindo as línguas moçambicanas nas comunicações entre os guerrilheiros combater-se-ia e materializar-se-ia o espírito da unidade nacional, quando todos os cidadãos falassem uma só língua.

Assim, foi a língua portuguesa que passou a ser a língua oficial do país e também passou a ser a língua de ensino, deixando as outras línguas nacionais com o papel de manter a comunicação em lugares menos formais, como no seio da família, nas comunidades e nos ambientes informais.

### **2.3.1. Classificação das línguas moçambicanas**

Como acontece com muitos países da região ao sul do Sahara, Moçambique é um país que possui diversas línguas e muitas vezes essas línguas se confundem com os grupos étnicos. Para Firmino (2002), Moçambique é um país com treze grupos étnicos: Swahilis, Macuas-Lomués, Macondes, Ajauas, Marave, Nhanjas, Sena, Chuabo, Chonas, Angonis, Tsongas, Chopes, Bitongas; e oito grupos linguísticos: Swahili, Yao, Makua, Nyanja, Senga-Senga, Shona, Tswa-Ronga e Choape. Esses grupos se subdividem em cerca de 20 línguas do grupo linguístico bantu, e outras de origem asiática, distribuídas do norte ao sul do país, sem com isso falar das variações que cada uma dessas línguas possui. Essa diversidade linguística faz da língua uma marca de identidade e de distinção de cada grupo dentro de um universo maior que é o país no seu todo, como bem afirma Leray (2003, p. 120), “a língua é o primeiro vetor

identitário que testemunha a diversidade sociolinguística nas comunidades humanas”. Para melhor ilustrar as línguas moçambicanas, poderá se observar a classificação de Guthrie em que o território moçambicano corresponde a quatro zonas linguísticas distintas, nomeadamente, G, P, N e S (de Norte a Sul)<sup>4</sup> colocadas em diferentes grupos linguísticos, apresentada por Ngunga (2004, p. 46):

1. Zona G: G.40: Grupo Swahili: G.42: Kimwani
2. Zona P: P.20: Grupo Yao: P.21: Ciyao, P.23: Shimakonde, P.25: Shimavilha, P.26:Cimákwe, P.30: Grupo Makhuwua-Lomwe: P.31: Emákhuwana, P.32: Elómwè, P.33: Ngulo, P.34: Echuawabo, P.35: Ekoti
3. Zona N: N.30: Grupo Nyanja: N.31 a: Cinyanja, N.31 b: Cicewa, N.31 c: Cimang’anja, N.40: Grupo Nsenga-Sena: N.41: Cisenga, N.42: Cikunda, N.43: Cinyungwe, N.44: Cisena, N.45: Ciruwe, N.46: Cipodzo
4. Zona S: S.10: Grupo Sena: S.11: Korekore, S.12: Zezuro, S.13 a: Cimanyika, S.13 b: Ciwutewe, S.15 a: Cindau, S.15 b: Cindanda; S.50: Grupo Tswa-Ronga: S.51: Xitswa, S.52: Xigwamba, S.53: Xichangani, S.54: Xironga, S.55: Xihlengwe, S.60: Grupo Copi: S.61: Cicopi, S.62: Gitonga.

As línguas do grupo G são faladas no norte do país, apenas na província de Cabo Delgado. As do grupo P são faladas no norte, nomeadamente nas províncias de Cabo Delgado, Niassa e Nampula, e na Zambézia, no centro do país. As do grupo N são faladas no centro do país, nomeadamente, as províncias de Zambézia, Manica, Sofala e Tete. E as do grupo S são faladas no centro e sul do país, concretamente, nas províncias de Sofala, Manica, Inhambane, Gaza e Maputo.

Dentre as línguas moçambicanas, o emakhuwa é a língua mais falada no país, cerca de 26.3% da população fala esta língua. É uma língua falada no norte do país, concretamente nas províncias de Nampula, Cabo Delgado e Niassa, para além da província central da Zambézia.

O fato de a língua portuguesa não ser a língua mais falada não significa que os seus falantes estejam concentrados numa determinada região como é o caso do emakhuwa no norte do país ou xichangana no sul do país. A língua portuguesa é falada em todas as províncias do país, desde a zona rural à zona urbana com maior incidência na zona urbana, como afirma Firmino

---

<sup>4</sup> Veja o mapa 2, pag. 21.

À medida que a ideologia oficial promove o Português como língua oficial e língua de unidade nacional, a consciência da importância dos valores sócio-simbólicos ligados a esta língua é mais consolidada. Por esta razão, o Português poderá ser actualmente o único símbolo que é amplamente reconhecido pelos moçambicanos e através do qual a ideia de uma nação é imaginada e experimentada, especificamente entre os moçambicanos urbanizados (FIRMINO, 2002, p.240).

Maputo Cidade, por ser o maior centro urbano do país, tem maior concentração de falantes do português, com 43%, seguido de Maputo Província com 27.7% e da província de Sofala com 13.3%. Temos as províncias de Cabo Delgado e Tete com menor índice percentual no que se refere a falantes de português, com as percentagens de 3.4% e 3.3% respectivamente.

O quadro que se segue diz respeito ao número de falantes de língua portuguesa em cada província do país.

|    | Província        | População total | Falantes de português | %    |
|----|------------------|-----------------|-----------------------|------|
| 1  | Maputo Cidade    | 959.474         | 412.162               | 43.0 |
| 2  | Maputo Província | 1.025.871       | 283.665               | 27.7 |
| 3  | Sofala           | 1.338.709       | 177.655               | 13.3 |
| 4  | Zambézia         | 3.021.246       | 277.906               | 9.2  |
| 5  | Nampula          | 3.183.399       | 277.223               | 8.7  |
| 6  | Niassa           | 904.784         | 61.223                | 6.8  |
| 7  | Manica           | 1.131.269       | 64.057                | 5.7  |
| 8  | Inhambane        | 1.058.135       | 57.782                | 5.4  |
| 9  | Gaza             | 1.024.911       | 49.231                | 4.8  |
| 10 | Cabo Delgado     | 1.306.724       | 44.914                | 3.4  |
| 11 | Tete             | 1.415.977       | 4.988                 | 3.3  |

Quadro 1: Falantes de língua portuguesa por província

Fonte: INE. [www.ine.gov.mz](http://www.ine.gov.mz)

É importante referir que a distribuição das línguas por províncias não implica dizer que cada província tem uma língua específica, uma vez que podemos encontrar uma determinada língua a ser partilhada por duas ou mais províncias, como é o caso de emakhuwa que é falada nas províncias de Nampula, Cabo Delgado, Niassa e Zambézia; aliás, esta é a língua mais falada no país como foi referido anteriormente. Para além desta, temos o elomwé que é falado nas províncias de Nampula e Zambézia, o shona nas províncias de Sofala e Manica. Como vimos anteriormente, cada língua apresenta diferentes nomes de acordo com cada autor, temos, por exemplo, echúwabo, que também é designado por cuabo ou chuabo, e pode-se ainda ser chamado por cuambo, sendo o primeiro deles o nome que usamos para este

trabalho. Para melhor ilustrar a distribuição das línguas de acordo com a província onde se fala e as diferentes designações, pode-se observar o quadro que se segue, da autoria de Firmino (2005):

| GUTHRIE (1967-71) | RGPH <sup>5</sup> (1997) | NELIMO <sup>6</sup> (1989) | Sitoe & Ngunga (2000) | Região onde se fala                     |
|-------------------|--------------------------|----------------------------|-----------------------|---|
| Swahili           | Swahili                  | Kiswahili                  |                       | Cabo Delgado                            |
| -                 | Mwani                    | Kimwani                    | Kimwani               | Cabo Delgado                            |
| Yao               | Yao                      | Ciyao                      | Ciyao                 | Niassa                                  |
| Makonde           | Maconde                  | Shimakonde                 | Shimakonde            | Cabo Delgado                            |
| Mabiha (Mavia)    | -                        | -                          | -                     | -                                       |
| Makua             | Macua                    | Emakhuwa                   | Emakhuwa              | Nampula, Cabo Delgado, Niassa, Zambézia |
| Lomwe             | Lomwe                    | Elomwe                     | -                     | Nampula, Zambézia                       |
| Ngulu (W. Makua)  | Ngulu                    | -                          | -                     | Niassa                                  |
| -                 | Koti                     | Ekoti                      | -                     | Nampula                                 |
| -                 | Marendje                 | -                          | -                     | Zambézia                                |
| Cuabo (Cuambo)    | Chuabo                   | Echuwabo                   | Echuwabu              | Zambézia                                |
| -                 | Nyanja                   | Cinyanja                   | Cinyanja              | Tete, Niassa                            |
| Kunda             | Kunda                    | -                          | -                     | Tete                                    |
| -                 | Nsenga                   | Cinsenga/Nsenga            | -                     | Tete                                    |
| Nyungwe           | Nyungwe                  | Cinyungwe                  | Cinyungwe             | Tete                                    |
| Sena              | Sena                     | Cisena                     | Cisena                | Sofala, Manica                          |
| Podzo             | -                        | -                          | -                     | Sofala                                  |
| Shona Cluster     | Shona                    | Cishona                    | -                     | Sofala, Manica                          |
| Korekore          | -                        | -                          | -                     | Manica                                  |
| Tebe              | -                        | Citewe                     | Ciutee                | Manica                                  |
| Ndau              | -                        | Cindau                     | Cindau                | Sofala                                  |
| Rue               | -                        | Cibalke                    | Cibalke               | Manica                                  |
| -                 | -                        | -                          | Cimanyika             | -                                       |
| Tswa              | Tswa                     | Xitshwa                    | Citshwa               | Inhambane                               |
| Gwamba            | -                        | -                          | -                     | -                                       |
| Tsonga            | Tsonga                   | Xitsonga/Xichangana        | Xichangana            | Gaza                                    |
| Ronga             | Ronga                    | Xironga                    | Xirhonga              | Maputo                                  |
| Copi (Lenge)      | Chopi                    | Cicopi                     | Cicopi                | Inhambane                               |
| Tonga (Shengwe)   | Bitonga                  | Gitonga                    | Gitonga               | Inhambane                               |
| -                 | Zulu                     | Zulu                       |                       | Maputo                                  |
| -                 | Swazi                    | Swazi                      |                       | Maputo                                  |

<sup>5</sup> Recenseamento Geral da População e Habitação.

<sup>6</sup> Núcleo de Estudos Linguísticos de Moçambique.

|   |        |        |  |      |
|---|--------|--------|--|------|
| - | Phimbi | Phimbi |  | Tete |
|---|--------|--------|--|------|

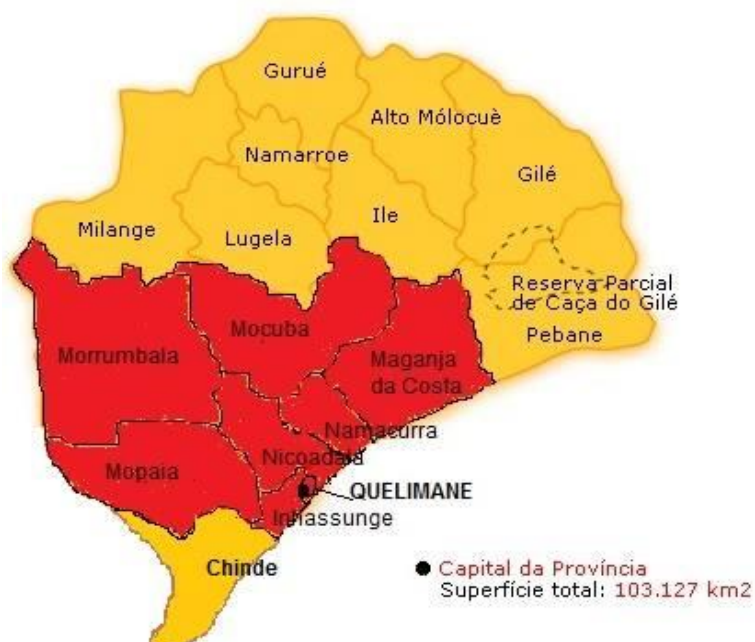
Quadro 2: Diferentes designações das línguas autóctones de Moçambique

Fonte: Gregório Firmino (2005, p.3)

### 2.3.2. A língua echúwabo

A língua echúwabo, segundo Guthrie (1971) apud Ngunga (2004), tem a classificação P34. O echúwabo é uma das línguas faladas na província da Zambézia, concretamente nos distritos de Maganja da Costa, Quelimane, Nicoadala, Namacurra, Inhassunge, Mocuba, Lugela, Mopeia, Morrumbala e Milange; e ainda na Beira, na Província de Sofala.

No mapa que se segue pode se observar a divisão administrativa da província da Zambézia e os distritos onde a língua echúwabo é falada.



Mapa 5: Mapa da província da Zambézia e da língua echúwabo

Importa destacar alguns dados sobre a população e a situação linguística da Zambézia e de Quelimane em particular, pelo fato deste estudo estar a ser desenvolvido num cenário em que a população fala (ou tem contacto com) duas línguas. Isso possibilitará ter uma imagem de como os dados se dispõem, incluindo os dados de pessoas com acesso ao telefone celular, que não deixa de ser importante, visto que este estudo está sendo feito no *facebook*, e o telefone celular é um dos instrumentos que possibilita o acesso a esta rede de interação.

- Número total da população da Zambézia: 4.444.204,00 (projetado para 2012)<sup>7</sup>.
- Número de habitantes de Quelimane: 230.461,09 (projetado para 2013).
- Número de falantes de echúwabo em Quelimane: 68.683 pessoas. (Censo de 2007).
- População que fala português (5 anos ou mais) em Quelimane: 154.623 (Censo de 2007).
- Português como língua materna (5 anos e mais) em Quelimane: 69.442 (Censo de 2007).
- População que sabe ler e escrever (5 anos ou mais) em Quelimane: 114.662
- Pessoas com celular em Quelimane: 16.906 (Censo de 2007).

O echúwabo tem três variedades, a saber:

- a) echúwabo – falado na faixa que liga a cidade de Quelimane à localidade de Mugogoda, cujo raio é de 45 km, aproximadamente. A variedade falada na cidade de Quelimane também se chama echúwabo.
- b) Ekarungu – falado no distrito de Inhassunge.
- c) Marendje – falado nos distritos de Milange, Mocuba, Morrumbala e Lugela.

Tendo em conta a sua distribuição pela província e pelo fato de a Zambézia ser a segunda província mais populosa do país, pode-se considerar o echúwabo como uma das línguas com um maior número de falantes.

### **2.3.2.1. Sistema fonológico da língua echúwabo**

#### **a) As vogais**

O echúwabo, assim como a maioria das línguas moçambicanas, reduziu as sete vogais que caracterizam o sistema vocálico proto-bantu para cinco vogais. No que diz respeito à duração vocálica verifica-se que “nesta língua é contrastiva, podendo todas as vogais sofrer alongamento. Recomenda-se que na escrita, o alongamento seja marcado dobrando-se a vogal em questão. *Otela* ‘casar-se’ vs *oteela* ‘alegrar-se’” (NGUNGA & FAQUIR, 2011, p. 86).

---

<sup>7</sup> Todos os dados estatísticos são do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, disponíveis no site:



No echúwabo ocorrem as seguintes vogais:

|                      | <b>Anterior</b> | <b>Central</b> | <b>Posterior</b> |
|----------------------|-----------------|----------------|------------------|
| <b>Fechadas</b>      | i, ii           |                | u, uu            |
| <b>Semi-fechadas</b> | e, ee           |                | o, oo            |
| <b>Abertas</b>       |                 | a, aa          |                  |

Quadro 3: As vogais do echúwabo

Fonte: Ngunga & Faquir (2011, p. 86)

### b) As consoantes

De acordo com Ngunga (2004), o número de consoantes das línguas moçambicanas varia de uma língua para outra. De acordo com o I Seminário de Padronização sobre Ortografia de Línguas Moçambicanas<sup>8</sup>, são 27 o número de consoantes destas línguas.

| Modo/Lugar | Labial | Labio dental | Interdental | Alveolar | Retroflexo | Palatal | Lab. velar | Velar | Glotal |
|------------|--------|--------------|-------------|----------|------------|---------|------------|-------|--------|
| Oclusiva   | p b    |              |             | t d      | tt dd      | c j     |            | k g   |        |
| Fricativa  |        | f v          | dh          | s z      |            |         |            |       | h      |
| Nasal      | m      |              |             | n        |            | ny      |            | ng'   |        |
| Lateral    |        |              |             | l        |            |         |            |       |        |
| Vibrante   |        |              |             | r        |            |         |            |       |        |
| Semi-vogal |        |              |             |          |            | y       |            | w     |        |

Quadro 4: Consoantes do echúwabo

Fonte: Ngunga & Faquir (2011, p. 86)

### 2.3.3. A situação do português e o ensino em Moçambique

Como foi referido anteriormente, desde o tempo colonial o ensino em Moçambique foi sempre feito na língua portuguesa. Depois da independência o cenário manteve-se, e, no meio de tantas línguas, o português continuou sendo a única língua a gozar de prestígio, sendo usada como língua de ensino e como disciplina. Para além do português, o inglês e o francês são línguas de ensino obrigatório no ensino secundário.

www.ine.gov.mz.

<sup>8</sup> I Seminário de Padronização sobre Ortografia de Línguas Moçambicanas Veja anexo 2, pág. 109.

Depois da independência nacional, tem se verificado um crescimento significativo da língua portuguesa e o número de falantes do português no período pós-independência supera o número de falantes em todo o Período colonial. De acordo com Gonçalves (2012, p. 4), esse crescimento “justifica-se pela política educacional depois da independência, e da pré-disposição da população moçambicana em adotar o português como língua de comunicação em detrimento das línguas bantu”.

Se afirmarmos que a língua portuguesa tem sido usada como língua de acesso ao saber, importa referir que esse acesso tem sido desnivelado quando fazemos comparação entre os homens e as mulheres. Desde as classes iniciais, o número de mulheres tem sido muito reduzido, como se pode ver no quadro que se segue:

| Crianças fora da escola – idade 6 a 12 (2008) |           |          |
|---|-----------|----------|
| Total   | Masculino | Feminino |
| 1 993 000                                     | 43%       | 57%      |

Quadro 5: Número de crianças fora da escola

Fonte: UNESCO - Instituto de Estatística e base de dados (2010)<sup>9</sup>.

Do quadro acima, vê-se que, nas classes iniciais em que as idades vão dos seis aos doze anos e que, geralmente, compreendem ao ensino primário, que vai da 1<sup>a</sup> classe à 7<sup>a</sup> classe, o número de mulheres fora da escola é maior que o dos homens; com 57% para as mulheres e 43% para os homens.

Esta tendência não se verifica apenas nessa faixa etária, as idades seguintes também são marcadas por essa disparidade de acesso ao ensino entre homens e mulheres, como se pode observar no quadro que se segue.

---

<sup>9</sup> Cf. UNESCO. *International Bureau of Education. World Data on Education*. Geneva: UNESCO International Bureau of Education, 2010.

| Jovens fora da escola – idade 15 a 19 (2010) |          |           |          |
|--|----------|-----------|----------|
|  | Todos    | Masculino | Feminino |
| População                                    | 2000 000 | 600 000   | 1400 000 |
| Na escola                                    | 860 000  | 500 000   | 360 000  |
| Fora da escola                               | 1140 000 | 460 000   | 680 000  |

Quadro 6: Número de jovens na escola e fora da escola

Fonte: Ministério de Educação e Cultura (2010)<sup>10</sup>

Esta faixa etária apresentada, geralmente, compreende o ensino secundário, que vai da 8<sup>a</sup> classe à 12<sup>a</sup> classe. Podemos observar que, num universo de 2.000.000 pessoas entre homens e mulheres, o número de mulheres é superior ao dos homens, mas quando olhamos para o número de mulheres na escola constatamos que é inferior ao dos homens e, no que se refere ao número de mulheres fora da escola, é superior ao dos homens.

A taxa de analfabetismo entre homens e mulheres é diferente; aliás, com os dados apresentados anteriormente sobre o acesso à escola, o resultado não poderia ser outro, como se vê no quadro que se segue:

|                | Taxa de analfabetismo |     |           |    |           |    |
|----------------|-----------------------|-----|-----------|----|-----------|----|
|                | Total                 | %   | Masculino | %  | Feminino  | %  |
| Adultos (15+)  | 5 759 000             | 100 | 1 785 290 | 31 | 3 973 710 | 69 |
| Jovens (15-24) | 1 316 000             | 100 | 486 920   | 37 | 829 080   | 63 |

Quadro 7: Taxa de analfabetismo

Fonte: UNESCO - Instituto para Estatísticas e base de dados (2010).

Podemos observar a partir do quadro que, entre as pessoas com mais de 15 anos, as mulheres têm uma taxa de analfabetismo superior à dos homens, com 69% contra 31%. O mesmo se verifica no caso dos jovens com idades compreendidas entre 15 a 24 anos, em que as mulheres têm 63% e os homens 37%.

Olhando para todos os dados apresentados podemos afirmar que o acesso ao ensino em Moçambique continua a favorecer os homens, em detrimento das mulheres, desde as classes iniciais ao ensino superior. Este fator pode estar relacionado ao papel que a mulher

<sup>10</sup> Cf. MINED. *Education Statistics – Annual School Results - 2002*. Maputo: Ministério de Educação, 2003.

ocupa principalmente nas zonas rurais, onde são associadas aos trabalhos domésticos e, pelos casamentos prematuros, determinando com que esta camada social seja menos favorecida no que concerne ao acesso à educação escolar.

#### **2.3.4. Identidade linguística no contexto multilíngue**

Devido à situação multilíngue do país, o contacto entre as línguas é constante. Estamos na situação em que o português é a língua oficial do país, língua de ensino, o que faz desta língua a mais prestigiada de todas as línguas do país. Silva Neto (1988, p. 39) considera que “numa situação de contacto de línguas, a língua de prestígio está sujeita a várias mudanças.” Essa vulnerabilidade que a língua de prestígio sofre deve-se ao fato de o seu uso ser, em muitos casos, inevitável pelos falantes mesmo não sendo a língua majoritária, motivada pela função que ela desempenha no país. Sendo o português a língua prestigiada e a única língua oficial para o caso de Moçambique, ela sofre influência das outras línguas pelo simples fato de esta não ser a língua mais usada no dia-a-dia por uma parte de moçambicanos. Essa situação linguística cria condições para que haja contacto frequente entre duas ou mais línguas, causando mudanças no português. De acordo com Gonçalves (1990, p. 89), a situação de língua segunda (L2) da língua portuguesa em Moçambique “dá naturalmente origem a alterações às regras que regulam o seu uso na variante europeia”, fazendo com que novos traços entrem na língua.

A língua não é apenas um meio de comunicação, é também um meio de manifestação de identidades por parte dos falantes, pelo fato de ela poder transportar valores culturais e étnicos de uma sociedade. Isso faz com que ela ganhe formas peculiares e que irão se diferenciar de outros falantes de outros contextos sociais, embora se tenha a mesma língua como meio de comunicação usado pelos diferentes grupos.

De acordo com Aguilera (2008), a variedade linguística consiste em um traço definidor da identidade do grupo (etnia, povo) e, desse modo, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode tratar-se de uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo.

Embora a língua portuguesa seja a língua oficial, não se pode negar que ela seja influenciada por diferentes marcas do contexto em que ela está inserida, principalmente pelo fato de coabitar com diferentes línguas nacionais. Dela se espera, obviamente, de acordo com a natureza de cada língua em contato, que ganhe uma forma capaz de identificar os seus

falantes no contexto geográfico da sua utilização. De acordo Firmino (2005, p. 67), “qualquer pessoa que fala a sua L1 é socialmente entendida como um forte indicador da sua identidade étnica”; ele avança essa ideia pelo fato de, em Moçambique, o grupo linguístico coincidir com o grupo étnico.

Se uma boa parte dos falantes do português em Moçambique tem como a língua primeira (L1) uma das línguas nacionais, salvo o português, podemos afirmar que o português falado nas diferentes partes do país apresenta marcas de identidade dos falantes com a sua língua e sua cultura, devido ao contacto que o português tem com essas línguas.

A afirmação da identidade cultural de um povo passa pela sua afirmação linguística. Através da língua, valores, hábitos e costumes podem ser transmitidos de um indivíduo para o outro, ou de uma geração para outra, possibilitando a distinção entre membros de grupos culturais diferentes. Leray (2003, p. 120), anteriormente citado, afirma que “a língua é o primeiro vetor identitário que testemunha a diversidade sóciolinguística nas comunidades humanas; a construção identitária não se restringe ao limite de um território mas inscreve-se numa história mestiça de línguas e de culturas”. A própria língua já é um símbolo de identidade cultural, é um patrimônio cultural para além de ser o principal veículo de transmissão da cultura.

Mocambique, como já é sabido, é um país multilíngue, e impossível é falar de uma afirmação e desenvolvimento cultural nesse país, enquanto as outras línguas, fora do português, o que não se verificava na ideologia do período colonial em que apenas o português era visto como língua, portanto, a única valorizada. Essa valorização irá reforçar a questão de identidade linguística dos falantes de todas as outras línguas do país, e um dos caminhos passa necessariamente pela educação, pela integração das suas línguas no ensino.

O processo de introdução das línguas nacionais no ensino em Moçambique teve início em 2003 abrangendo 14 escolas, e as estimativas oficiais apontam para a existência de 200 escolas em 2010, envolvendo 16 das cerca de 20 línguas bantu faladas no país. Esta tendência crescente de ensino das línguas nacionais nas escolas públicas moçambicanas não só vai permitir ao aluno a fácil assimilação dos conteúdos, mas também resgata a valorização dos valores culturais de cada comunidade linguística.

De acordo com INDE/MINED<sup>11</sup> (2003, p. 127), “a introdução das línguas moçambicanas no ensino contribui para a valorização e manutenção da língua e da cultura bem como para o desenvolvimento da auto-estima, afirmação da sua identidade e atitude mais positiva em

---

<sup>11</sup> Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação/Ministério de Educação

relação à escola”. Ideia corroborada por Ngunga ( 2004, p. 5) ao afirmar que “... a Padronização de Línguas Moçambicanas é um símbolo da vontade que nos move no sentido de cada vez mais assumirmos os contornos da nossa identidade histórica e cultural...”.

Em suma, constatamos que em Moçambique assim como em África há uma diversidade linguística, na sua maioria do grupo bantu. A língua echúwabo, assim como as outras línguas bantu faladas em Moçambique, durante longos anos foi menos privilegiada comparando ao português; no entanto, o português falado em cada região do país irá carregar marcas de identidade dos seus falantes, influenciado pela cultura e pelas suas línguas maternas. Essa influência é marcada também pelos empréstimos que as línguas bantu fazem ao português, como veremos na seção que se segue.

### 3. NEOLOGIA E NEOLOGISMOS

Nesta seção iremos trazer alguns conceitos ligados a neologismos, faremos menção dos empréstimos e estrangeirismos e, de casos de empréstimos das línguas bantu moçambicanas para o português.

A evolução das línguas permite que o léxico esteja em constante transformação, fazendo com que haja renovação contínua tendo em vista o preenchimento das necessidades internas dos falantes, num processo em que algumas unidades lexicais entram para o arcaísmo devido ao seu desuso, e outras vão sendo criadas, o que culmina com o enriquecimento do próprio léxico. Assim, de acordo com Martinet (1971) a evolução de uma língua depende da evolução das necessidades comunicativas do grupo que a emprega.

A sociedade pode moldar a língua de acordo com as suas necessidades comunicativas imediatas, e o poder de cada membro da sociedade em participar na criação de novas formas linguísticas; pelo menos é assim como entende Baccega (2007), ao afirmar que

Aprender a falar significa não apenas aprender a utilizar palavras que a sociedade nos entrega prontas, mas (deveria significar também) aprender a produzi-las. E aprender a produzi-las significa ter uma visão crítica da realidade em que se está inserido e, desse modo, participar do movimento rumo à construção de novas variáveis históricas.

O processo de criação lexical é denominado de neologia e a palavra que é criada neste processo denomina-se por neologismo. Cabello (1991, p.323) explicita a distinção entre neologismo e neologia:

Cumprer ressaltar a diferença entre neologismo e neologia. Neologia lexical é a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical. Neologia é, pois, o fato e neologismo, o vocábulo, a criação vocabular nova.

Boulangier (1979, p.65-66) considera neologismo como sendo “uma unidade lexical de criação recente, uma nova aceção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceite numa língua”. Percebe-se, todavia, que só se tem neologismo quando uma nova palavra entra para a língua e que é adotada pelos falantes da língua sem criar problemas para as unidades lexicais existentes, isto é, permitindo com que as diferentes unidades lexicais coexistam na mesma língua.

A formação de neologismos no português é muito antiga, podendo-se afirmar que vem desde os primórdios da sua existência. O léxico inicial do português vem do latim e a sua evolução foi se dando, com o andar dos tempos, por causa dos empréstimos de outras línguas, como é o caso do árabe, das línguas africanas e indígenas no Brasil, só para citar alguns

exemplos; aliás, este processo de mudança acontece com qualquer língua. O fato de a língua sempre renovar o seu léxico possibilita a entrada quase frequente de novos elementos, e atualmente tem sido o inglês um dos maiores fornecedores desses elementos para língua portuguesa.

Barbosa (1996: p. 290) denomina *neologismo alogênético* o item lexical trazido de outra língua, em oposição ao item lexical autóctone, emprestado no interior do próprio sistema linguístico (neologismo semântico ou conceptual) e assim o define:

Deve-se distinguir, inicialmente, o empréstimo interno e o empréstimo externo de palavras. Para primeiro, entende-se como o movimento que se realiza entre vocabulários regionais, entre vocabulários profissionais, entre estes e aqueles ou, ainda, entre tais vocabulários e o vocabulário geral. O segundo refere-se ao empréstimo de um sistema linguístico, integrante de uma macrossemiótica, faz de palavras de outro sistema linguístico, pertencente a outra macrossemiótica.

### **3.1. Processos de formação neológica**

Existem diferentes processos de formação lexical, mas neste trabalho iremos fazer referência a quatro processos, nomeadamente, neologia fonológica, neologia sintática, neologia semântica e neologia por empréstimos. Para o fato termos como suporte estudos desenvolvidos nesta área, especificamente, Alves (2007) e Barbosa (1996), sem deixar de citar outros autores cujos estudos não deixam de ser relevantes.

#### **3.1.1. Neologismo Fonológico**

De acordo com Alves (2007) e Barbosa (1996), este tipo de neologismo resulta da criação de um item lexical totalmente novo, sem base em nenhuma palavra existente. Alves usa a unidade lexical *gás* que tem sido interpretada como oriunda do étimo grego *khaos*, para exemplificar. Barbosa considera que o emprego de neologismos fonológicos como item lexical inédito é bastante raro. Para Barbosa, a produção onomatopeica específica é uma criação fonológica inédita e, “ocorre com menor frequência em todas as línguas, sendo mais comum em discursos literários”. (BARBOSA, 1996, p. 176). A onomatopeia resulta da criação de uma unidade lexical que tenha relação com certos sons ou gritos; ao que se pode entender que, em palavras onomatopeicas, existe sempre uma relação entre a palavra e o significante, como é o caso de “miau” em representação da voz do gato.



### 3.1.2. Neologismo Sintático

De acordo com Alves (2007, p. 14) “ao contrário dos neologismos fonológicos, os neologismos sintáticos supõem a combinatória de elementos já existentes no sistema linguístico português”. São denominados sintáticos porque a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical (junção de um afixo a uma base), mas concerne também ao nível frásico: o acréscimo de sufixos pode alterar a classe gramatical da palavra base, e a composição tem caráter coordenativo ou subordinativo.

Os neologismos sintáticos podem ser formados por:

- a) Derivação prefixal: este tipo de derivação se forma quando é adicionada a uma base (radical) um prefixo, o qual lhe acrescenta uma grande variedade de significados. Ex.: *Desconseguir* =[des<sub>pref</sub> + conseg<sub>Rad</sub> + ir<sub>Suf</sub>] – não conseguir. Este exemplo embora não ocorra no português do Brasil por causa da não reversibilidade do verbo conseguir, em Moçambique verifica-se a sua ocorrência.
- b) Derivação sufixal: ocorre quando um sufixo é associado ao radical, o que, com frequência, altera-lhe a classe gramatical. Ex.: *Loguelar* [-loguel<sub>Rad</sub> + ar<sub>Suf</sub>] – negociar
- c) Composição: o processo de composição consiste na justaposição de bases dependentes ou não; isto é, os seus constituintes podem ser autônomos ou não autônomos e podem ser classificados como subordinativo ou coordenativo. Ex.: **Chapa 100** – transporte semicoletivo de passageiros em Moçambique.
- d) Composição sintagmática: também conhecido pelo seu aspecto morfossintático. É a sequência lexical, cuja ordem dos elementos constituintes é sempre a mesma: determinado seguido de determinante em que a união dos membros é de natureza sintática e semântica, de forma a constituírem uma unidade lexical. Ex.: **Palavra-chave**.
- e) Composição por siglas ou acronímica: É formada por meio de siglas ou acronímias, que têm a função de tornar o processo de comunicação mais simples e eficaz. Ex.: **MICOA** – Ministério para a Coordenação da Ação Ambiental.

### 3.1.3. Neologismo Semântico

De acordo com Barbosa (1996, p. 171), pode ser definido como empréstimo de significado, à medida que, em geral, não pressupõe alterações no significante. O neologismo semântico constitui-se de palavras já existentes, porém, utilizadas com novas acepções, ou seja, forma-se uma palavra por neologismo semântico quando se dá um novo significado, somado ao que já existe; trata-se do surgimento de uma significação nova para um mesmo

segmento fonológico, que passa a ser uma nova unidade de significação. “Por meios dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque..., vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais”. (ALVES, 2007, p. 62). Por exemplo: a palavra *cabrito* significa ‘fora da lei’; a esse significado somamos outro, ‘(corrupção) bom’; *afinar*, que em Moçambique pode ter o sentido de «usar português rebuscado»; o verbo *alarmar* usa-se indiferentemente para “pôr em alarme, assustar” e para «instalar alarme no carro»; *emprestar* significa não só “ceder temporariamente, conceder”, mas também «pedir emprestado»; *esquinar* que corresponde a “desviar” e a “esperar na esquina”; *estilar* alarga o seu conteúdo a “exibir-se”; *matabicho* designa indiferentemente, “pequeno-almoço, gratificação, gorjeta”; *mola* estende o seu conteúdo semântico a “dinheiro”.

Segundo Carvalho (2009, p. 38-39)

Como sempre, necessidades novas são as causas mais frequentes para iniciar uma alteração semântica. Ao transitar de uma língua para outra, o novo termo quase nunca conserva a sua acepção inicial. Acrescenta outras conotações às suas de origem e por vezes subverte o significado. Isto porque mesmo que as significações de uma palavra procedam de seus usos passados, eles se modificam e se adaptam aos novos fatos permanentemente, apesar de os falantes não perceberem e crerem ser a língua uma unidade estática.

### 3.1.4. Empréstimo e Estrangeirismo

A língua portuguesa, como qualquer outra língua sofre influências, que podem ser um conjunto de incorporações que vêm de outras línguas. No entanto, existem vários níveis dessas incorporações. Dentre eles temos os conceitos de estrangeirismo e empréstimo, que, embora semelhantes, são fenômenos específicos e diferentes de incorporações de outras línguas, sendo o léxico o nível que sofre mais influências. Portanto, para melhor se compreender o fenômeno de empréstimo e da língua portuguesa é importante entender como esse fenômeno vem acontecendo.

As múltiplas condições em que se tem processado o desenvolvimento da humanidade têm motivado, de maneira intensificada e (quase) inevitável, contatos e/ou cruzamentos, em diferentes níveis, entre variados povos e culturas, e, por consequência disso, ocorre a presença e utilização de palavras e expressões importadas nas diversas línguas.

A este propósito, Cardoso (1991, p. 15) argumenta que “(...) têm sempre circunstâncias sociais, políticas e/ou econômicas que se colocam como instrumento promotor de trocas linguísticas, responsável, portanto, pela introdução de empréstimos”. O empréstimo de acordo com Galisson e Coste pode ser entendido como sendo “um processo em que uma unidade lexical entra na língua acolhedora sem qualquer transformação” (GALISSON e

COSTE, 1983, p. 228); todavia, não podemos afirmar de uma forma categórica que os empréstimos entram na língua acolhedora sem qualquer transformação, visto que eles podem sofrer transformações tendo em vista a adequar-se à estrutura fonológica e morfossintática da língua acolhedora. Pode-se afirmar que o empréstimo linguístico dá-se quando um falar usa e integra uma unidade ou traço linguístico que não existia antes. Segundo Sandmann, é “uma das formas de as línguas ampliarem seu estoque lexical” (SANDMANN, 1997, p. 72).

Os empréstimos (lexicais) caracterizam-se pela incorporação por uma língua X (por exemplo, língua portuguesa) de unidades (lexicais) ou traços linguísticos existentes numa língua Y (língua echúwabo, por exemplo) e que a língua X não possuía.

De acordo com Ngom (2000), há dois tipos de empréstimo linguístico no campo lexical. O primeiro caso seria quando o vocábulo incorporado em uma língua é reconhecido como um vocábulo estrangeiro, ou seja, os falantes percebem que determinado item lexical é originário de outra língua. Já o segundo tipo seria a completa incorporação do item lexical à língua que o está recebendo de modo que não há o reconhecimento da palavra como um vocábulo emprestado de outra língua. Nesse caso, a palavra torna-se natural para os falantes devido ao seu uso constante, sua ortografia e pronúncia similar a outras palavras da língua materna.

Sobre a integração do *empréstimo* ao léxico geral da língua, Barbosa (1996: p. 292) observa:

Um termo só será considerado empréstimo propriamente dito, quando, numa fase ulterior à da adoção verdadeira pela integração e generalização, tiver alcançado alta frequência e distribuição regular pelos falantes, a ponto de não ser mais sentido como estrangeiro.

Por sua vez o estrangeirismo pode ser entendido como sendo a utilização, de forma original, de uma palavra estrangeira à língua.

Câmara Jr define estrangeirismo como “(...) um empréstimo vocabular não integrado à língua que o toma, conservando das outras os fonemas, a flexão e a grafia, ou vocábulos nacionais empregados com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante. Desta forma, o estrangeirismo não é adaptado à língua tomadora”. (Câmara Jr. 2002 [1973], p.111)

Os termos estrangeiros que entram na língua portuguesa podem sofrer diferentes tipos de adaptações, sejam elas gráficas, com mudanças na escrita, por exemplo, *nocaute* - do inglês *knockout*; fonológicas, com adaptações na pronúncia, como é o caso de *outdoor* em que a pronúncia passa, no caso do Brasil, de acordo com Massini-Cagliari (2011, p. 797), para

*au – tchi – dór*, em que há deslocamento na posição original do acento e ocorre palatalização da consoante /t/ diante da vogal epentética /i/, introduzida para “resolver” a estrutura anômala da sílaba *out*, já que o PB proíbe categoricamente a presença de oclusivas na posição de travamento silábico.

Temos ainda adaptações morfológicas, como as derivações e flexões, com é o caso de: *xerocar*, *xerocado*; ou semânticas, que exprimem adaptações de sentido, como *drible*, que é uma técnica esportiva, mas no português pode também significar “evadir” ou “enganar alguém”. De acordo com Bagno (2004, p. 74), “os estrangeirismos não alteram as estruturas da língua, a sua gramática”, assim como acontece também com os empréstimos.

A adaptação sintática é aquela que exprime uma mudança de classe. Portanto, é preciso criar uma nova palavra para designar essa função.

Existem pessoas que são contra os empréstimos, principalmente em relação aos que se verificam na atualidade, que são empréstimos oriundos do inglês. De acordo com Crystal (2005), o que está a acontecer na verdade é uma mudança no caráter das línguas, influenciadas pela chegada de novos vínculos, como ele afirma – a escrita, o rádio, a televisão, a telefonia, a imprensa. Certamente estes instrumentos são novos tendo em conta a história da humanidade, e verificou-se, nos últimos anos, um desenvolvimento tecnológico bastante assinalável, e que, o produto desse desenvolvimento tecnológico é novo, senão estranho para a maioria dos povos. Sendo assim, não tem havido nomes apropriados para nomeá-los, e como eles já vêm com nomes das línguas que os fabricam, daí a necessidade de manter esses nomes; temos o caso de *internet*, *facebook*, *shopping*, entre outros, que vêm do inglês. O que Crystal encontra é um radicalismo das pessoas que se opõem à entrada desses nomes ingleses na língua; tais oposições podemos encontrar nos radicalistas franceses, e mesmo nos conservadores do português.

O que ele nega não é que a língua seja preservada, mas é o fato de se querer controlar a “vida da língua”, porque nenhuma língua é capaz de se fechar às mudanças e nenhum homem é capaz de controlar essas mudanças. Ele dá exemplo do próprio inglês, que tanto influencia atualmente as diversas línguas: se formos olhar o inglês falado hoje não é o mesmo falado na Idade Média, uma língua germânica que passou para uma língua de base latina e grega, o que significa dizer que o inglês também mudou. Isso não aconteceu só com o inglês, várias outras línguas faladas no mundo passaram pelo mesmo processo, é natural na evolução das línguas. Se o ser humano foi capaz de evoluir durante o tempo, os homens dos primórdios da humanidade não são os mesmos homens de hoje, vários processos se passaram, vários

hábitos tiveram que ser alterados, no entanto, não podia ser a língua, que acompanha o homem em todos esses diferentes momentos, a se manter estática.

O que Crystal nega é essa falácia antiempréstimo. As línguas podem emprestar vocábulos que elas não têm e adaptá-los à sua realidade. O que ele sugere é que se tome maior atenção às línguas ameaçadas de extinção, pois, de acordo com suas palavras, das cerca de seis mil línguas no mundo, é provável que aproximadamente metade delas desapareçam no decurso deste século – em média uma língua morre a cada duas semanas. E esse é um problema na real, e não os empréstimos que têm acontecido vindos principalmente do inglês.

Esta tentativa de travar o uso de empréstimos linguísticos tem criado oposição entre os gramáticos e os linguistas. Para os gramáticos, a língua deve ser ensinada e usada na sua forma padrão, a globalização descaracteriza a língua e isso pode levar à perda da identidade. Por sua vez, os linguistas defendem que os empréstimos não são prejudiciais, eles enriquecem o léxico; não pode haver descaracterização porque a gramática aborda sobre a morfologia, a sintaxe e a pronúncia destas palavras que entram na língua.

#### **3.1.4.1. Empréstimos de Línguas Bantu para o Português**

Segundo Calvet (2002, p. 36), “podemos distinguir três tipos de interferência: as interferências fônicas, as interferências sintáticas e as interferências lexicais”. Para ele, as interferências lexicais podem produzir os empréstimos, e os empréstimos só surgem quando uma determinada palavra não encontra o seu equivalente na língua, o que permite que a palavra pertencente à outra língua seja utilizada e adaptada à pronúncia da língua acolhedora. Mas esta não é a única razão que faz com que haja empréstimos, uma vez que os falantes recorem aos empréstimos mesmo havendo equivalentes nas suas línguas. Calvet diferencia interferências de empréstimos; interferência é um fenômeno individual e empréstimo é um fenômeno coletivo.

Historicamente sabe-se que o português recebeu empréstimos das línguas africanas assim como de outras línguas, como o árabe. No contexto de Moçambique, em que o português encontra-se inserido no mesmo espaço com as línguas bantu, este fenômeno é ainda maior, devido à necessidade existente de usar o português por se tratar da língua oficial. Para Mendes (2010), a maior parte dos empréstimos provenientes das línguas bantu está associada à tradição e à cultura e, na sua maioria, servem para designar pratos tradicionais, frutos e plantas moçambicanas, animais, danças moçambicanas, etnias, danças e rituais tradicionais.

Temos os exemplos de *maconde* – um grupo étnico da Província de Cabo Delgado; *nyambaro* – uma dança tradicional da província da Zambézia; *lobolo* – casamento tradicional

na região sul do país; *mukutto* – um ritual tradicional na província da Zambézia. Essa influência será marcada de acordo com a língua de contacto que o português tiver em cada região do país, fora as palavras que são quase comuns para muitas línguas moçambicanas como é o caso de *mahala* que significa “grátis” em português; esta palavra denomina a mesma coisa em muitas línguas moçambicanas, o que faz com que seja mais usada que a palavra “grátis”. Para além dos casos anteriormente mencionados em que os empréstimos ocorrem, verifica-se também o empréstimo na formação de verbos em português, mas com radical das línguas bantu, assunto que será tratado mais adiante, especificamente sobre empréstimos da língua echúwabo.

Debruçando-se sobre o contexto de Moçambique, no que diz respeito às causas dos empréstimos das línguas bantu, Dias (1990, p. 100) aponta os seguintes fatores:

1. Preenchimento de uma lacuna no léxico da língua portuguesa, quando a realidade a ser referida julga-se inexistente em Portugal, como é o caso de nomes de frutos, comidas e costumes;
2. Preenchimento de uma lacuna no conhecimento da língua portuguesa. Estes são introduzidos por falantes numa fase inicial de aprendizagem da língua portuguesa.
3. Identificação sociocultural entre os falantes (...). Este fato pode ser explicado tendo em conta a situação de diglossia existente em Moçambique pelo estatuto de que o português goza.”

Dos neologismos registrados no Observatório de Neologismo do Português de Moçambique, 29.8% são formados por sufixação, 21.5% são empréstimos, 14.2% são formados por composição, 8.9% por prefixação e 8.6% são neologismos semânticos. Portanto, de acordo com estes dados, a derivação por sufixação é o processo lexical mais produtivo no Português de Moçambique<sup>12</sup>.

### 3.1.4.2. Hibridismo

Assim como os empréstimos, os hibridismos só terão lugar numa situação em que teremos em cena mais de uma língua, não havendo espaço para que se fale em situações em que apenas uma língua determina os constituintes dentro da palavra. Sendo assim, pode-se entender por hibridismo o processo de formação de palavras a partir de elementos pertencentes a duas línguas diferentes.

Kehdi (2007, p. 50) diz que hibridismo “é a designação dada aos vocábulos compostos ou derivados, cujos elementos provêm de línguas diferentes”. Desta afirmação entende-se que

<sup>12</sup> Cf. [http://www.catedraportugues.uem.mz/?\\_target\\_=observatorio-new](http://www.catedraportugues.uem.mz/?_target_=observatorio-new)

o hibridismo pode acontecer em casos de palavras formadas por derivação e composição, por exemplo, nas seguintes combinações do português: autoclave – auto (grego) + clave (latim); burocracia – buro (Francês) + cracia (grego); monocultura – mono (grego) + cultura (latim).

Cunha e Cintra (1990, p. 115) chamam de unidades híbridas “... aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes”. Com esta passagem compreende-se que a posição que cada elemento irá ocupar na composição da nova estrutura não determinará a sua consideração como híbrida ou não, o que interessa é que elas tenham vindo de duas línguas diferentes. Dubois et al (1989, p. 256) considera o hibridismo como sendo “... uma unidade composta em que os constituintes são emprestados a radicais de línguas diferentes”. Esta definição foi questionada por Mendes (2010), no que concerne à sua aplicabilidade nas construções neológicas híbridas mais frequentes que ocorrem no Português de Moçambique, e ela pode induzir ao erro pelo fato de referenciar apenas o processo de formação por composição deixando de fora a derivação, uma vez que, no Português de Moçambique, o hibridismo é um processo de formação que recorre com mais frequência à derivação.

De acordo com Mendes (2010, p. 158), a maioria das formas híbridas em Moçambique pertence à classe de nomes e de verbos. Estas formas podem ser constituídas a partir de:

- a) Morfemas prefixais das línguas bantu, associados à base portuguesa;
- b) uma base lexical de Línguas Moçambicanas, na qual se anexam morfemas portugueses (geralmente sufixos), seguindo o processo de derivação de unidades lexicais da gramática portuguesa; e
- c) uma base inglesa ou de outra língua na qual se juntam sufixos ou desinência verbal portuguesa.

Se o hibridismo pode ser entendido como sendo o processo de formação de palavras a partir de elementos pertencentes a duas línguas diferentes, o empréstimo é “uma forma resultante de uma única língua estrangeira com ou sem transformação” (MENDES, 2010, p. 167). É nesta perspectiva que os dois conceitos vão se diferenciar.

Desta seção podemos compreender que todas as línguas do mundo fazem empréstimos de outros sistemas linguísticos para dar conta de novos elementos que vão entrando para as línguas. Certas vezes esses empréstimos sofrem adaptações ou passam por uma formação híbrida; isso pode ser visto, no caso de Moçambique, onde encontramos formações que resultam de empréstimos de línguas bantu para o português, sendo na maioria dos casos verbos.

Este processo de empréstimos, nos dias de hoje, motivado pelo avanço da tecnologia, podemos encontrar com maior enfoque nas redes sociais, por se tratar de um ponto de

encontro entre as pessoas, principalmente a camada juvenil. Na seção que se segue procuraremos trazer a questão das redes sociais com mais pormenor.



#### **4. A RELAÇÃO FALA - ESCRITA E A OCORRÊNCIA NAS REDES SOCIAIS**

Nesta seção procuraremos trazer conceitos relacionados com a fala, a escrita e a sua ocorrência nas redes sociais; para isso, falaremos, também, da questão do letramento e da alfabetização.

A escrita é muito recente comparativamente à existência do homem, é resultado das diversas descobertas que o homem vem fazendo desde os primórdios das civilizações, tendo em vista a preencher as suas necessidades e facilitar o seu desempenho no relacionamento com o outro, e na dinamização do seu processo de desenvolvimento. A língua escrita não pode ser entendida como mera transcrição ou reprodução da fala feita graficamente, o que significa dizer que não escrevemos exatamente como falamos e não falamos do mesmo jeito como escrevemos. A escrita possui regras próprias previamente estabelecidas e jamais substitui a fala, mas as duas formas se complementam.

Na fala temos a presença do interlocutor, permitindo a utilização de recursos não verbais (paralinguísticos), como a linguagem corporal, facial, entonações diferenciadas e a prosódia. Por outro lado, na escrita, não temos a presença do interlocutor, temos o destinatário do texto que pode ser imaginário. Para a compreensão do conteúdo são usados outros recursos como a pontuação e acentuação gráfica, além de outros recursos gráficos e linguísticos.

Ong (1998) faz distinção entre dois conceitos relacionados com a oralidade; o primeiro ele chama de “oralidade primária” e o segundo de “oralidade secundária”. O primeiro está relacionado com a oralidade das culturas intocadas pelo letramento ou por qualquer conhecimento da escrita ou da imprensa, inclui também neste grupo as pessoas totalmente não familiarizadas com a escrita. O segundo está relacionado com a atual cultura ligada ao desenvolvimento de alta tecnologia, acesso à comunicação por via de telefone, rádio, televisão, internet e todos aqueles meios eletrônicos cujo funcionamento depende da escrita e da imprensa. O ponto de vista de Ong é que na atualidade não existe cultura de oralidade primária no sentido estrito, na medida em que todas as culturas conhecem a escrita e têm alguma experiência de seus efeitos.

É obvio este posicionamento de Ong, porque, na primeira oralidade que é a oralidade primária, a interação é feita fisicamente, é necessário que dois interlocutores ou mais estejam em contato físico para que ela possa ocorrer. Nas sociedades em que a escrita não foi ainda desenvolvida, tudo tende a ser feito oralmente; a transmissão de conhecimentos, informação, valores é feita oralmente e isso passa de geração para geração; a palavra é um grande tesouro, é um bem confiável e que não pode ser traído para não correr o risco de perder toda informação ou conhecimento que a sociedade desenvolveu e precisa ser preservada para que

os outros possam ter acesso a ela. A segunda oralidade, que ele denomina de oralidade secundária, é a que se verifica nas sociedades modernas hoje, principalmente nas pessoas que se encontram em centros urbanos em que a própria dinâmica da vida e a necessidade de estar sempre ligados aos acontecimentos propiciam o uso destes instrumentos, fazendo com que as pessoas possam realizar diversas atividades e monitorar o seu andamento sem que seja necessária a presença física.

Contudo, o que nos parece questionável é quando Ong afirma que, atualmente, não exista oralidade primária, ou seja, o nível de desenvolvimento tecnológico que o mundo atingiu cria condições para que assim se afirme; pelo menos é o que tenta transparecer. Mas ao afirmar assim não estaria levar em conta as várias sociedades no mundo que ainda não dispõem destes meios em que todo o seu processo de transmissão de informação é feito por via da oralidade, e que não têm nenhum contato com a escrita. Como devem ser vistos, por exemplo, os grupos tribais que se encontram no interior da África como os Massai<sup>13</sup> e diferentes outros grupos que não têm acesso à escrita, e que usam outros meios de transmissão de conhecimentos e de valores sociais como o conto, adágios, os ritos de iniciação e toda a estrutura subjacente a uma sociedade oral? Este posicionamento de Ong parece-nos mais generalizado em função das características de uma sociedade urbana em que o cotidiano das pessoas está associada ao uso das tecnologias para a interação. Com isso não se quer dizer que a tecnologia não tenha chegado às zonas rurais, e nem dizer que todas as pessoas deste meio não são capazes de usá-la com conhecimento como qualquer outra pessoa do meio urbano; há sim uma tendência crescente de acesso à tecnologia, porém, abrange um número pequeno de pessoas. O acesso à escrita não é ainda comum para todas as sociedades, e o seu processo histórico leva-nos a compreender que “o acesso à palavra escrita é cultural e dependente do valor associado às práticas de leitura e escrita ao longo da socialização dos falantes” (MATENCIO, 1994, p. 43).

A partir deste ponto de vista, pode se afirmar que a questão da escrita está ligada à história, ao modo de vida e ao valor simbólico que ela representa nos diferentes povos. De acordo com Marcuschi (2003, p. 31), o “... estudo do letramento deve ser vinculado a aspectos etnográficos, pois ele se dá numa estreita relação com a cultura”. Diz ainda que “...todos os

---

<sup>13</sup> Os Massai são uma população africana seminômade localizada no Quênia e no norte da Tanzânia. Sua origem remonta ao baixo vale do Nilo, ao norte do Lago Turkana (no Noroeste do Quênia). Seu idioma é o Maa e o Suaíli, mas também são educados em Inglês. Estima-se que sua população seja de cerca de 800.000 pessoas. Cf. *África Tradicional*. Disponível em: <http://colecaoitan.org/conteudo/pranchas/trajes/Massai.pdf>. Acesso: 30 de Nov 2013.

povos, indistintamente têm ou tiveram uma tradição oral, mas relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição escrita” (MARCUSCHI, 1997, p. 2).

#### **4.1. Alfabetização e Letramento**

A alfabetização e o letramento são conceitos que muitas vezes se confundem devido à imagem com a qual os dois estão relacionados. Contudo, existem diferenças que fazem com que estes dois conceitos sejam tratados de maneiras diferentes, o que podemos ver ao se fazer uma abordagem separada.

##### **4.1.1. Alfabetização**

Sempre que se fala em alfabetização associa-se à escola, o que leva a entender que este processo é exercido neste espaço, ou então é lá onde a sua prática é mais acentuada. Segundo Soares (2007), o termo “alfabetização” etimologicamente, significa: levar à aquisição do alfabeto, ou por outra, ensinar a ler e a escrever. Sendo assim, a essência da alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Para Freire (1985, p. 14) “a alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos (...). A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra”.

##### **4.1.2. Letramento**

O termo “letramento” é recente na Linguística e na educação, e tem sido utilizado para dar referência ao conceito que diz respeito a capacidades de leitura e de escrita. Com isso pretende-se distingui-lo de alfabetização por não ter em conta o grau de escolaridade a que esta, tradicionalmente, estava ligada. De acordo com Soares (1998), este termo surgiu a partir da necessidade de se observar o estado de quem sabe ler e escrever, em contraposição a uma preocupação anterior, que se voltava apenas para o estado ou condição de analfabetismo. Quer-se com isso fazer entender que o letramento não se resume apenas em aprender a ler e a escrever, mas, sim, em fazer o uso efetivo da leitura e da escrita adequando-se às necessidades sociais. O letramento não só se restringe ao ambiente formal, mas pode também ser desenvolvido em ambiente informal desde que o indivíduo tenha contacto com práticas; como afirma Marcuchi, “é um processo de aprendizagem social e histórico da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários [...] um conjunto de práticas” (MARCUCCHI, 2003, p. 22). Kleiman (1995, p. 19) diz que “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto

de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Segundo Soares,

os conceitos de letramento que enfatizam sua dimensão social fundamentam-se ou em seu valor pragmático, isto é, na necessidade de letramento para o efetivo funcionamento da sociedade (a versão “fraca”), ou em seu poder “revolucionário”, ou seja, em seu potencial para transformar relações e práticas sociais injustas (a versão “forte”) (SOARES, 2002 p.78).

Vê-se, todavia, que o letramento não se resume à mera capacidade de conhecimento gramatical ou à capacidade de escrever seu nome, fazer uma cópia ou escrever bilhete; é preciso ter em conta o contexto no qual se escreve, o que se pretende alcançar com o que se escreve e quem são os destinatários do que se escreve. Podemos assim dizer que o letramento não só se consubstancia no uso da sintaxe, mas, acima de tudo, requer o uso da pragmática.

Analisados os dois conceitos – alfabetização e letramento, podemos, nas palavras de Soares concluir que,

alfabetização é a ação de ensinar/aprender a ler e a escrever (...) o Letramento é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 2002a, p.39-47).

### **4.1.3. Letramento digital**

A prática do letramento nos dias de hoje ganhou outra feição como resultado do desenvolvimento científico e tecnológico. Se o letramento já era associado à escrita, hoje não só é visto nesse sentido, mas também no espaço onde ele ocorre; ou seja, é entendida como o processo que envolve a escrita em estreita relação com o meio social onde ela é desenvolvida. O acesso à *internet* e às redes sociais cria condições para que esta prática possa ser exercida em função deste novo espaço que é o ciberespaço. O *facebook*, por exemplo, é um desses lugares onde o letramento é exercido.

Para melhor compreensão deste fenômeno, é relevante conhecer o que são redes sociais e como elas funcionam. É sobre isso que nos propomos a tratar a seguir.

#### **4.1.3.1 Redes sociais**

O mundo tende cada vez mais a se desenvolver tecnologicamente, e esse desenvolvimento tem impacto direto nas vidas das pessoas. O nível de desenvolvimento tecnológico que se atingiu era difícil de se imaginar há 30, 20 anos atrás tendo em conta a velocidade com que as coisas acontecem. Esse desenvolvimento permitiu que a dinâmica dos serviços fosse reduzida, trazendo ganhos significativos em termos de tramitação de

documentos e de redução da burocracia, por exemplo, mas também permitiu o encurtamento de distância entre pessoas que se encontram em espaços geográficos distantes, facilitada por uma das formas de interação dos dias de hoje que são as redes sociais. Diz Aguiar que,

Redes Sociais são, antes de tudo, relações entre pessoas, estejam elas interagindo em causa própria, em defesa de outrem ou em nome de uma organização, mediadas ou não por sistemas informatizados; são métodos de interação que sempre visam algum tipo de mudança concreta na vida das pessoas, no coletivo e/ou nas organizações participantes (AGUIAR, 2007, p.2).

Os dias de hoje são marcados pela criação de novos instrumentos dentro das redes sociais, que vêm facilitar ainda mais a comunicação entre as pessoas, como é o caso do *facebook*. Essas ferramentas emergentes, como diz Recuero (2009), são marcadas pela existência de atores, que são as pessoas individualmente que interagem mutuamente, e os grupos que são criados dentro desses espaços e que os indivíduos fazem parte e, toda a opinião ou conteúdo das mensagens devem estar de acordo com as regras do grupo que são previamente definidas.

Segundo Recuero (2009), as redes sociais que são desenvolvidas na atualidade são aquelas expressas a partir das interações entre os atores sociais. São redes cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador. Nas redes de filiação, há apenas um conjunto de atores, mas são redes de dois modos, porque é estudado um conjunto de eventos aos quais um determinado ator pertence. Para Recuero, chama-se rede de dois modos porque são medidas duas variáveis: além dos atores-indivíduos, são observados os eventos. Cada um desses eventos é, ainda, um elemento de conexão de um conjunto de atores. As redes de filiação seriam, assim, constituídas de dois tipos de nós: os atores e os grupos.

As redes sociais possibilitam que as informações cheguem simultaneamente para todos os que se encontrem ligados ou que pertençam ao grupo e que estejam conectados à internet. Para Santaella (2003), “uma rede acontece quando os agentes, suas ligações e trocas constituem os nós e elos de redes caracterizadas pelo paralelismo e simultaneidade das múltiplas operações que aí se desenrolam” (SANTAELLA, 2003, p.89). Muitas vezes elas permitem que reuniões ou conferências possam ser realizadas mesmo que as pessoas não estejam presentes fisicamente; é o mundo virtual, um mundo que procura ter as pessoas mais próximas uma das outras através da conexão por via de um computador ou mesmo telefone celular ligado à *internet*.

Sempre que o computador estiver ligado às redes digitais cria-se a possibilidade para que se troquem mensagens entre duas ou mais pessoas, ou para que participem nas conversas dentro de grupos, participem de conferências sobre os mais diversos temas, tenham acesso às informações partilhadas, construam juntos mundos virtuais puramente lúdicos – ou mais sérios -, constituam uns para os outros uma imensa enciclopédia viva, desenvolvam projetos políticos, amizades, cooperações.

Um dos espaços que muita gente tem em mente quando se fala de redes sociais é o *facebook*. Novo em termos de criação, mas que ganhou um grande número de usuários em pouco tempo. Vejamos então como o *facebook* apareceu e se tornou um lugar de acesso de massas.

#### **4.1.3.2. Facebook**

O *facebook* é um instrumento de interação indispensável para a maioria das pessoas de hoje, principalmente os jovens. Este instrumento foi criado em 2004, pelo americano Mark Zuckerberg, ainda na fase em que era estudante da Universidade de Harvard. Ele criou o *facebook* com objetivo inicial de facilitar a interação entre os alunos da faculdade, como um meio de estreitar as relações entre os membros desta classe, como explica Recuero:

O foco inicial do Facebook era criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário: o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, o que, nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais. O sistema, no entanto, era focado em escolas e colégios e, para entrar nele, era preciso ser membro de alguma das instituições reconhecidas (RECUERO, 2009, p.171).

Atualmente o *facebook* não é apenas um instrumento para os jovens estudantes das universidades dos Estados Unidos, das escolas e dos colégios; é um instrumento para todas as universidades do mundo, para as instituições públicas e privadas, para o comércio, para a política, em suma, para toda a sociedade. Com sua natureza de fácil acesso e a rapidez que cria para transmissão de mensagens tem vindo a ganhar cada vez mais adeptos, principalmente porque é possível acessá-lo por via de telefone celular. Assim, quem se encontra fora de casa, na rua, na praia ou em qualquer outro lugar, pode acessar e interagir com as mais diversas pessoas que estiverem conectadas.

Pelo fato de se poder criar vários grupos no *facebook*, torna-se ainda maior a presença de pessoas conectadas a todo o momento, porque, nesses grupos, podem ser compartilhados textos, livros, eventos, aulas, e também é um bom lugar para se fazer negócios através de

publicações de artigos à venda. É um instrumento que tem sido explorado pelos políticos, principalmente em épocas de campanha eleitoral; faz com que usem como meio para transmissão de mensagens aos eleitores, para receber opiniões, e fazer chegar com maior rapidez a sua mensagem a um número grande de pessoas.

#### 4.1.3.3. O *chat* e a escrita

Se a escrita e a oralidade ocupam espaços diferentes no campo da sua realização, em salas de bate-papo *chat* encontramos um casamento entre eles quase perfeito. Há uma presença significativa de marcas da oralidade na escrita, o que faz com que o texto seja diferente da tradicional forma da escrita, que passa pela noção e aplicação de regras pré-estabelecidas de como deve ser um texto escrito; e no *chat*, a escrita acaba fugindo a essa regra do texto escrito. Nesse espaço, as pessoas escrevem como se estivessem falando, como se o seu interlocutor estivesse à sua frente e precisasse ver e perceber todas as manifestações existentes em função da conversa que está a decorrer. Na verdade, o que aparece neste tipo de conversas é a fala que é materializada em forma de texto, fazendo convergir a fala e a escrita no mesmo espaço, como se pode entender no parágrafo que se segue:

A “fala virtual” se materializa em um texto escrito, porque se organiza estruturalmente na forma escrita, utilizando-se do código alfabético escrito e suas regras de combinação para formar sequências de signos, que darão origem aos enunciados, textos e discursos. E é um texto falado porque se utiliza da estrutura da fala, uma vez que se representam as palavras da forma coloquial, utilizando-se de gírias, onomatopeias; porque é marcado pela espontaneidade, pela sincronia (ALMEIDA, 2011. p. 39).

Dentro deste prisma, não se pode olhar este tipo de texto como apenas um texto escrito, porque encontramos marcas significativas da oralidade, nem se pode olhar como um texto oral, porque ele aparece por meio da escrita. Como anteriormente se afirmou, é um casamento entre as duas modalidades e deve ser tratado como tal, principalmente porque nos leva a outro tipo de análise. Trata-se de um fenômeno novo, um fenômeno com que nós devemos nos habituar a conviver, porque o acesso à tecnologia torna-se cada vez maior, fazendo com que as conversas, que geralmente eram feitas por meio da oralidade ou escrita através de cartas e bilhetes, passem a ser feitas por via da *internet*, permitindo que o oral e o coloquial apareçam dentro da escrita. Este fenômeno, de acordo com Catala, “relançam novos diálogos e novos espaços que obviamente requerem ser renovados e inovados como resposta a uma maior velocidade na expressão e agilidade de comunicação” (CATALA, 2009. p. 15).

Difícil é saber até que ponto este fenômeno de presença do oral no escrito irá transformar o sistema linguístico, em que há uma separação entre o escrito e o oral. Parte-se de uma visão dicotomizada entre o escrito e o oral, como modalidades totalmente desconectadas. Na verdade, essa visão é fortemente questionada, e hoje defende-se uma visão gradual, em que manifestações específicas se localizam em algum ponto específico de uma escala que vai de textos com concepção oral e meio de realização oral a textos com concepção escrita e meio de realização escrita.

A própria existência de textos híbridos como os que encontramos no *facebook* é prova de que não se trata de realidades totalmente separadas. Com o desenvolvimento tecnológico e a expansão cada vez maior do acesso à *internet* mostram claramente que essa convivência entre o oral e o escrito no mesmo texto tende a enraizar-se e, portanto, torna-se necessário avançar mecanismos novos para o seu estudo.

O que pudemos ver nesta seção é que a oralidade é mais antiga que a escrita. A escrita foi inventada mais tarde e aprimorada para responder às necessidades do próprio homem; porém, há sociedades que ainda não fazem o uso da escrita. Quando falamos do mundo digital em que o uso da internet tem um papel fundamental na relação e interação entre as pessoas, a questão da oralidade e da escrita ganha outra feição, justificada pelo fato de coabitarem o mesmo (ciber) espaço.

Numa sociedade onde coabitam duas ou mais línguas, é frequente que este fenômeno de presença do oral no escrito se verifique na interação entre os falantes dessas línguas, o que permite a interferência de um sistema linguístico no outro. Isso acontece, por exemplo, com os falantes do português na cidade de Quelimane pelo fato de, para além de português, serem falantes do echúwabo. Um dos pontos mais notáveis da interferência é o verbo, que tem sido emprestado do echúwabo para o português, como veremos adiante. Mas antes de discutir esse aspecto é importante conhecer os verbos da língua echúwabo, assunto que podemos ver na seção que se segue.



## 5. OS VERBOS NA LÍNGUA ECHÚWABO

Nesta seção iremos tratar, com maior enfoque, dos verbos em echúwabo, mas para tal, tendo em vista a melhor compreensão, iremos também falar dos verbos em português. Tratando-se de uma questão gramatical, antes de avançar para a descrição dos verbos, importa primeiro falar da gramática das línguas, principalmente pelo fato de o estudo estar vinculado a duas línguas distintas.

### 5.1. Estrutura verbal do português

O verbo, paralelamente ao nome, apresenta duas partes: uma invariável e outra sujeita ao mecanismo flexional. Como se sabe, os temas nominais diferem dos verbais.

A marcação da conjugação verbal é realizada pela vogal temática, ocorrendo apenas três tipos de conjugações: **a-** primeira, **e-** segunda e **i-** terceira. No entanto, no português, as duas últimas conjugações não são produtivas, isto é, tem menos possibilidade de ocorrência, e incluem os verbos irregulares, enquanto que a primeira é produtiva e envolve os verbos regulares.

1ª Conjugação: fal (radical) + **a** (vogal temática) + r, trabalh (radical) + **a** (vogal temática) + r, ajud (radical) + **a** (vogal temática) + r.

2ª Conjugação: quer (radical) + **e** (vogal temática) + r, diz (radical) + **e** (vogal temática) + r, perd (radical) + **e** (vogal temática) + r.

3ª Conjugação: fing (radical) + **i** (vogal temática) + r, sorr (radical) + **i** (vogal temática) + r, fug (radical) + **i** (vogal temática) + r.

“É através das desinências que os verbos se distanciam das classes dos nomes. Enquanto nestes existem as categorias de gênero e de número, nos verbos as desinências marcam o modo, o tempo, a pessoa e o número” (MONTEIRO, 2002, p. 101). As categorias verbais são as seguintes:

a) Modo: indicativo, subjuntivo e imperativo

b) Tempo: presente

pretérito: imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito

futuro: do presente, do pretérito.

c) Pessoa: primeira (falante), segunda (ouvinte) e terceira (assunto).

d) Número: singular e plural.

Fórmula da estrutura verbal segundo Monteiro (op.cit):

$$V=T (Rd +VT) + F (DMT + DNP)$$

De acordo com Mateus et al (1990), na língua portuguesa, a constituição das palavras, em particular as formas por derivação, envolve, necessariamente, um radical (morfema preso) e um afixo (prefixo ou sufixo). O radical representa o constituinte responsável pelo significado básico de todas as palavras e, salvo exceção, só pode ocorrer num enunciado quando associado a outros morfemas, enquanto que o afixo é o elemento responsável pela modificação desse significado básico e pela especificação das propriedades gramaticais de cada palavra; por exemplo:

Normal=norm (radical)+al (afixo:sufixo)

Anormal=a (afixo:prefixo)+norm (radical)+al (afixo:sufixo)

## 5.2. Estrutura verbal do echúwabo

Quase todas as línguas bantu apresentam uma estrutura verbal muito complexa. De acordo com Ngunga (2004), essa complexidade varia de língua para língua e em muitas línguas, o verbo conjugado traz consigo marcas de sujeito, objeto, tempo e número. Isso faz com que a frase esteja centrada no verbo.

Para o caso do echúwabo a situação não varia tanto quanto as outras línguas bantu, no que se refere aos constituintes do verbo. De acordo com Buramo et al, (2009, p. 12), o verbo em echúwabo consiste das seguintes partes:

1. Prefixo de sujeito
2. Marcação de tempo
3. Prefixo do objeto
4. Raiz verbal
5. Extensão verbal
6. Vogal final

Todas essas partes constituintes do verbo em echúwabo podem se ver na seguinte conjugação:

ddahimuguliyedha – vendi a ele

dd – prefixo de sujeito  
 ahi - marcação de tempo  
 mu – prefixo de objeto  
 gul – raiz verbal  
 iy – primeira extensão verbal  
 edh – segunda extensão verbal  
 a – vogal final

Assim, de acordo com (op. cit), podemos ter a na estrutura verbal do echúwabo a seguinte fórmula:

$$\mathbf{V=MS + MT + MO + Rd + Exts + VF}$$

### 5.2.1. Raiz verbal

Raiz verbal é uma parte do verbo que é caracterizada por expressar o seu significado. Como todas as línguas, o verbo na língua echúwabo apresenta raiz verbal, que se apresenta sem a vogal *o* inicial e a vogal final que aparecem no infinitivo.

|         |           |
|---------|-----------|
| -log-   | ‘falar’   |
| -kos-   | ‘fazer’   |
| -fug-   | ‘fechar’  |
| -ttaw-  | ‘fugir’   |
| -kaan-  | ‘obter’   |
| -lum-   | ‘morder’  |
| -barel- | ‘impedir’ |
| -nuk-   | ‘cheirar’ |
| -volow- | ‘entrar’  |
| -veg-   | ‘brincar’ |

Para melhor ilustrar o que acontece com os verbos no echúwabo, iremos mostrar a posição dos afixos nos três primeiros pontos dentro do verbo: o prefixo do sujeito, a marcação de tempo e o prefixo do objeto.

### 5.2.2. Os afixos

Afixo é, pois, a parte da palavra que se combina com o semantema, sempre na qualidade de forma presa. Dito de outra maneira, é uma forma agregada obrigatoriamente a uma base que constitui a entidade lexical. (MONTEIRO, 2002, p. 53).

Os afixos que existem no português são: prefixo, sufixo, interfixo, infixo, circunfixo e confixo. Dentre estes afixos destacaremos dois, que são os que ocorrem com mais frequência no português e no echúwabo: trata-se de prefixo e sufixo.

Prefixo – acrescenta-se antes de um vocábulo existente. (irregular)

Sufixo – vem após o radical ou tema de uma palavra. (regularmente)

E temos casos em português em que os dois afixos ocorrem simultaneamente. (irregularmente), no que é chamado de derivação parassintética.

Para se ter uma melhor compreensão de como ocorre o afixo no echúwabo, vejamos o exemplo dos afixos pessoais.

### 5.2.3. Posição dos afixos pessoais no echúwabo

Contrariamente ao que acontece no português, no echúwabo, os afixos pessoais ocorrem como prefixo, “o autor de uma determinada ação é identificado pelo prefixo do sujeito no verbo” (BURAMO. C. et al, 2009, p. 13). Podemos constatar esse fato, por exemplo, com o verbo *ologa*, que significa ‘falar’ em português.

|        | Echúwabo  | Português | Echúwabo | Português |
|--------|-----------|-----------|----------|-----------|
| Pessoa | singular  |           | plural   |           |
| 1      | ddinologa | ‘falo’    | ninologa | ‘falamos’ |
| 2      | onologa   | ‘falas’   | munologa | ‘falais’  |
| 3      | onologa   | ‘fala’    | anologa  | ‘falam’   |

Desta conjugação, é possível ter-se os seguintes afixos de marcação de pessoa<sup>14</sup>:

|        | Echúwabo/Português |     | Echúwabo/Português |      |
|--------|--------------------|-----|--------------------|------|
| Pessoa | singular           |     | plural             |      |
| 1      | ddi-               | -o  | ni-                | -mos |
| 2      | o- (w-)            | -as | mu-                | -ais |
| 3      | o- (w-)            | -a  | a-                 | -am  |

<sup>14</sup> Nos exemplos dos afixos pessoais o *no* da conjugação (ex. **on**ologa) não aparece porque não faz parte do prefixo do sujeito, mas sim da marcação de tempo. As formas em parênteses mostram a forma do prefixo quando for seguido de uma vogal.

Na língua echúwabo a maioria dos verbos têm uma característica comum: são marcados por uma vogal inicial, exemplo, *ologá* – ‘falar’, *ofuna* – ‘querer’, *okoya* – ‘guardar’, *ovetha* – ‘peneirar’, etc.

#### 5.2.4. Marcação de tempo

A marcação de tempo varia de língua para língua porque ela transporta valores socioculturais que permitem aos membros pertencentes a uma determinada sociedade saberem fazer a localização do tempo; isto é, permite fazer a distinção entre o passado, o presente e o futuro. É quase comum a existência destes três tempos (passado, presente e futuro) em várias línguas, embora a localização destes tempos verbais possa variar em certas línguas. Na língua echúwabo, também encontramos os três tempos verbais.

O prefixo temporal na língua echúwabo encontra-se na segunda posição do verbo que indica o tempo quando o evento expresso no verbo tem lugar, como se pode ver nas frases que se seguem, de Buramo et al, (2009, p.14)<sup>15</sup>:

| Echúwabo                      | Português                 |                   |
|-------------------------------|---------------------------|-------------------|
| Iyene ogwadda miri            | Ele cortou árvores        | Pretérito simples |
| Iyene <b>no</b> gwadda miri   | Ele está cortando árvores | Presente          |
| Iyene <b>nelo</b> gwadda miri | Ele cortará árvores       | Futuro simples    |

Afixos: Prefixo **no-**, no presente; **nelo-**, no futuro simples. No pretérito simples não há prefixo.

|                           |             |                      |
|---------------------------|-------------|----------------------|
| Iyene <b>wahittukula</b>  | Ele levava  | Pretérito imperfeito |
| Iyene <b>agahittukula</b> | Ele levaria | Condicional          |

Afixos: prefixo: **wahi-** no pretérito imperfeito e, **gahi-** no condicional.

|                         |              |                      |
|-------------------------|--------------|----------------------|
| Iyene <b>attukule</b>   | Se ele levar | Futuro do subjuntivo |
| Iyene <b>attukulaga</b> | Ele levando  | Gerúndio             |

Afixos: sufixo: **-e** no futuro do subjuntivo e, **-ga** no gerúndio.

<sup>15</sup> Cf: Buramo et al. Algumas notas gramaticais sobre Ecuwabo. Nampula: SIL Moçambique, 2009, p. 14

### 5.2.5. Prefixo de objeto

De acordo com Buramo et al ( 2009, p. 15), “na terceira posição no verbo pode-se indicar o objecto ou pessoa que sofre a acção praticada pelo sujeito”, como ilustrado nos exemplos que se seguem:

|  |              |
|--|--------------|
| Iyene onod <b>dd</b> ittukula          | Ele me leva  |
| Iyene onoh <b>hu</b> ttukula           | Ele te leva  |
| Iyene onom <b>mu</b> ttukula           | Ele o leva   |
| Iyene onon <b>ni</b> ttukula           | Ele nos leva |
| Iyene onoh <b>hu</b> ttukul <b>ani</b> | Ele vos leva |
| Iyene onow <b>wa</b> ttukula           | Ele os leva  |

| Echúwabo     | Português |            |
|--------------|-----------|------------|
| a) -ddi-     | me        | 1 singular |
| b) -hu-      | te        | 2 singular |
| c) -mu-      | o/lhe     | 3 singular |
| d) -ni-      | nos       | 1 plural   |
| e) -hu-, -ni | vos       | 2 plural   |
| f) -wa-      | o/lhes    | 3 plural   |

Veja que nos exemplos b) e e), os prefixos do objeto são idênticos, portanto, a diferença no significado marca-se através do sufixo –ni na formação da segunda pessoa do plural.

Embora sejam considerados de prefixo por Buramo et al (2009), eles são, na verdade, infixos, porque nunca ocorrem na posição inicial do verbo. Se conjugarmos o verbo partindo da marcação do objeto, fica sem significado algum.

Das três partes dos verbos analisadas, é possível constatar que a maior parte dos afixos no verbo em echúwabo são marcados na posição prefixal. Na marcação de pessoa apenas ocorrem prefixos, com excessão da segunda pessoa do plural que tem afixo descontínuo. Na marcação de tempo ocorrem prefixos e sufixos e, na marcação de objeto ocorrem infixos e sufixos, sendo que o infixo e o sufixo ocorrem na mesma categoria gramatical – 2ª pessoa do plural.

### 5.2.6. A extensão verbal

Uma das características que o verbo do echúwabo apresenta é a sua extensão, o que permite com que ganhe outro significado. Essas extensões sempre aparecem na posição de

sufixo e podem receber diferentes nomes de acordo com as funções que desempenham junto do verbo, como ilustra o quadro abaixo.

| <b>Forma básica</b> | <b>Forma expandida</b>           | <b>Nome da extensão verbal</b> | <b>Sufixo</b> |
|---------------------|----------------------------------|--------------------------------|---------------|
| Ottidda<br>Agarrar  | Ottiddiwa<br>Ser agarrado        | Passiva                        | <b>-iw</b>    |
| Osunza<br>Aprender  | Osunziha<br>Ensinar              | Causativa                      | <b>-ih</b>    |
| Ottidda<br>Agarrar  | Ottiddana<br>Agarrar um ao outro | Recíproca                      | <b>-na</b>    |
| Ofuga<br>Fechar     | Ofugula<br>Abrir                 | Reversiva                      | <b>-ul</b>    |
| Odhowa<br>Ir        | Odhowela<br>Buscar               | Aplicativa                     | <b>-el</b>    |
| Ozugunuwa<br>Virar  | Ozugunuca<br>Fazer virar         | Intensiva                      | <b>-c</b>     |
| Ohona<br>Ver        | Ohoniya<br>Ser visível           | Estativa                       | <b>-iy</b>    |

Quadro 8: Extensão verbal do echúwabo

Fonte: Buramo et al (2009, p. 16)

Vimos que os verbos do echúwabo apresentam a sua estrutura diferenciada, assim como acontece com qualquer outra língua do mundo. A maior parte dos verbos do echúwabo é marcada pela vogal inicial *o* e têm a particularidades de terem a extensão verbal que vai influenciar no significado dentro da frase.

Os verbos do echúwabo são emprestados para o português nas conversas no *facebook* formando, assim, um novo verbo do português. Falaremos sobre isso a seguir e dos procedimentos metodológicos usados para descrever este fenômeno linguístico.

## 6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção trataremos dos procedimentos metodológicos adotados para a realização do trabalho. Trataremos também como os dados foram processados e quem são os principais intervenientes ligados à pesquisa e, ainda, os requisitos adotados para a sua seleção.

Uma das formas adotadas para analisar o nosso fenômeno é a descrição dos processos de ocorrência e as adaptações sofridas ao entrar na língua portuguesa. Para além da descrição do fenômeno e dos mecanismos da sua ocorrência, usamos também o método quantitativo para apurar a quantidade numérica dessas ocorrências. De acordo com Richardson *et al.* (1999, p. 70) o método quantitativo

caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de recolha de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão, etc. (RICHARDSON, *et al.*, 1999, p. 70).

Antes de avançar com os passos usados para o trabalho, primeiro importa falar como surgiu o interesse pelo trabalho.

A nossa pesquisa inicial não estava voltada para estudo em redes sociais e não era objetivo fazer um estudo virado para esta área. Mas depois da nossa conversa, achamos interessante fazer o nosso estudo no *facebook*, isso por dois grandes motivos:

1. pelo fato de *facebook* ser um novo espaço de interação, onde as pessoas, principalmente os jovens, encontram-se diariamente e nele são desenvolvidas conversas. Neste sentido, interessava-nos saber como é que os jovens da cidade de Quelimane fazem o uso deste espaço, principalmente por ser uma sociedade bilíngue, e perceber como é que essas línguas aparecem no *facebook*.
2. Pelo fato de o mestrado ter apenas dois anos, o que dificultaria a viagem para Moçambique tendo em vista a coleta de dados; o *facebook* passou a ser a alternativa, visto que não é necessário que a pessoa se desloque ao local onde o fenômeno ocorre, diminuindo assim os gastos que seriam necessários para uma pesquisa de campo.

Sendo assim, consideramos que a presente pesquisa é de extrema importância para a variedade do português de Moçambique, isto porque as línguas mudam tendo em conta diversas variáveis. Esta pesquisa será baseada num estudo quantitativo. Para o alcance dos objetivos utilizou-se o programa *Goldvarb 2001*, programa que nos permitiu obter a frequência absoluta, quer dizer, o número de ocorrências; a frequência relativa, quer dizer, os percentuais e os pesos relativos.



### 6.1. Constituição do *corpus*

O corpus da pesquisa foi obtido nas redes sociais, nas conversas do *facebook*, concretamente das publicações que são feitas nas contas dos usuários. Este tipo de espaço é caracterizado pela liberdade das pessoas poderem interagir mesmo que não tenham sido convidadas diretamente. Consiste em comentários feitos sobre uma determinada postagem sobre um determinado assunto, e os diferentes intervenientes vão deixando os seus comentários. Isso pode ser feito no mural de cada pessoa ou em grupos abertos ou fechados, desde que a pessoa faça parte destes grupos.

Dos dados obtidos analisamos escritas nas sentenças em português e as sentenças em echúwabo usadas pelos internautas na sua comunicação. Foram analisados dados de 16 pessoas todos residentes na cidade de Quelimane.

### 6.2. Recolha de dados

A pesquisa decorreu em duas fases, tendo sido obtidos 1290 dados que correspondem a frases com ocorrência de verbos do português e do echúwabo. A primeira fase foi de Abril de 2012 a Abril de 2013; ou seja, durante um ano. A segunda fase foi de Maio de 2013 a Novembro de 2013. A pesquisa decorreu nessas duas fases porque, na primeira fase, os dados levantados não foram suficientes para que pudéssemos chegar a conclusões sobre o nosso fenómeno em estudo; com o segundo levantamento de dados houve uma melhora para a obtenção dos resultados, o que nos leva a pensar em dois fatores como fundamentais para que isso tenha acontecido: o tempo e o número de amigos.

- a) O tempo: o acesso ao *facebook* é quase diário e isso faz com que as pessoas desenvolvam conversas e comentem publicações quase todos os dias. Isso permite com que o número de conversas seja maior, o que nos leva a concluir que, quanto maior for o tempo, maior é o número de conversas;
- b) número de amigos: as solicitações de amizades são também constantes no *facebook*, o que faz com que o número de amigos cresça a cada dia. Sendo assim, podemos afirmar que, quanto maior for o número de amigos, maior é o rol de conversas e comentários envolvendo os diferentes intervenientes.

A recolha de dados na segunda fase não obedeceu ao mesmo critério usado na primeira fase. Na primeira fase, a recolha foi feita diariamente; ou seja, todos os dias de Abril de 2012 a Abril de 2013, seguindo todos os comentários em tornos das publicações, mas isso não quer dizer que todos os dias conseguíamos encontrar o que pesquisávamos. Na segunda fase, os

dados foram recolhidos em um mês; isto é, os dados de Maio a Novembro de 2013 foram recolhidos no mês de Dezembro de 2013. Isso aconteceu porque depois de terem sido recolhidos dados correspondentes a um ano, a nossa pesquisa parou para o tratamento de dados e, pela necessidade de aumentar os dados dentro do período de tempo existente, apenas este critério era válido.

Felizmente uma das vantagens do *facebook* é de poder-se ter acesso às publicações dos dias, semanas, meses e anos anteriores, bastando apenas dirigir-se ao perfil de quem estamos a levantar os dados, e seleccionar o ano que queremos e clicar para obter os dados, como se vê na figura.

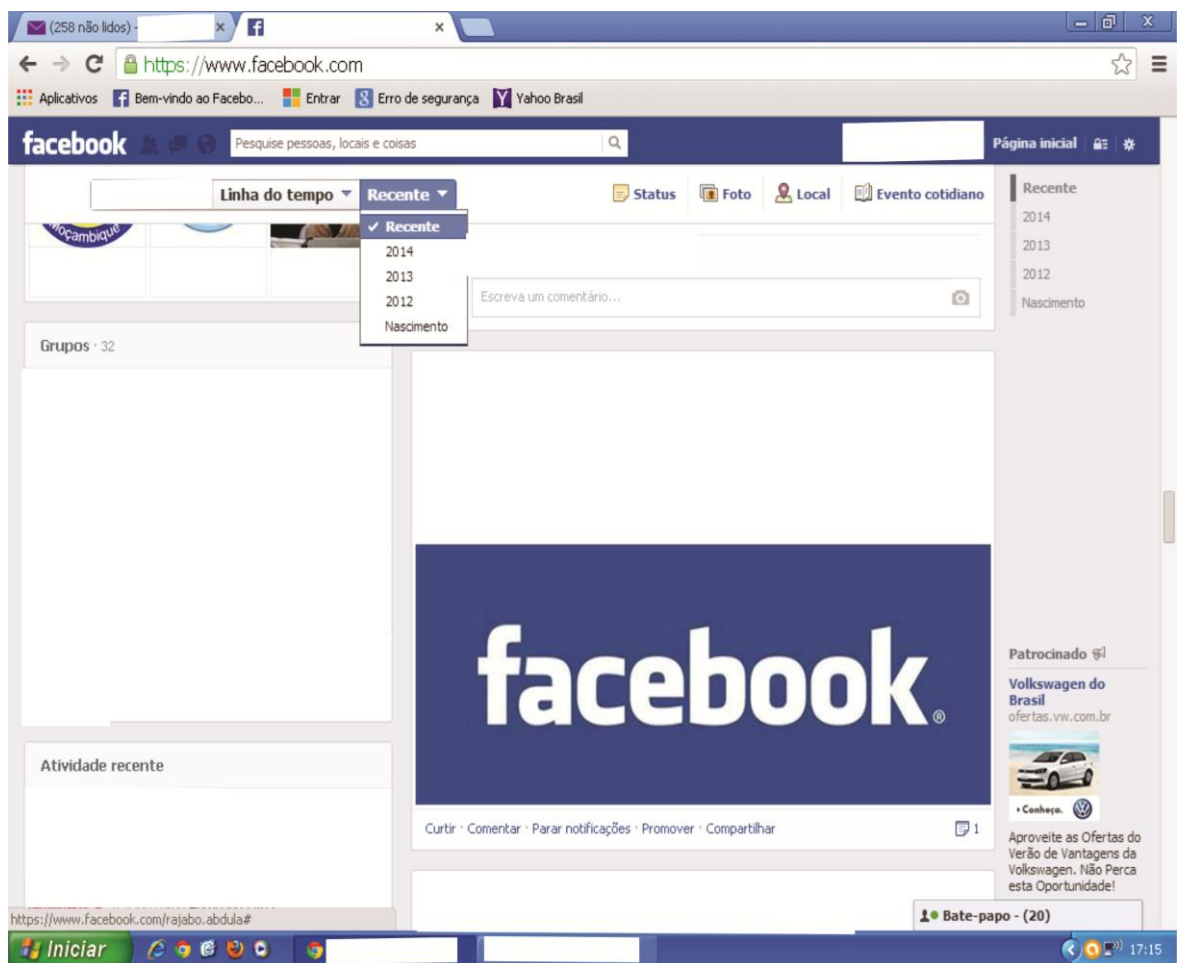


Figura 1: Página do facebook

A desvantagem do critério adotado para a segunda fase é de correr o risco de o dono da conta excluir certas publicações, limitando assim o nosso acesso.

O primeiro objetivo era de fazer a recolha de dados por via das conversas privadas, ou seja, as conversas por via chat. Esse tipo de conversas permitiria controlar o fenómeno em estudo a partir das conversas de duas pessoas. No entanto, não foi possível colher este tipo de

dados por causa da dificuldade de acesso a eles. Para que isso acontecesse seria necessário ter acesso às conversas de todos os intervenientes dentro do período do tempo em que a pesquisa decorreu.

No começo a pesquisa pretendia seguir por esse caminho, mas encontramos grandes dificuldades em obter os dados, porque seria necessário que as pessoas envolvidas recolhessem os dados e nos fornecessem, devido ao fato de o acesso a esse tipo de conversas ser restrito e só o proprietário da conta ter acesso a elas. Isso levaria muito tempo, o que comprometeria o desenvolvimento deste trabalho, porque dependeria da vontade e disponibilidade dos donos das contas para levantarem os dados. Criaria dificuldade também no que se diz respeito à fiabilidade dos dados, pois os donos das conversas poderiam alterar o conteúdo das mesmas e isso não só limitaria o acesso aos dados, mas também corromperia o fenômeno da pesquisa, caso o proprietário quisesse ocultá-lo.

### **6.3. Critérios de seleção dos elementos constitutivos do corpus**

A obtenção de dados foi feita por via de conversas dos amigos do *facebook*, naturais e residentes em Quelimane, que depois de conversarmos e explicarmos sobre a pesquisa, autorizaram-nos a usar os seus dados. Apenas tais dados é que foram usados neste trabalho. A análise foi feita tendo em conta os seguintes aspectos:

- a) Idade: este ponto visa verificar se o tipo de ocorrência é influenciado pela idade dos falantes. Sendo assim, foram divididos em dois grupos, nomeadamente, de 16 anos a 25 anos e de 30 anos a 39 anos.

Foram selecionadas estas idades pelo fato de, de acordo com o que se verifica, ser a partir dos 16 anos que há maior presença de jovens no *facebook*, e essa tendência começa a decrescer aos 39 anos. Isso permitirá analisar qual é a tendência em função destes dois grupos. Como foi dito anteriormente, para efetivar essa variável apenas trabalhamos com pessoas conhecidas dentro dos amigos no *facebook*, isso porque os dados apresentados no perfil nem sempre são reais, daí a necessidade de trabalhar com pessoas das quais tenhamos conhecimento da sua real idade. Este processo foi usado para todas as outras variáveis.

O que se espera desta variável social é que os mais velhos sejam os que mais apresentam casos de empréstimos verbais do echúwabo para o português, em função do conhecimento que têm sobre a língua echúwabo em detrimento dos mais novos.

- b) Gênero: esta variável tem como objetivo saber qual é a tendência entre os homens e mulheres na produção de enunciados contendo o nosso objeto de estudo. Para isso, fizemos estudos separados e depois analisamos os resultados que obtivemos. Foram selecionados 16 intervenientes na pesquisa dos quais 8 são homens e os restantes 8 são mulheres.

O que se espera desta variável social é que os homens tenham mais casos de empréstimo em função de, como se viu anteriormente, serem os que têm mais acesso à educação escolar, visto que o uso do *facebook* requer o conhecimento e domínio da escrita, atendendo a flexibilidade com que as conversas são desenvolvidas.

- c) Nível de escolaridade: neste campo preocupa-nos em saber se o nível de escolaridade das pessoas influencia na produção do tipo de sentenças que envolvam ocorrências de marcas do echúwabo no português. Para o efeito foram analisados dados de informantes com nível secundário e nível superior, que nos permitiu analisar se o fator escolaridade influenciou na produção de sentenças onde as duas formas de verbos ocorrem. Não foi possível selecionar estudantes de nível primário pelo fato de a idade ser inferior aos usuários do *facebook*; são estudantes cujas idades variam entre os 7 e os 13 anos de idade.

O que se pretende encontrar com esta variável é que as pessoas com nível secundário produzam mais casos de empréstimos do echúwabo para o português que as pessoas com nível superior, pelo fato de, partir-se do princípio que as pessoas com nível superior tenham mais conhecimento da língua portuguesa, o que reduz o nível de empréstimos por falta de conhecimento do equivalente na língua acolhedora.

- d) Ocupação: Neste ponto interessa-nos saber se a ocupação influencia, se a frequência de produção difere entre o funcionário público e o estudante. Sendo assim, esperamos que estudantes apresentem mais casos de influência que os funcionários. Optamos por estas duas ocupações por serem as mais frequentes dentro do contexto onde a pesquisa foi desenvolvida.

#### 6.4. Modelo de verbos

O objeto da nossa análise são os verbos do echúwabo que são usados nas conversas em português, ou seja, por um lado teremos os verbos que vêm do empréstimo do echúwabo e

que, a partir de formação híbrida, entram para o português obedecendo à flexão do português; por outro lado, teremos verbos que são do echúwabo, mas que mantêm a flexão do echúwabo. Para este último caso, pode ser *code-switching*<sup>16</sup>, isto é, “a justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos” (GUMPERZ, 1982, p. 59). Para tal, foram tidas em conta as sentenças em que esses dois fenômenos ocorrem, que são as sentenças em português para o primeiro caso e sentenças em echúwabo para o segundo caso. No segundo caso também serão consideradas sentenças em echúwabo que estejam inseridas dentro das sentenças em português.

### 6.5. Caracterização do modelo de análise

A análise de dados foi feita tendo em conta as sentenças e as nossas variáveis, e os dados serão apresentados em gráficos e em quadros que incluirão o número de casos ou os valores percentuais relativos a cada ocorrência. Será feito o cruzamento entre as diferentes variáveis e as suas respectivas interpretações. Para uma melhor apresentação dos dados, após a identificação dos diferentes textos dos intervenientes, elaborou-se a codificação para que os dados sejam lidos pelo programa *Goldvarb 2001*. Da codificação resultou o quadro abaixo:

| VARIÁVEIS        | ITENS                 | CÓDIGO |
|------------------|-----------------------|--------|
| Tipo de sentença | Sentença em Português | A      |
|                  | Sentença em echúwabo  | B      |
| Gênero           | Masculino             | C      |
|                  | Feminino              | D      |
| Faixa etária     | 16 a 25 anos          | E      |
|                  | 26 a 35 anos          | F      |
| Escolaridade     | Secundário            | G      |
|                  | Superior              | H      |
| Ocupação         | Estudante             | I      |
|                  | Funcionário           | J      |

Quadro 9: Codificação dos dados

<sup>16</sup> Veja o Anexo 3, p. 111.

## 7. ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção iremos analisar os dados de acordo com as variáveis sociolinguísticas apresentadas.

Depois da codificação dos dados, submetem-se as frases ao programa estatístico *Goldvarb 2001* e se obtiveram os seguintes resultados:

Da pesquisa obtiveram-se 1290 dados com *input* de 0.70 que refere aos verbos formados a partir do empréstimo do echúwabo. Para se saber o uso das variáveis em estudo é importante saber o valor do *input*, visto que “...representa o nível geral de uso de um determinado valor na variável dependente” (GUY e ZILLES, 2007, p. 238). As variáveis independentes são os verbos híbridos formados a partir de empréstimo do echúwabo e os verbos do echúwabo, e as variáveis dependentes são a idade, o gênero, o nível de escolaridade e a ocupação.

Em seguida passamos a analisar os dados obtidos nas diferentes variáveis, incluindo os ocorridos a partir do cruzamento das referidas variáveis, o que nos permitirá ter ideias sobre a tendência de cada tipo de caso. Os verbos que são formados a partir de empréstimos do echúwabo para o português passarão a ser chamados por verbos do português (VP), visto que, obedecem à flexão do português. Os verbos do echúwabo que não passaram por esse processo, passaremos a designar por verbos do echúwabo (VE). A análise terá em conta os valores do peso relativo<sup>17</sup>, significância e logaritmo de verossimilhança<sup>18</sup>.

Sendo assim, começamos por analisar os dados referentes ao gênero tendo em conta os resultados obtidos para cada grupo verbal.

---

<sup>17</sup> “O peso de um fator é um valor calculado pelo Varbul (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada nesse conjunto. Os valores dos pesos recai sempre no intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal variante nunca acontece quando este fator está presente, e um valor de 1 indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente” (GUY e ZILLES, 2007, p. 239).

<sup>18</sup> “Este é o número calculado pela rotina do Verbul que mede a quantidade de aproximação entre o modelo (os fatores que caracterizam os contextos, os pesos associados com os fatores, o *input* e o modelo matemático logístico) e os valores observados. O valor absoluto do log-likelihood (1.1.) varia em função de duas coisas: a quantidade de dados (quanto maior o número de dados, tanto mais alto o valor absoluto do 1.1.), e a aproximação entre as previsões do modelo (número de aplicações esperado em cada célula, se o modelo for correto) e os dados observados (quanto pior ou mais distante esta aproximação, tanto mais alto o 1.1.). Portanto, valores de 1.1 de diferentes rodadas somente são comparáveis quando se mantém o mesmo número de dados na análise” (GUY e ZILLES (2007, p. 238-39).

### 7.1. O papel do gênero

Neste ponto iremos analisar o papel do gênero com relação ao nosso fenômeno em estudo, o que nos permitirá saber qual é a tendência entre os homens e as mulheres. Podemos observar os dados no quadro que se segue:

|                               | <b>GÊNERO</b> | <b>PESO</b> |
|-------------------------------|---------------|-------------|
| Variáveis linguísticas        | Masculino     | 0.56        |
| Verbos do português           | 602/808=74.5% |             |
| Verbos do echúwabo            | 206/808=25.5% |             |
| Total                         | 100%          |             |
| Variáveis linguísticas        | Feminino      | 0.40        |
| Verbos do português           | 291/482=60.4% |             |
| Verbos do echúwabo            | 191/482=39.6% |             |
| Total                         | 100%          |             |
| Input:                        |               | 0.70        |
| Significância:                |               | 0.00        |
| Logaritmo de verossimilhança: |               | -782.357    |

Quadro 10: O papel do gênero

Os dados mostram-nos que a questão de empréstimos verbais do echúwabo para português é mais favorável nos homens que nas mulheres, isso olhando pelo resultado do peso relativo que dão os homens 0.56 e as mulheres 0.40. É importante referir que o resultado do peso relativo apresentado não diz respeito à produção de cada tipo de verbo em cada gênero, mas sim, o peso relativo geral de cada gênero. Vemos também que há significância nos resultados pelo fato do valor apresentado estar abaixo de 0.05, o que significa dizer que, quanto maior for que 0.05, menor será a significância. Os dados do índice apresentado dizem respeito aos verbos do português.

Verifica-se ainda que há mais casos de verbos do português do que verbos do echúwabo, tanto nos homens como nas mulheres. Essa diferença pode-se observar nas percentagens obtidas nos dois tipos de verbos analisados, e a diferença é maior nos homens que nas mulheres. Apesar de as mulheres terem um peso relativo menos favorável que os homens, verifica-se que elas apresentam mais casos de verbos do echúwabo, com um total de

39.6% comparativamente aos homens que obtiveram 25.5%. Por sua vez, os homens produzem mais casos de verbos do português formados a partir de empréstimos do echúwabo que são 74.5% do que as mulheres que apresentaram 60.4%.

Com estes dados, podemos perceber que, no que se refere ao gênero, tanto os homens quanto as mulheres produzem mais casos de verbos do português que verbos do echúwabo. Essa tendência é motivada pelo fato de a maior parte das conversas serem desenvolvidas na língua portuguesa e não na língua echúwabo, o que nos leva a perceber que, numa forma geral, para os residentes da cidade de Quelimane, o *facebook* é um espaço onde as pessoas interagem usando a língua portuguesa. Nos casos em que temos a ocorrência de verbos do echúwabo, aparecem inseridos dentro das conversas em português (*code-switching*). Isso nos leva a considerar que se trata de uma questão de identidade dos falantes, em que, apesar de as conversas serem feitas em português, o falante do echúwabo vê a necessidade de marcar a sua identidade, que muitas vezes, nesse tipo de ocorrências, há uma presença de outros elementos que identificam os falantes para além dos verbos, tais como, nomes de lugares ou comida típica da cidade. Essa marca de identidade faz com que o falar das pessoas desta região seja diferente do falar de pessoas de outros lugares do país e que não têm o echúwabo como a língua materna ou uma das línguas faladas por eles.

A diferença entre os homens e as mulheres, principalmente no número de casos, pode estar relacionada com o número de mulheres com acesso à escrita. Como se sabe, em Moçambique há mais presença de homens que mulheres na escola. Sendo o *facebook* um espaço onde as conversas são feitas por via da escrita, essa diferença acaba por se manifestar.

Para melhor ilustrar esse tipo de ocorrências, observemos as frases que se seguem, que dizem respeito aos verbos do português e verbos do echúwabo:

a) *Verbos formados a partir de empréstimos do echúwabo*

1. “e como *loguelavão...*”

-Loguel(a) (radical)+a (vogal temática)+vão

*Loguelar* – do verbo *ologela*: interceder, implorar para, invocar para, suplicar para, negociar.

Nesta frase *loguelar* corresponde a ‘negociar’.



2. “Outros não querem *soquelar* ficam so a falar”

-Soquel(a) (radical)+a (vogal temática)+r

*Soquelar* – do verbo *osokela*: contribuir, angariar fundo, cobrar dinheiro pra algo que foi combinado.

Nesta frase *soquelar* tem o sentido de ‘contribuir’.

3. “No nosso tempo *soquelavamos* pra *vadhela*”

-Soquel(a) (radical)+a (vogal temática)+mos

*Vaddela* – ser forte para, ter capacidade para, aguentar com.

Nesta frase, *soquelar* significa ‘contribuir’ e *vaddela* é um tipo de jogo de futebol e que a finalidade do jogo é apenas entretenimento. Usa-se muito a força e não se é rigoroso nas regras.

4. “Nós contribuimos para *vaddela* Voces *vundularam* coisas agora terão que aguentar”!

-Vundul(a) (radical) + a (vogal temática) + ram

*Vundhular* – do verbo *ovunddula*: mexer líquidos com colher ou pau, agitar mexendo, mexer.

Nesta frase, *vundhular* significa ‘mexer’.

5. “yap ficou difícil *nhacuaram* tudo mesmo”.

-Nhacu(a) (radical)+a (vogal temática) +ram

*Nhacuar* – do verbo *onyakuwa*: estar sujo, ser porco, nojento.

Nesta frase o verbo *nhacuar* significa ‘estar sujo’.

6. “eu tenho que estar para *vedegular* um pouco”

-vedegul(a) (radical)+a (vogal temática)+r

*Vedegular* – do verbo *ovedegula*: emborcar, soçobrar, virar de fundo para o ar, revirar, mudar a sorte para o pior.

Nesta frase o verbo *vedegular* corresponde a ‘virar de fundo para o ar ou revirar’.

7. “... e vi umas sapatilhas, gostei ele fazia por 500 mt tentei *loguelar* com o vendedor”

-*loguel(a)* (radical)+a (vogal temática)+r

*Loguelar* – do verbo *ologela*: interceder, implorar para, invocar para, suplicar para, negociar.

Nesta frase *loguelar* corresponde a ‘negociar’.

8. “tentei até nos 300 mt, ele disse que estava a *nhamelar* da sua boa vontade”

-*nyamel(a)* (radical)+a (vogal temática)+r

*Nyamelar* – do verbo *onyamela*: seguir escondidamente para, aproveitar, tirar proveito de.

Nesta frase *nyamelar* corresponde a ‘aproveitar ou tirar proveito de’.

9. “Vocês vão lhe *tatamular*...”.

-*tatamul(a)* (radical)+a (vogal temática)+r

*Tatamular* – do verbo *otatamula*: provocar, fazer sair do estado normal de tranquilidade, excitar, fazer explodir, exasperar.

Nesta frase *tatamular* corresponde a ‘provocar ou fazer sair do estado normal de tranquilidade’.

10. “Amigo eles *vadhelaram* muito naquele jogo.”

-*vaddel(a)* (radical)+a (vogal temática)+ram

*Vaddelar* – do verbo *ovaddela*: ser forte para, ter capacidade para, aguentar com.

Nesta frase *vadhelar* significa ‘ter capacidade para’.

11. “Iaa...vocês *zuzumaram* , porquê não esperaram um pouco?”

-*zuzum(a)* (radical)+a (vogal temática)+ram

*Zuzumar* – do verbo *ozuzuma*: estar preocupado, estar atarefado, estar atrapalhado, não saber o que fazer ou dizer, estar confuso, estar em apuros, estar em dificuldade.

Nesta frase, *zuzumar* tem como correspondente ‘estar atrapalhado ou estar confuso’.

12. “não eh pra mi *seguedhar* mbwna xiii”.

-*seguedh*(a) (radical)+a (vogal temática)+r

*Seguedhar* – do verbo *osegedha*: pôr em dificuldade, atrapalhar, incomodar, afligir, embaraçar, molestar, angustiar, causar transtorno.

Nesta frase *seguedhar* significa ‘incomodar’

*Mbwana* significa amigo, companheiro, colega.

Sendo assim, a frase corresponderia a “não é para me incomodar amigo xiii”. Xiii é uma interjeição que indica cansaço ou fadiga.

13. “não me faz *roromelar* amiga”.

-*roromel*(a) (radical)+a (vogal temática)+r

*Roromelar* – do verbo *ororomela*: confiar em, acreditar em, ter esperança, ter confiança em, apoiar-se em, aguardar com confiança.

Nesta frase *roromelar* significa ‘ter confiança’.

14. “hummm você, não é pra *tabutxar* filha de dono...”

-*tabutx*(a) (radical)+a (vogal temática)+r

*Tabutxar* – do verbo *otabutxa*: fazer sofrer, atormentar, afligir.

Nesta frase *tabutxar* significa ‘fazer sofrer’.

15. “hehehe o gajo lhe *bubudharam* bem mexmo”.

-*bubudh*(a) (radical)+a (vogal temática)+ram

*Bubudhar* – do verbo *obubudda*: bater, dar pancada, golpear.

Nesta frase *bubuddar* significa ‘dar pancadas’.

16. “não te facas de maza, vão te *gumular*”.

-*gumul*(a) (radical)+a (vogal temática)+r

*Gumular* – do verbo *ogumula*: colher à balda em grande quantidade, tirar frutas maduras e verdes sem distinção, destruir.

Nesta frase *gumular* significa ‘destruir’.

*Maza* significa ser bom em alguma coisa, inteligente, esperto.

Estes empréstimos verbais sofrem algumas adaptações ao passarem do echúwabo para o português para que possam ser adequados à língua de acolhimento. Assim sendo, podemos ter os seguintes mecanismos de adaptação:

## 7.2. Mecanismos de adaptação dos empréstimos

Como vimos nos exemplos apresentados, os empréstimos dos verbos do echúwabo quando entram para o português sofrem adaptações tendo em vista a sua adequação à língua portuguesa. Assim, podemos destacar como as principais adaptações as seguintes: adaptação ortográfica e adaptação fonológica.

### ➤ Adaptação ortográfica

Os símbolos ortográficos usados na língua echúwabo assim como na maioria das línguas bantu, nem sempre coincidem com os símbolos ortográficos usados na língua portuguesa. Esta diferença permite com que, pelo fato de as conversas serem feitas em português, se faça uma adaptação à ortografia da língua portuguesa.

Duma forma geral, os verbos da língua echúwabo são antecidos da vogal “o”, o que não acontece na língua portuguesa. Para que os verbos fossem adaptados à língua portuguesa são excluídas todas as vogais iniciais do verbo echúwabo. Podemos ver nos exemplos que se seguem, alguns dos casos que ilustram essa adaptação.

Nos exemplos 2, 10 e 15 temos as frases:

“Outros não querem *soquelar* ficam so a falar”.

“Amigo eles *vadelaram* muito naquele jogo.”

“hehehe o gajo lhe *bubudaram* bem mexmo”.

Na língua echúwabo não temos a ocorrência da letra “q”, este símbolo é representado pela letra “k”. Como se sabe que na língua portuguesa a letra “k” não é usada, os falantes fazem uma adaptação; ou seja, do verbo *osokela* surge o verbo *soquelar*.

No exemplo 4 temos a frase: “Nós contribuimos para vaddela Voces *vundularam* coisas agora terão que aguentar”!

O verbo *vundular* vem do echúwabo *ovunddula*. Como se pode ver, este verbo em echúwabo é escrito por duplo “d”, mas como na língua portuguesa não há casos em que esta letra aparece repetida, os falantes fazem a adaptação adequando-a à ortografia da língua portuguesa. O duplo “d” nas línguas moçambicanas indica que essa consoante deve ser pronunciada com intensidade.

Nos exemplos 5 e 8 temos as frases:

“yap ficou difícil *nhacuaram* tudo mesmo”.

“tentei até nos 300 mt, ele disse que estava a *nhamelar* da sua boa vontade”.

Os verbos *nhacular* e *nhamelar* foram adaptados dos verbos do echúwabo *onyakula* e *onyamela*. Como se pode ver, este som palatal (nh) em echúwabo é representado pelo símbolo (ny), e como não podem ser usadas a mesma ortografia na língua portuguesa, elas passaram por essa adaptação.

No exemplo 7 temos a frase: “... e vi umas sapatilhas, gostei ele fazia por 500 mt tentei *loguelar* com o vendedor”.

A palavra *loguelar* vem do echúwabo *ologela*. Na ortografia da língua echúwabo nesta palavra não entra a letra “u” entre o “g” e o “e”, para adequar a ortografia da língua portuguesa ela foi adaptada, porém, representam o mesmo som.

#### ➤ Adaptação fonológica

O acento tônico no infinitivo verbal na língua portuguesa encontra-se na última vogal do verbo (ex.: comer, falar, brincar, querer, sorrir, fingir, etc.), mas na língua echúwabo o acento tônico encontra-se na antepenúltima vogal. Quando os verbos do echúwabo passam para o português recebem o acento tônico do português.

Podemos assim ver alguns exemplos:

Loguelar – ologela

Nhamelar – onyamela

Vundular – ovunddula

Tabutchar – otabutxa

Gumular – ogumula

Nhacuar – onyakuwa

Vedegular – ovedegula

Roromelar – ororomela

Soquelar - osokela

Zuzumar – ozuzuma

Passamos agora a apresentar os casos dos verbos do echúwabo.

b) *Verbos do echúwabo*

Dentro deste grupo verbal podemos ter como exemplo as seguintes frases:

17. “Força ai manos. *Achuabo nywanane...*”

Força ai manos. Povo chuwabo estejamos unidos.

Verbo: *ohiwanana* – entender-se, unir-se.

18. “*onlima o muyondje mukuma obe o ceramika*”

“Você cultiva no Ionge ou na Cerâmica?”

Verbo: *Olima* – cultivar, lavrar, preparar a terra para lavrar.

Ionge e Cerâmica são lugares da província da Zambézia onde há predominância de cultivo de arroz.

19. “*onavalanhe too mano sabwa ya matagu*<sup>19</sup>”.

“Não é para se tornar polígamo por causa do matago”.

Verbo: *ovalanya* – ser polígamo ou ter mais de uma mulher.

20. “*OLima nada, mbuenhe vedeghu vedeghu*”.

“Cultivar nada, apenas revirar”.

Verbo: *olima* – cultivar.

21. “*arapace a dhabuno kamzivelia matagu*”.

“Os rapazes de hoje não gostam de matago”.

Verbo: *oziveliha* – gostar, ter prazer, ter afeição.

---

<sup>19</sup> Matagu: arroz torrado e pilado.

22. “*kuthabuye toh, mundhimua Luigi. Nhama ya muanabua?*”

“Não sofra então, grande Luis. Carne de cão?”

Verbo: *otabuwa* – sofrer, padecer, suportar dores físicas ou morais.

23. “*apalimwene niwanane to*”.

“Gente vamos nos entender, por favor”.

Verbo: *ohiwanana* – entendimento, união, acordo.

24. “*arrrriii<sup>20</sup> .....kundikuela weyo...*”

“arrrriii..... você não chama por mim...”

verbo: *okuwela* – chamar para/por, convidar, convocar.

25. “*Zamuene weyo onodipa.ai dikautida*”.

“Assim você me mata. Ai se eu te pego”.

Verbos:

*opa* – matar, tirar violentamente a vida, causar a morte a, extinguir, destruir.

*Ottidda* – pegar, agarrar, tocar.

26. “*Dhinouthamalane azombwe othene*”.

“Agradeço a todos os jovens”.

Verbo: *otamalela* – louvar por, agradecer, demonstrar ou manifestar gratidão.

---

<sup>20</sup> Interjeição de indignação, aborrecimento.

27. “*Camutie..., odo macaleloiye vari va atu*”.

“Deixe-o..., é jeito dele quando está rodeado de pessoas”.

Verbo: *othiya* – deixar, abandonar, separar-se de algo, largar, permitir, ceder, renunciar.

28. “*mbwana miyoha dhabuno kamzivelia*”.

“Amigo hoje eu não estou satisfeito”.

Verbo: *oziveliha* – estar satisfeito, estar feliz, estar contente.

29. “*kuthabuye toh, mundhimua*”.

“Não sofra então, mais velho”.

Verbo: *otabuwa* – sofrer, padecer de, suportar a causa de.

30. “*muzogue dhabuno kavanedheya*”.

“Chove hoje e não vai dar para sair”.

Verbo: *weedda* – andar, ir para algum lugar, deslocar dum lugar para outro.

31. “*Anahamudhy munikuwelegue*”.

“Família convidem-nos”.

Verbo: *okuwela* – chamar, convocar, convidar.

Como vimos nos exemplos apresentados, há ocorrência dos dois fenômenos em estudo nos dois gêneros, porém, importa saber qual é a tendência de ocorrência no que diz respeito à faixa etária, o que veremos em seguida.



### 7.3. O papel da faixa etária

Quanto à faixa etária, verifica-se que, tanto a primeira faixa etária (16 a 25 anos), quanto a segunda faixa etária (30 a 39 anos), apresentam mais verbos do português que verbos do echúwabo, como se pode observar no quadro que se segue:

| <b>Idade</b>                 | <b>Verbos</b>       | <b>%</b>      | <b>Peso</b> |
|------------------------------|---------------------|---------------|-------------|
| 16 a 25 anos                 | Verbos do português | 287/469=61,2% | 0.41        |
|                              | Verbos do echúwabo  | 182/469=38,8% |             |
| 30 a 39 anos                 | Verbos do português | 606/821=73,8% | 0.55        |
|                              | Verbos do echúwabo  | 215/821=26,2% |             |
| Input                        |                     |               | 0.70        |
| Significância                |                     |               | 0.00        |
| Logaritmo de verossimilhança |                     |               | -785.325    |

Quadro 11: O papel da faixa etária

Observa-se que, de acordo com o resultado dos pesos relativos, a faixa etária de 16 a 25 anos apresenta uma situação desfavorável no que se refere ao fenômeno em estudo, com peso de 0.41. Por seu turno, a faixa etária de 30 a 39 anos apresenta uma situação relativamente favorável a ocorrência do fenômeno, com peso de 0.55.

No que diz respeito à primeira faixa etária (16 a 25 anos), observamos que há maior quantidade de casos de ocorrência de verbos do português que são 61,2%, comparativamente aos verbos do echúwabo que são 38,8%. Isso implica dizer que, nesta faixa etária há mais produção de sentenças em português, se compararmos com o caso em que as sentenças em echúwabo aparecem nas sentenças em português. O mesmo cenário verifica-se quando analisamos a segunda faixa etária de 30 a 39 anos, onde os verbos do português com radical do echúwabo foram de 73,8%, e os verbos do echúwabo de 26,2%.

Nas duas faixas etárias, como se viu, os verbos do português têm mais ocorrência que com os verbos do português de base echúwabo. Mas se compararmos cada tipo de caso para as duas faixas etárias, verifica-se que, a faixa etária de 30 a 39 anos produziu mais verbos do português de base português com 73,8% contra os 61,2% da faixa etária de 16 a 25 anos. No que tange aos verbos em echúwabo o cenário muda, ou seja, há mais ocorrência na faixa etária de 16 a 25 anos que é de 38,8% que a faixa etária de 30 a 39 anos que é de 26,2%.

Com estes dados podemos entender que as duas faixas etárias tendem a produzir mais casos de verbos do português, que são verbos com formação híbrida, que verbos do

echúwabo. Também se verifica que os mais velhos produzem mais verbos do português que os mais jovens e, os mais jovens produzem mais casos de verbos de echúwabo que os mais velhos. Esta diferença pode ser justificada pelo maior conhecimento da língua portuguesa dos mais velhos que os mais novos. Pode ter influenciado esta diferença de produção o fato de os mais velhos com conhecimento da língua portuguesa fazerem mais uso dela, embora com marcas de identidade patentes.

O fato de os mais jovens apresentarem mais casos de verbos do echúwabo que os mais velhos não quer dizer que os mais novos têm mais conhecimento da língua echúwabo que os mais velhos; consideramos ser uma questão de identidade como anteriormente foi afirmado; mas também, por uma questão de maior domínio do echúwabo que da língua portuguesa. Isso se justifica pelo fato de a língua portuguesa não ser língua materna para maioria da população, o que leva aos mais novos que não têm tanto domínio na língua portuguesa e motivados pelo ambiente menos formal em que estão envolvidos, usarem a língua echúwabo com mais frequência nas conversas que os mais velhos.

Este fator pode ter influenciado, também, os resultados referentes a ocupação, como se pode ver nos resultados apresentados no quadro que se segue.

#### 7.4. O papel da ocupação

Com relação ao fenômeno em estudo e à ocupação dos internautas, observa-se que os verbos em echúwabo produzidos nas sentenças em echúwabo (SE) ocupam menor destaque nos dados comparativamente aos verbos híbridos que ocorrem nas sentenças em português (SP), como se pode ver no quadro a seguir:

| Ocupação                     | Verbos              | %             | Peso     |
|------------------------------|---------------------|---------------|----------|
| Estudante                    | Verbos do português | 541/741=73.0% | 0.54     |
|                              | Verbos do echúwabo  | 200/741=27.0% |          |
| Funcionário                  | Verbos do português | 352/549=64.1% | 0.44     |
|                              | Verbos do echúwabo  | 197/549=35.9% |          |
| Input                        |                     |               | 0.70     |
| Significância                |                     |               | 0.00     |
| Logaritmo de verossimilhança |                     |               | -790.482 |

Quadro 12: O papel da ocupação

De acordo com os dados apresentados, pode-se verificar que os estudantes são mais favoráveis à criação de verbos no *facebook* por via de empréstimo, se olharmos pelo resultado de peso relativo que é de 0.54. Os funcionários são menos favoráveis à produção desse tipo de verbos, visto que o peso relativo que representa esse grupo social é de 0.44.

Verifica-se que os estudantes produziram mais casos de verbos do português formados por via de empréstimo do echúwabo com 73,0%, que os verbos do echúwabo com 27,0%. Os funcionários por sua vez apresentam o mesmo tipo de índice, ou seja, mais casos de verbos emprestados do echúwabo com 64,1% que os verbos do echúwabo com 35,9%. Quando fazemos a comparação dos dados dos estudantes e dos dados dos funcionários verifica-se que nos verbos híbridos os funcionários produziram menos casos: 64,1% contra os 73,0% dos estudantes. Para o caso dos verbos do echúwabo não se verifica a mesma tendência, isto é, os estudantes apresentam menos casos que os funcionários, com 27,0% contra 35,9% dos funcionários.

Esta tendência pode-se justificar pela formalidade e o conteúdo das mensagens que muitas das vezes estes dois grupos sociais aparecem a comentar no *facebook*. Por um lado temos os estudantes que apresentam mais liberdade nas suas interações que a maioria das vezes são com o mesmo grupo social, que possibilita o uso de empréstimos do echúwabo nas suas interações; e, por outro lado, temos os funcionários para quem nem sempre a informalidade está presente e cujo raio de interação abrange pessoas de outros grupos. Porém, o ambiente formal em que estão inseridos não os impede de usar a língua echúwabo, o que não acontece com os estudantes pelo fato de, a escola ter sido sempre associada com a língua portuguesa, e isso faz com que os estudantes usem mais a língua portuguesa, mas busquem algumas marcas de identidade dentro da língua materna da maioria dos estudantes.

A diferença no índice percentual na produção de verbos do português e do echúwabo não acontece apenas na ocupação ou na faixa etária, temos outros casos como o nível de escolaridade que também acaba influenciado, assim como veremos nos dados que se seguem.

### **7.5. O papel do nível de escolaridade**

No que diz respeito ao nível de escolaridade, os resultados obtidos no *corpus* ilustram que há diferença na produção de verbos do português (73.6% e 59.1%) e do echúwabo (26.4% e 40.9%), isso na diferença entre o ensino secundário e o ensino superior, como se pode observar no quadro que se segue.

| <b>Nível de escolaridade</b> | <b>Verbos</b>       | <b>%</b>      | <b>Peso</b> |
|------------------------------|---------------------|---------------|-------------|
| Secundário                   | Verbos do português | 663/901=73.6% | 0.55        |
|                              | Verbos do echúwabo  | 238/901=26.4% |             |
| Superior                     | Verbos do português | 230/389=59.1% | 0.39        |
|                              | Verbos do echúwabo  | 159/389=40.9% |             |
| Input                        |                     |               | 0.70        |
| Significância                |                     |               | 0.00        |
| Logaritmo de verossimilhança |                     |               | -783.314    |

Quadro 13: O papel do nível de escolaridade

No que diz respeito ao peso relativo, pode-se observar que as pessoas com nível secundário são relativamente mais favoráveis, se olharmos pelo valor apresentado que é de 0.55; ao passo que, as pessoas com nível superior são menos favoráveis, com o valor de peso relativo de 0.39.

Podemos observar que as pessoas com nível secundário produzem mais casos de verbos híbridos que os verbos do echúwabo, como se pode ver nas diferenças percentuais apresentadas e, o mesmo se observa quando comparados os dados das pessoas com nível superior. Quando fazemos a comparação dos dados das pessoas do nível secundário e do nível superior, verifica-se que as pessoas do nível secundário produziram mais casos do primeiro tipo de verbo (verbos do português formados a partir de empréstimos do echúwabo) com 73,6%, que as pessoas do nível superior, que apresentaram 59.1%. Este cenário inverte-se quando se observam os dados do segundo tipo de verbos (verbos do echúwabo), onde as pessoas do nível secundário apresentaram menos casos (26.4%), comparativamente às pessoas do nível superior, que apresentaram 40.9%.

Com os dados acima apresentados verifica-se que quanto maior for o nível de escolaridade maior é a tendência de produção de verbos híbridos de base echúwabo (verbos do português). Este cenário pode ser justificado pelo fato de as pessoas com nível secundário terem vocabulário da língua portuguesa menos desenvolvido, comparativamente a pessoas com nível superior; neste caso, podemos afirmar que as pessoas do nível secundário são influenciadas pela falta de conhecimento do equivalente na língua portuguesa. Por outro lado verifica-se que pessoas com nível superior produzem mais casos de verbos do echúwabo; este fenômeno pode estar relacionado com fato de, pelo seu nível de escolaridade, não haver preocupação em aprender a língua portuguesa, o que cria mais liberdade de se expressarem na sua língua materna. Para este caso, o uso da língua echúwabo é uma questão de identidade e

não falta de conhecimento da língua portuguesa, como se pode ver na frase em que um dos cibernautas do nível superior faz apelo para aqueles que não gostam de falar o echúwabo: *Esse é o problema dos machuabos aqui em klimane. Mas quando estão entre os machanganas<sup>21</sup> ou outros povos que assumem publicamente alguns traços da sua identidade, começam a tentar falar chuabo e que sai mas como sai bem mal e só me ponho a rir. Cobardes de alguns machuabos<sup>22</sup> e que nem são machuabos* (Veja o anexo 3, exemplo3, p. 117).

Os dados até aqui apresentados dizem respeito à ocorrência do fenômeno de acordo com cada variável apresentada. Para ter ainda mais a noção da tendência para que possamos dar melhor interpretação, faremos o cruzamento entre as diferentes variáveis.

## **7.6. Cruzamento de dados**

### **i) Cruzamento entre o gênero e a faixa etária**

O que se pretende com este cruzamento é mostrar as diferenças e as tendências que possam existir entre os gêneros (masculino e feminino) e as faixas etárias (16 a 25 anos e 30 a 39 anos), o que nos permitirá compreender até que ponto este fenômeno é relevante no cruzamento destas variáveis.

Podemos observar os dados do cruzamento das duas faixas etárias e dos dois gêneros, como mostra o quadro que se segue:

---

<sup>21</sup> Pessoas naturais do sul do país (Maputo e Gaza) e falantes da língua xichangana.

<sup>22</sup> Pessoas naturais de Quelimane e falantes da língua echúwabo.

| Verbo do português           | Masculino   | Feminino    | Peso     |
|------------------------------|-------------|-------------|----------|
| De 16 a 25 anos              | 144/217=66% | 143/252=57% | 0.43     |
| De 30 a 39 anos              | 458/591=77% | 148/230=64% | 0.54     |
| <b>Verbos do echúwabo</b>    |             |             |          |
| De 16 a 25 anos              | 73/217=34%  | 109/252=43% |          |
| De 30 a 39 anos              | 458/591=23% | 82/230=36%  |          |
| Peso                         | 0.55        | 0.42        |          |
| Input                        |             |             | 0.70     |
| Significância                |             |             | 0.00     |
| Logaritmo de verossimilhança |             |             | -776.337 |

Quadro 14: Cruzamento entre o gênero e a faixa etária

Cruzando o gênero e a faixa etária constatou-se que, a faixa etária entre 30 a 39 anos de idade é mais significativa, com peso relativo de 0.54 e, a faixa etária de 16 a 25 anos de idade é menos significativa, com peso relativo de 0.43. No que diz respeito ao gênero, os homens mostram ser mais significantes com peso relativo de 0.55 e, as mulheres, menos significantes, com peso relativo de 0.42.

Verifica-se ainda que, na faixa de 16 a 25 anos há ocorrência de mais verbos híbridos nos homens assim como nas mulheres. Os homens produziram 66% de verbos do português de formação híbrida e 34% de verbos do echúwabo. As mulheres produziram 57% de verbos do português de formação híbrida e 43% de verbos do echúwabo.

Do cruzamento do gênero e da faixa etária de 30 a 39 anos foi possível constatar que os homens produziram mais casos de verbos do português de formação híbrida (77%) que as mulheres (64%). Para o caso de verbos do echúwabo verifica-se que as mulheres produziram mais casos (36%) que os homens (23%); portanto, a mesma tendência da anterior faixa etária.

Quando analisamos os dados das duas faixas etárias verifica-se que, nos verbos do português, a faixa etária de 30 a 39 anos de idade produziu mais casos (77% para homens e 64% para mulheres), o que difere da faixa etária de 16 a 25 anos que produziu (66% para homens e 57% para mulheres). No que se refere aos verbos do echúwabo verifica-se que a faixa etária de 16 a 25 anos produziu mais casos (34% para homens e 43% para mulheres), e a faixa etária de 30 a 39 anos produziu (23% para homens e 36% para mulheres).

Sendo assim podemos afirmar que os homens mais velhos e as mulheres mais velhas (de 30 a 39 anos) são os que produzem mais casos de verbos do português de formação

híbrida comparativamente aos homens e mulheres mais novos (de 16 a 25 anos). No que diz respeito aos verbos do echúwabo, constata-se que os mais novos produzem mais que os mais velhos, observa-se ainda que o gênero é mais relevante que a faixa etária. Podemos assim afirmar que, para os homens assim como para as mulheres, quanto maior for a idade maior é a tendência de usar verbos emprestados do echúwabo nas sentenças em português e, quanto menor for a idade maior é a tendência de produzir sentenças do echúwabo. Porém, quando cruzados os dados dos pesos relativos verificou-se que os homens de 30 a 39 anos de idade apresentaram dados mais significantes, com 0.55 e 0.54, respectivamente.

Passamos em seguida a apresentar os resultados do cruzamento entre o gênero e ocupação.

#### ii) Cruzamento entre o gênero e a ocupação

Com este cruzamento pretendemos compreender como é que o gênero e a ocupação juntos podem influenciar na produção de verbos do português e do echúwabo.

A tabela que se segue ilustra o cruzamento das variáveis gênero e ocupação dos internautas.

| Verbo do português           | Masculino   | Feminino    | Peso     |
|------------------------------|-------------|-------------|----------|
| <b>Estudante</b>             | 374/459=81% | 167/282=59% | 0.55     |
| <b>Funcionário</b>           | 228/349=65% | 124/200=62% | 0.44     |
| <b>Verbos do echúwabo</b>    |             |             |          |
| <b>Estudante</b>             | 85/459=19%  | 115/282=41% |          |
| <b>Funcionário</b>           | 121/349=35% | 76/200=38%  |          |
| Peso                         | 0.56        | 0.40        |          |
| Input                        |             |             | 0.70     |
| Significância                |             |             | 0.00     |
| Logaritmo de verossimilhança |             |             | -776.084 |

Quadro 15: Cruzamento entre o gênero e a ocupação

Os dados do quadro mostram que, os valores dos estudantes são mais significantes, com peso relativo de 0.55 e, os valores dos funcionários menos significantes, com o peso relativo de 0.44. Os homens são mais significantes com peso relativo de 0.56 e, as mulheres, menos significantes, com peso relativo de 0.40.

Verifica-se ainda que os homens estudantes produzem mais casos de verbos do português de formação híbrida (81%) se compararmos com os funcionários que tiveram (65%). Para o caso de verbos do echúwabo verifica-se que, os funcionários tiveram mais casos, com 35% contra 19% dos estudantes.

Para as mulheres, a tendência é diferente à dos homens, ou seja, para os verbos do português de formação híbrida, as mulheres estudantes produziram 59% contra 62% das funcionárias. Para o caso dos verbos do echúwabo, as mulheres estudantes produziram 41% e as funcionárias 38%. Com estes dados que as mulheres apresentam não é possível afirmar duma forma conclusiva a tendência, visto que a diferença percentual é muito pequena, isto é, temos uma diferença de 3% para os dois tipos de verbos, contrariamente ao que acontece com os homens, onde a diferença percentual é de 16%, o que nos leva a afirmar que, no que se refere à ocupação, a produção é mais relevante nos homens que nas mulheres.

Tendo em conta os dados podemos afirmar que os estudantes produziram mais casos de verbos do português de formação híbrida que as estudantes; contudo, os dados dos funcionários e das funcionárias são menos relevantes. No que tange aos verbos do echúwabo, temos mais casos de mulheres que homens, mas há mais relevância nos estudantes (41% para as mulheres e 19% para os homens), o que significa dizer que as mulheres estudantes tendem a produzir mais sentenças do echúwabo dentro das sentenças do português que os homens estudantes, isso motivado pelas justificações já apresentadas, ligadas ao acesso à educação por parte da mulher.

Para ver as outras tendências, vamos apresentar a seguir o cruzamento do gênero e escolaridade.

### **iii) Cruzamento entre o gênero e o nível de escolaridade**

Com este cruzamento pretende-se observar a tendência entre o gênero e a escolaridade, para que se possa perceber como se manifestam os dados dos homens e das mulheres com nível secundário e superior.



| <b>Verbo do português</b> | <b>Masculino</b> | <b>Feminino</b> |
|---------------------------|------------------|-----------------|
| <b>Secundário</b>         | 460/589=78%      | 203/312=65%     |
| <b>Superior</b>           | 142/219=65%      | 88/170=52%      |
| <b>Verbos do echúwabo</b> |                  |                 |
| <b>Secundário</b>         | 129/589=22%      | 109/312=35%     |
| <b>Superior</b>           | 77/219=35%       | 82/170=48%      |
| Peso                      | 0.56             | 0.40            |

Quadro 16: Cruzamento entre o gênero e o nível de escolaridade

No cruzamento entre os dados do gênero e nível de escolaridade constatou-se que o nível secundário é mais significativo, com peso relativo de 0.55 e, o nível superior, menos significativo, com peso relativo de 0.40. Os homens, por sua vez, têm valor mais significativo, com peso relativo de 0.56, que as mulheres, que têm valor menos significativo, com peso relativo de 0.40.

Pode-se ver ainda que, no nível secundário, os homens produziram mais casos de verbos do português de formação híbrida com 78%, comparativamente às mulheres que apresentaram 65%. Para o nível superior, verifica-se também que os homens produziram mais casos, com 65% contra 52% das mulheres. Verifica-se ainda que as mulheres produziram mais casos no nível secundário que no nível superior; o mesmo cenário acontece com os homens.

No que se refere aos verbos do echúwabo, constatou-se que a tendência se inverte, os homens produziram menos casos (22%) que as mulheres (35%); no nível superior os homens tiveram 35% contra 48% das mulheres. Isso implica dizer que os homens produziram mais casos de verbos de português nos dois níveis e, as mulheres produziram mais casos do verbo do echúwabo nos dois níveis, o que nos leva a perceber que as mulheres têm mais tendência de desenvolver mais conversas em echúwabo que os homens, principalmente as do nível superior. Com esses dados podemos perceber que as mulheres têm mais tendência de usarem o echúwabo nas conversas no *facebook* que os homens, embora essa tendência não difira muito nos dois tipos de verbos, em que a diferença é mínima (52% e 48%), o mesmo não se verifica nos homens onde a diferença é maior (65% e 35%).

Dando continuidade ao cruzamento das variáveis, apresentamos a seguir o cruzamento entre a idade e a ocupação.

#### iv) Cruzamento entre a idade e a ocupação

Com este cruzamento, pretendemos verificar que resultados podem ser obtidos entre as duas faixas etárias e as duas ocupações. Desse cruzamento, obtivemos os dados que podem ser observados no quadro que se segue:

|                    |    | Idade           |                 |
|--------------------|----|-----------------|-----------------|
|                    |    | De 16 a 25 anos | De 30 a 39 anos |
| <b>Estudante</b>   | VP | 184/281=65%     | 357/460=78%     |
|                    | VE | 97/281=35%      | 103/460=22%     |
|                    |    | 100%            | 100%            |
| <b>Funcionário</b> | VP | 103/188=55%     | 249/361=69%     |
|                    | VE | 85/188=45%      | 112/361=31%     |
|                    |    | 100%            | 100%            |

Quadro 17: Cruzamento entre idade e a ocupação

Deste quadro pode-se observar que há diferença em termos de ocorrências entre os estudantes e os funcionários nas duas faixas etárias. Pode-se ver que há mais casos de verbos do português de formação híbrida para as duas faixas etárias, o que nos leva a entender que os mais velhos têm maior tendência de produzir este tipo de ocorrências. Verifica-se também que os estudantes produzem mais que os funcionários nas duas faixas etárias. Os estudantes da faixa etária de 30 a 39 anos produziram mais casos de verbos do português de formação híbrida que os estudantes da faixa etária de 16 a 25 anos; a mesma tendência também se verifica nos funcionários. Quando comparamos os dados dos estudantes e funcionários verificamos que, na faixa etária de 16 a 25 anos, os estudantes produziram mais casos de verbos do português (65%) que os funcionários (55%), mas os funcionários produziram mais casos do verbo do echúwabo (45%) contra (35%) dos estudantes. O mesmo cenário verifica-se na faixa etária de 30 a 39 anos, onde os estudantes produziram 78% contra 69% para o caso dos verbos do português e, 22% para estudantes e 31% para funcionários, para o caso dos verbos do echúwabo.

Essa tendência de serem os estudantes mais velhos a produzirem mais casos de verbos do português de formação híbrida é justificada nos dados que já foram apresentados, que mostram que os estudantes tendem a produzir mais casos que os funcionários, assim como os dados que indicam que os mais velhos produzem mais que os mais novos.

A seguir vamos apresentar o cruzamento de dados entre a idade e o nível de escolaridade.

**v) Cruzamento entre a idade e o nível de escolaridade**

Neste cruzamento interessa-nos saber qual é a tendência dos resultados da idade quando cruzada com o nível de escolaridade. Depois de cruzados obtivemos os seguintes resultados:

|                   |    | Idade           |                 |
|-------------------|----|-----------------|-----------------|
|                   |    | De 16 a 25 anos | De 30 a 39 anos |
| <b>Secundário</b> | VP | 220/321=69%     | 443/580=76%     |
|                   | VE | 101/321=31%     | 137/580=24%     |
|                   |    | 100%            | 100%            |
| <b>Superior</b>   | VP | 67/148=45%      | 163/241=68%     |
|                   | VE | 81/148=55%      | 78/241=32%      |
|                   |    | 100%            | 100%            |

Quadro 18: Cruzamento entre a idade e o nível de escolaridade

Continua a verificar-se mais tendência de produção de verbos do português de formação híbrida que verbos do echúwabo nos dois níveis de escolaridade. Dos 16 a 25 anos encontramos mais verbos do português de formação híbrida que verbos do echúwabo, e o mesmo se constata na idade entre os 30 a 39 anos.

No entanto, quando comparados os dados das duas faixas etárias sobre os verbos do português, verifica-se que a faixa etária de 30 a 39 anos apresenta maior percentagem nos verbos do português de formação híbrida, com 76% para o nível secundário e 68% para o nível superior, enquanto a faixa etária de 16 a 25 anos teve 69% para o nível secundário e 45% para o nível superior. Para o caso dos verbos do echúwabo, verifica-se que, o nível superior apresenta maior percentagem que o nível secundário.

Essa diferença percentual nos dois níveis leva-nos a perceber que as pessoas do nível secundário produzem mais casos do verbo do português de formação híbrida e, quanto maior for o nível de escolaridade, essa tendência vai diminuindo, como se pode ver nos dados comparativos dos dois níveis, onde as pessoas do nível superior produzem menos casos. No entanto, quando se trata de verbos do echúwabo, o cenário é inverso; ou seja, temos mais casos de verbos do echúwabo, o que nos leva a perceber que, quanto maior for o nível de escolaridade, maior é a tendência de usar o echúwabo. Para o primeiro caso pode ser

entendido, como foi visto anteriormente, que se trata de uma questão de identidade aliada à falta de conhecimento do seu equivalente no português; para o segundo caso, pode ser entendido como apenas o caso de afirmação de identidade, visto que há mais facilidade de conhecer o equivalente no nível superior que no nível secundário.

Por último, temos o último cruzamento de dados entre duas variáveis. Trata-se do cruzamento entre a ocupação e o nível de escolaridade.

#### vi) Cruzamento entre a ocupação e o nível de escolaridade

Neste cruzamento, interessa-nos saber como se manifestam os dados quando cruzadas a ocupação e o nível de escolaridade. Do cruzamento obtivemos os seguintes resultados, que podem ser observados no quadro que se segue:

|                   |    | <b>Estudante</b> | <b>Funcionário</b> |
|-------------------|----|------------------|--------------------|
| <b>Secundário</b> | VP | 418/548=76%      | 245/353=69%        |
|                   | VE | 130/548=24%      | 108/353=31%        |
|                   |    | 100%             | 100%               |
| <b>Superior</b>   | VP | 123/193=64%      | 352/549=55%        |
|                   | VE | 70/193=36%       | 197/549=45%        |
|                   |    | 100%             | 100%               |

Quadro 19: Cruzamento entre a ocupação e o nível de escolaridade

Deste cruzamento pode-se observar que os estudantes do nível secundário produzem mais casos de verbos do português de formação híbrida (76%) comparativamente aos estudantes do nível superior (64%), e os estudantes do nível secundário produzem menos casos de verbos do echúwabo (24%) que os estudantes do nível superior (36%). Pode-se compreender também que os funcionários de nível secundário apresentam mais casos de verbos do português (69%) que funcionários do nível superior (55%) e, no que diz respeito aos verbos da língua echúwabo, tem mais ocorrências em funcionários de nível superior (45%) que os do nível secundário (31%).

Podemos observar ainda que, no nível secundário, os estudantes tiveram mais casos de verbos do português de formação híbrida (76%), que os funcionários que tiveram (69%); mas nos verbos do echúwabo, os funcionários tiveram mais casos (31%) contra (24%) dos estudantes. Para o nível superior a tendência é a mesma; ou seja, temos para os verbos do

português, 64% para os estudantes e 55% para os funcionários. No que diz respeito aos verbos do echúwabo, os estudantes tiveram 36% e os funcionários 45%.

Com estes dados podemos perceber que os estudantes e funcionários do nível secundário e superior produzem mais casos de verbos do português de formação híbrida, mas os estudantes são os que produzem mais. No que tange aos verbos do echúwabo, verifica-se que os funcionários produzem mais que os estudantes. Podemos assim concluir que a ocupação vai influenciar no tipo de sentença a ser usada; os funcionários acabam tendo mais liberdade de usar sentenças em echúwabo que os estudantes, que usam mais o português, mas com marcas de influência de echúwabo por meio de empréstimos verbais. Isso pode ser motivado pelo fato de a escola estar associado ao uso da língua portuguesa.

### 7.7. Síntese

Dos dados analisados, constatou-se a ocorrência de verbos formados a partir de empréstimos do echúwabo, mas que entram para o português apenas mantendo o radical do echúwabo e obedecendo à flexão do português. Este tipo de verbo sempre ocorre nas frases em português. Também se verificou a ocorrência de verbos do echúwabo, mas que ocorrem nas sentenças em echúwabo mesmo quando inseridas nas sentenças em português, isto é, por meio de *code-switching*. Contudo, embora não tenha sido objetivo deste trabalho, não se verificou nenhum caso de formação de verbos do echúwabo a partir de verbos do português, ou seja, verbos emprestados do português, mas que obedecem à flexão do echúwabo. Com isso não queremos afirmar que não haja, mas não foi registrada nenhuma ocorrência.

Duma forma geral, constata-se que há mais ocorrência de verbos do português de formação híbrida (893 casos) que verbos do echúwabo (397 casos) tanto nos homens como nas mulheres, e que os homens apresentam mais casos (808) que as mulheres (482). No que diz respeito à faixa etária verificou-se que os mais novos que compreendem a idade entre os 16 a 25 anos de idade tiveram menos casos de verbos do português de formação híbrida (61.2% de 469 casos) que os da segunda faixa etária – de 30 a 39 anos de idade (73.8% de 821 casos), nos textos produzidos pelos homens e pelas mulheres. No que se refere aos verbos do echúwabo, os mais novos apresentaram mais casos (38.8% de 469 casos) comparativamente aos mais velhos (26.2% de 821 casos).

No que tange à ocupação, os estudantes tiveram mais casos de verbos do português de formação híbrida (73% de 741 casos) que os funcionários (64.1% de 549 casos) e, para o caso dos verbos do echúwabo, os estudantes tiveram menos casos (27.0% de 741 casos) que os

funcionários (35.9% de 549 casos). Este caso pode estar relacionado com o ambiente onde os dois grupos sociais se encontram e com as pessoas com as quais interagem; isso permite ao funcionário o uso da língua oficial que é a língua das instituições, mas não o impede de usar da sua língua materna, daí o maior uso de sentenças do echúwabo por parte dos funcionários, o que não acontece com os estudantes.

No que diz respeito ao nível de escolaridade, constatou-se que as pessoas com nível secundário tiveram mais casos de verbos do português de formação híbrida (73.6% de 901 casos) quando comparados com as pessoas com nível superior (59.1% de 389 casos). O mesmo cenário não se manteve para os verbos do echúwabo, visto que, as pessoas do nível secundário tiveram menos casos (26.4% de 901 casos) que pessoas do nível superior (40.9% de 389 casos). Este caso pode ser motivado pelos motivos idênticos aos da ocupação, isto é, geralmente as pessoas com nível superior são também funcionários e o ambiente diário em que estão inseridos faz com que tenham mais casos do uso da língua echúwabo.

Em suma, podemos dizer que as pessoas de 16 a 25 anos tendem a usar mais a língua portuguesa nas suas interações no *facebook*, assim como as pessoas de 30 a 39; isso significa dizer que, independentemente da idade e ocupação, a língua portuguesa é a mais usada na interação no *facebook*. O uso da língua portuguesa e não o echúwabo é justificado pela função que as duas línguas exercem na sociedade; embora a língua echúwabo seja a língua mais falada, ela por muito tempo não foi usada como língua de ensino, daí o português, por ser a língua que sempre esteve ligada ao ensino e à escrita, ser mais usado nesse espaço.

O mesmo também se pode dizer com relação ao fato de haver mais dados de homens que das mulheres; verificou-se a existência de mais conversas de homens que mulheres. Como se viu, o número de mulheres com acesso ao ensino sempre foi e continua sendo inferior que ao dos homens, o que conseqüentemente, o número de mulheres com acesso à escrita é inferior os dos homens. O *facebook*, por ser um espaço onde as conversas são feitas por via da escrita, apresenta, portanto, um pré-requisito para a interação que é o domínio da escrita, o que justifica a maior ocorrência de homens que mulheres. Sendo assim, podemos afirmar que o fraco acesso à educação escolar por parte das mulheres contribui para que haja menos dados das mulheres.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento tecnológico, o ser humano é sujeito a enfrentar novos desafios que, no passado, nunca existiram, ou mesmo nunca se imaginou que fossem existir. Este é um desafio para todas as áreas do conhecimento, e a ciência da linguagem não é nenhuma exceção.

Esse desenvolvimento permitiu o surgimento de novas ferramentas que permitem a interação de diferentes pessoas sem que estejam no mesmo espaço físico; falamos das redes sociais onde diferentes atores diariamente se encontram para interagir. O *facebook* é uma dessas redes sociais, que é das mais usadas ultimamente, principalmente pela camada mais jovem que faz deste espaço um lugar para a troca de ideias, conhecimento e acesso à informação que é compartilhada. Este fato de o *facebook* ser um espaço onde a prática da escrita é exercida criou condições para que este trabalho fosse desenvolvido, principalmente pela natureza em que a escrita é desenvolvida neste espaço, ligada à espontaneidade e à informalidade que a caracteriza.

Aliado aos fatores mencionados, o estudo foi desenvolvido com os falantes do português da cidade de Quelimane, em Moçambique, uma sociedade em que, para além de se falar o português que é a língua oficial, também se fala o echúwabo, uma língua do grupo bantu, portanto, a língua mais falada. Por se tratar de um espaço onde coabitam dois sistemas linguísticos, é normal haver influência de uma língua para com a outra e, neste trabalho, procuramos analisar essas influências no nível do verbo do echúwabo para o português.

Esta análise no nível do verbo visava a olhar e perceber como esse fenômeno tem acontecido no *facebook*. Procuramos compreender o tipo de influência que era exercida e quais os processos que envolviam essa influência. Sendo assim, observamos que, no que diz respeito aos verbos nas conversas feitas em português, aliás, as conversas geralmente são feitas em português, havia dois tipos de ocorrência. Por um lado, verificamos a existência de verbos de base echúwabo, ou seja, verbos que eram formados a partir de empréstimo de verbos do echúwabo para o português. Este tipo de verbo ocorria apenas nas sentenças do português, em que o seu processo de formação é feito a partir de conservação da raiz do echúwabo e a flexão do português. Por outro lado, constatamos também a ocorrência de verbos de echúwabo nas conversas feitas, mas estes só ocorriam quando inseridos nas sentenças do echúwabo, embora as conversas estejam sendo feitas em português, o que mostra

tratar-se do caso em que um sistema linguístico é inserido no sistema de outra língua. Este tipo de verbo, pela natureza da sua ocorrência, não sofria nenhuma alteração.

Tendo em conta as nossas hipóteses elaboradas para a compreensão deste fenómeno constatamos que:

- a) A faixa etária do falante teve influência na produção dos dois tipos de verbos, pelo fato de ter-se verificado que os mais novos, que compreendem a idade entre os 16 e 25 anos tiveram menos casos de verbos do português de formação híbrida que os da segunda idade – de 30 a 39 anos de idade, e os mais velhos tiveram menos casos de verbos do echúwabo. Isso significa dizer que os mais velhos produzem mais casos de verbos do português e os mais novos, os verbos do echúwabo;
- b) a ocupação do falante teve influência na produção dos dois tipos de verbos, pelo fato de se ter verificado que os estudantes tiveram mais casos de verbos do português de formação híbrida que os funcionários e, para o caso dos verbos do echúwabo, os estudantes tiveram menos casos que os funcionários;
- c) o gênero do falante teve influência na produção dos dois tipos de verbos, pelo fato de ter-se verificado que os homens apresentam mais casos de verbos do português de formação híbrida que as mulheres e, as mulheres tiveram mais casos de verbos de echúwabo que os homens;
- d) o nível de escolaridade do falante teve influência na produção dos dois tipos de verbos, pelo fato de ter-se verificado que as pessoas com nível secundário tiveram mais casos de verbos do português de formação híbrida quando comparados com as pessoas com nível superior, e nos verbos do echúwabo as pessoas do nível secundário tiveram menos casos que pessoas do nível superior.

Sendo assim, diante dos resultados apresentados e das análises feitas, podemos dar as nossas hipóteses como validadas, o que nos permite afirmar que o fenómeno de marcas de influência do echúwabo no português de Moçambique nas redes sociais, concretamente no *facebook*, é um fato real.

Com esta pesquisa procuramos refletir sobre os diferentes fenómenos sociolinguísticos existentes e acreditamos que vários outros fenómenos podem ocorrer neste espaço, ao que



incentivamos aos pesquisadores e às demais pessoas interessadas neste tipo de estudo, que avancem com novas pesquisas, ou que deem continuidade a esta pesquisa para que se possam encontrar novos dados. Acreditamos assim, que dentro do tempo possível e do esforço aplicado, tenhamos contribuído para demonstrar a importância deste estudo e da necessidade de a ele se dar continuidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

África Tradicional. Os Massai. Disponível em: <http://colecaoitan.org/conteudo/pranchas/trajes/Massai.pdf>. Acesso em: 30 de Nov de 2013.

AGUIAR, S. **Redes Sociais na Internet: Os desafios à pesquisa**. Rio de Janeiro: 2007.

AGUILERA, V. A. **Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras**. Estudos Linguísticos (São Paulo), v. 2, p. 105-112, 2008. Disponível em: [http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N2\\_11.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf) Acesso em: 12 de Setembro de 2012.

ALMEIDA, A. **Caracterização da escrita no ciberespaço: convergências e divergências em salas de bate-papo brasileira** (Tese). Unesp. Araraquara. 2011

ALVES, M.I. **Neologismo: criação Lexical**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2007.

ANTUNES, I. **A aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BACCEGA, M. A. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

BAGNO, M. Cassandra, fênix e outros mitos. In: FARACO, Carlos A. (Org.). **Estrangeirismos: guerra em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2004. p. 47-83.

BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**. São Paulo: Plêiade, 1996.

BOTELHO, J.J.T. **História militar e política dos portugueses em Moçambique da descoberta a 1883**. Lisboa: Centro Tip. Colonial, 1936.

BOULANGER, J. C. L'évolution du concept de NEOLOGIE de la linguistique aux industries de la langue. In: SCHAEZTEN, C. de. **Terminologie anachronique**. Paris: Conseil International de la Langue Française, 1989. p.193-211.

BURAMO et al. **Algumas notas gramaticais sobre echuwabu**. Nampula: SIL Moçambique, 2010.

CABELLO, A R. G. **Gíria e Neologismo: convergências e divergências** - Anais do Seminário do GEL , franca, 1991.

CALVET, L-J. **Sociolinguística. Uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, S.A.M. Empréstimos: Uma Questão Linguística e/ou Político-Cultural? In **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)** nº 5/6. 1991.

CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CATALA, S.A. Siglo XXI: Nuevos Tiempos, Nuevas Palabras, Nuevas Conceptualizaciones, Nuevos Códigos. In ALVES, Ieda Maria et al. (Org). **Os Estudos Lexicais em Diferentes Perspectivas**. Volume I. Sao Paulo : FFLCH/USP, 2009.

COUTO, M. Luso-aphonies, la lusophonie entre voyages et crimes. In: **Et si Obama était africain?** Paris: Chandeigne, 2010.

DIAS, H.N. Línguas e Mudanças Sociais: Algumas Reflexões sobre o caso de Moçambique. In **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)**, nº 8. 1990

DUARTE, R. T. **A Expansão Banto e o Povoamento do sul de Moçambique – Algumas Hipóteses.** Maputo: s/editor, 1976.

DUBOIS, J. et al. **Dictionnaire de Linguistique**, Paris, Larousse, 1989.

FARGETTI, C. M. **Reflexões sobre alfabetização em Moçambique.** Disponível em: <http://www.cereja.org.br/pdf/reflexoes.pdf>. Acesso em: 14 de Setembro de 2013.

FIRMINO, G. **A questão linguística na África pós-colonial. O caso do português e das línguas autóctones em Moçambique.** Maputo: Promédia, Maputo. 2005.

\_\_\_\_\_. **A questão linguística na África pós-colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique.** Maputo, 1ª edição, Promédia, 2002.

GALISSON, R.; COSTE, D. **Dicionário de Didática das Línguas.** Coimbra: Livraria Almedina. 1983

GUTHRIE, M. **The Classification of Bantu Languages.** Tese de doutorado, Oxford University Press. 1948

GONÇALVES, P. **Lusofonia em Moçambique: com ou sem glotofagia?** Comunicação apresentada no II Congresso Internacional de Linguística Histórica. Homenagem a Ataliba Teixeira de Castilho. São Paulo. 2012.

\_\_\_\_\_. **(Dados para a) História da Língua Portuguesa em Moçambique.** Disponível em: <http://www.institutocamoes.pt/CVC/hlp/geografia/portuguesmocambique.pdf>. Acessado em 09 de Março de 2013.

GUMPERZ, J. **Discourse strategies.** Cambridge. UK: Cambridge University Press, 1982.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise.** São Paulo, Parábola Editoria, 2007.

INDE/MINED. **Programas das disciplinas do 3º Ciclo – Ensino Básico.** Academia Lda. Maputo. 2003.

KEHDI, V. **Formação de Palavras em Português.** 4ª edição, São Paulo, Ática, 2007.

KHOSA, U.B. **Ungulani Ba Ka Khosa: a literatura tem que transportar os valores das culturas e das línguas locais.** SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 187-193, 2º sem. 2010. Entrevista concedida a Rosália Estelita Gregório Diogo.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995. 294 p. p. 15-61.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

LERAY, C. A Língua como Vetor Identitário: o caso particular do gaulês na Bretanha. In: CORACINI, Maria J. (Org.). **Identidade e Discurso**. Campinas: Ed. Universitária Argos e Unicamp, 2003. p. 119-136.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4ed. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_ **Oralidade e escrita**. In: **Signóptica**. 9: 119-145, jan./dez. de 1997. p. 2.

MARTINET, André. **Elementos de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1971.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira: comparação entre português arcaico e português brasileiro**. São Paulo: Estudos Linguísticos, 2011, p. 795-807. Disponível em: [http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011\\_v2\\_t28.red6.pdf](http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v2_t28.red6.pdf). Acesso: 17 de Dez de 2013.

MATENCIO, M. L. M. **Leitura Produção de Textos e a Escola: Reflexões sobre o Processo de Letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1994.

MATEUS et al. **Gramática de Língua Portuguesa**. Lisboa. Editora Caminho. 1989.

MENDES, I. **Da Neologia ao Dicionário. O Caso do Português de Moçambique**. Maputo: Texto Editores, 2010.

MINED. **Education Statistics – Annual School Results**. Maputo: Ministério de Educação, 2003.

MONTEIRO, J. **Morfologia Portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

NAMBURETE, E. **Língua e Lusofonia: A Identidade dos que não Falam Português**.

NEVES, M. H. M. **Como as palavras se organizam em classes**. Portal da Língua Portuguesa. Museu da Língua Portuguesa, p.01 - 19, 2006.

NGOM, F. **Sociolinguistic motivations of lexical borrowings in Senegal**. 2000. Disponível em: <http://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/9657/SLS2000v30.2-10Ngom.pdf?sequence=2> Acesso em: 01 de jul. de 2013.

NGUNGA, A.; FAQUIR, O. **Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas. Relatório do III Seminário**. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM, 2011.

NGUNGA, A. **Introdução à Linguística Bantu**. Maputo: Imprensa universitária - UEM, 2004.

ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papirus, 1998.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Editora Pontes, 1996.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. (3ª ed.). São Paulo: Editora Atlas S.A, 1999.

SANDMANN, A.J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1997.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: De cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA NETO, S. **História da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. Presença Edições. 1988.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 2.ed., 5. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

UNESCO. **International Bureau of Education. World Data on Education**. Geneva: UNESCO International Bureau of Education, 2010.

## **BIBLIOGRAFIA**

BASTOS, N.M.O.B. (org.) **Língua Portuguesa: reflexões lusófonas**. São Paulo, EDUC. p. 63-74. 2006

CÂMARA JR. J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1981.

CRYSTAL, D. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 7ª edição, Lisboa: ed. João Sá da Costa, 1990.

**DICIONÁRIO ETXUWABO-PORTUGUÊS**. Mocauba, s/editor, 1994.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo. Editora Cultrix. 1990.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MATEUS et al. **Fonética, Fonologia e Morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta. 1990.

VILELA, M. **Estudos da Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

A DISTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS BANTU POR ZONAS, APRESENTADAS POR GHUTHRIE (1948, P. 31-67)

## ZONAS

## ZONA A

| Grupo 10  | Grupo 20 | Grupo 40  | Grupo 50  | Grupo 60  | Grupo 70                |
|-----------|----------|-----------|-----------|-----------|-------------------------|
| 11 Ngole  | 21 Mbuku | 41 Bati   | 51 Nohu   | 61 Yaunde | 71 Myene                |
| 12 Kundu  | 22 Kwiri | 42 Bo     | 52 Naka   | 62 Bulu   | 71 <sup>a</sup> Mpungwe |
| 13 Mbonge | 23 Subu  | 43 Koko   | 53 Langi  | 63 Ntum   | 71b Rungu               |
| 14 Lue    | 24 Duala | 44 Basa   | 54 Ngumbi | 64 Maka   | 71c Galwa               |
| 15 Lundu  |          | 45 Siki   | 55 Benga  | 65 Zimu   | 72 Duma                 |
|           | Grupo 30 | 46 Ngumba | 56 Seka   | 66 Fan    | 73 Kele                 |
|           | 31 Bubi  | 47 Gbea   |           | 67 Make   | 74 Kuta                 |

## ZONA B

| Grupo B10 | Grupo B20 | Grupo B30 | Grupo B40 |
|-----------|-----------|-----------|-----------|
| 11 Nzabi  | 21 Mbede  | 31 Fumu   | 41 Nfinu  |
| 12 Sebo   | 22 Mbamba | 32 Tege   | 42 Boma   |
| 13 Tsongo | 23 Tsaya  | 33 Boma   | 43 Tiene  |
| 14 Cira   |           | 34 Yaka   | 44 Sakata |
| 15 Punu   |           | 35 Tio    | 45 Yanzi  |
| 16 Lumbu  |           | 36 Nhe    | 46 Ngoli  |
|           |           | 37 Wumu   | 47 Dinha  |
|           |           |           | 48 Mbunu  |

## ZONA C

| Grupo C10  | Grupo 30  | Grupo 60              |
|------------|-----------|-----------------------|
| 11 Bungili | 31 Ngombe | 61 Mongo-nkundu       |
| 12 Bukongo | 32 Buela  | 61 <sup>a</sup> Mongo |
| 13 Kaka    | 33 Bati   | 61b Nkundu            |
| 14 Gundi   |           | 61c Panga             |



|               |          |              |
|---------------|----------|--------------|
| 15 Pende      | Grupo 40 | 61d Titu     |
| 16 Nzeli      | 41 Bua   | 61e Buuli    |
| 17 Kota       | 42 Amba  | 61f Bukala   |
|               |          | 61g Yailima  |
| Grupo C20     | Grupo 50 | 62 Lalia     |
| 21 Bangi-loi  | 51 Mbesa | 63 Ngandu    |
| 21a Loi       | 52 So    |              |
| 21b Bubangi   | 53 Puki  | Grupo 70     |
| 21c Nunu      | 54 Lumbu | 71 Tetela    |
| 22 Sengele    | 55 Kili  | 72 Kusu      |
| 23 Tumba      | 56 Foma  | 73 Nkutu     |
| 24 Bulia      |          | 74 Yela      |
| 25 Ntumba &c. |          | 75 Kela      |
| 25a Ntumba    |          |              |
| 25b Wangata   |          | Grupo 80     |
| 25c Mpama     |          | 81 Dengese   |
| 26 Lusengo    |          | 82 Songomeno |
| 26a Poto      |          | 83 Busonho   |
| 26b Mpesa     |          | 84 Lele      |
| 26c Mbudza    |          | 85 Wongo     |
| 26d Mangala   |          |              |
| 26e Buluki    |          |              |
| 26f Kangana   |          |              |
| 26g Liku      |          |              |
| 27 Buja       |          |              |

#### ZONA D

|            |           |              |
|------------|-----------|--------------|
| Grupo 10   | Grupo 30  | Grupo 60     |
| 11 Mbole   | 31 Peri   | 61 Nyaruanda |
| 12 Lengola | 32 Bira   | 62 Rundi     |
| 13 Mitiku  | 33 Huku   | 63 Fuliro    |
| 14 Genya   |           | 64 Subi      |
|            | Grupo 40  | 65 Hangaza   |
| Grupo 20   | 41 Kondzo | 66 Ha        |

|               |             |          |
|---------------|-------------|----------|
| 21 Bali       | 42 Ndandi   | 67 Vinza |
| 22 Amba       | 43 Nyanga   |          |
| 23 Kamu       |             |          |
| 24 Songola    | Grupo 50    |          |
| 25 Lega       | 51 Hunde    |          |
| 26 Zimba      | 52 Havu     |          |
| 27 Bangubangu | 53 Nyabungu |          |
| 28 Horohora   | 54 Pembe    |          |
|               | 55 Buyi     |          |
|               | 56 Kabwari  |          |

## ZONA E

|               |               |                      |
|---------------|---------------|----------------------|
| Grupo 10      | Grupo 20      | Grupo 30             |
| 11 Nyoro      | 21 Nyambo     | 31 Masaba            |
| 12 Toro       | 22 Haya       | 31 <sup>a</sup> Gisu |
| 13 Nyankole   | 22a Ziba      | 31b Kisu             |
| 14 Ciga       | 22b Hamba     | 31c Bukusu           |
| 15 Ganda, &c. | 22c Hangiro   | 32 Hanga             |
| 15a Ganda     | 22d Nyakisaka | 32a Wanga            |
| 15b Sese      | 22e Hosa      | 32b Tsotso           |
| 16 Soga       | 22f Endangabo | 33 Nyore             |
| 17 Gwerw      | 22g Bumbira   | 34 Saamia            |
| 18 Nyala      | 22h Mwani     | 35 Nyuli             |
|               | 23 Dzindza    |                      |
|               | 24 Kerebe     |                      |
|               | 25 Jita       |                      |

|                |                 |
|----------------|-----------------|
| Grupo 40       | Grupo 50        |
| 41 Ragoli      | 51 Kikuyu       |
| 42 Gusii       | 52 Embu         |
| 43 Kuria       | 53 Meru         |
| 44 Zanaki, &c. | 54 Saraka Kamba |
| 44a Zanaki     | 55 Kamba        |
| 44b Isenyi     | 56 Daiso        |

|             |                     |             |
|-------------|---------------------|-------------|
| 44c Ndali   |                     |             |
| 44d Siora   | Grupo 60            | Grupo 70    |
| 44e Sweta   | 61 Rwo              | 71 Pokomp   |
| 44f Kiroba  | 62 Caga             | 72 Nika     |
| 44g Ikişu   | 62 <sup>a</sup> Hai | 72a Giryama |
| 44h Girango | 62b Wunjo           | 72b Kauma   |
| 44k Simbiti | 62c Rombo           | 72c Konyi   |
| 45 Nata     | 63 Rusa             | 72d Duruma  |
| 46 Sonjo    | 64 Kahe             | 72e Rabai   |
|             | 65 Gweno            | 73 Digo     |
|             |                     | 74 Taita    |
|             |                     | 74a Dabida  |
|             |                     | 74b Sagala  |

## ZONA F

|           |               |            |
|-----------|---------------|------------|
| Grupo 10  | Grupo 20      | Grupo 30   |
| 11 Tongwe | 21 Sukuma     | 31 Nilamba |
| 12 Bende  | 22 Mwamwesi   | 32 Rimi    |
|           | 22a Nyanyimbe | 33 Langi   |
|           | 22b Takama    | 34 Mbugwe  |
|           | 22c Kiya      |            |
|           | 22d Mweri     |            |
|           | 23 Sumbwa     |            |
|           | 24 Kimbu      |            |
|           | 25 Bungu      |            |

## ZONA G

|           |           |               |           |           |
|-----------|-----------|---------------|-----------|-----------|
| Grupo 40  | Grupo 30  | Grupo 40      | Grupo 50  | Grupo 60  |
| Grupo 10  | 31 Zigula | 41 Tikulu, &c | 51 Pogolo | 61 Sango  |
| 11 Gogo   | 32 Nhwele | 41a Tikulu    | 52 Ndamba | 62 Hehe   |
| 12 Kagulo | 33 Zaramo | 41b Mbalazi   |           | 63 Bena   |
|           | 34 Ngulu  | 42 Swahili    |           | 64 Pangwa |

|           |            |                         |          |
|-----------|------------|-------------------------|----------|
| Grupo 20  | 35 Ruguru  | 42 <sup>a</sup> Amu     | 65 Kinga |
| 21 Tubeta | 36 Kami    | 42b Mvita               | 66 Wanji |
| 22 Asu    | 37 Kutu    | 42c Urima               | 67 Kisi  |
| 23 Sambaa | 38 Vidunda | 42d Unguja              |          |
| 24 Bondei | 39 Sagala  | 43 Pemba, &c.           |          |
|           |            | 43a Phemba              |          |
|           |            | 43b Tumbatu             |          |
|           |            | 43c Hadimu              |          |
|           |            | 44 Komoro               |          |
|           |            | 44 <sup>a</sup> Ngazija |          |
|           |            | 44b Njuani              |          |

## ZONA H

|           |              |                |
|-----------|--------------|----------------|
|           | Grupo 10     |                |
| 11 Vili   | 16 Kongo     | 16e N.E. Kongo |
| 12 Kunye  | 16a E. Kongo | 16f Kongo      |
| 13 Bembe  | 16b Yombe    | 16g S. Kongo   |
| 14 Ndingi | 16c Sundi    | 16h Zombo      |
| 15 Mboka  | 16d Bwende   |                |

|           |                  |            |
|-----------|------------------|------------|
| Grupo 20  | Grupo 30         | Grupo 40   |
| 21 Ndongo | 31 Yaka          | 41 Mbala   |
| 22 Mbamba | 32 Suku          | 42 Hun ana |
| 23 Sama   | 33 Hungu         |            |
| 24 Ngola  | 34 Tembo         |            |
| 25 Bolo   | 35 Mbangala, &c. |            |
| 26 Songo  | 35a Mbangala     |            |
|           | 35b Yongo        |            |
|           | 36 Sinji         |            |

## ZONA K

|           |          |           |
|-----------|----------|-----------|
| Grupo 10  | Grupo 20 | Grupo 40  |
| 11 Ciokwe | 21 Lozi  | 41 Totela |
| 12 Luimbi |          | 42 Subia  |

|             |            |
|-------------|------------|
| 13 Lukazi   | Grupo 30   |
| 14 Luena    | 31 Luyana  |
| 15 Mbunda   | 32 Mbowe   |
| 16 Nyengo   | 33 Mpukusu |
| 17 Mbwela   | 34 Masi    |
| 18 Nkangala | 35 Simaa   |
|             | 36 Sanio   |
|             | 37 Kwangwa |

## ZONA L

|          |                            |              |
|----------|----------------------------|--------------|
| Grupo 10 | Grupo 30                   | Grupo 40     |
| 11 Pende | 31 Luba-Lulua              | 41 Kaonde    |
| 12 Samba | 31 <sup>a</sup> Luba-Kasai |              |
| 13 Kwese | 31b Lulua                  | Grupo 50     |
|          | 31c Longe                  | 51 Salampasu |
| Grupo 20 | 32 Kanyoka                 | 52 Lunda     |
| 21 Kete  | 33 Luba-Katanga            | 53 Luwunda   |
| 22 Binji | 34 Hemba                   |              |
| 23 Songe | 35 Sanga                   | Grupo 60     |
| 24 Luna  |                            | 61 Mbwera    |
|          |                            | 62 Nkoya     |

## ZONA M

|           |                  |                |          |
|-----------|------------------|----------------|----------|
| Grupo 10  | Grupo 20         | Grupo 30       | Grupo 50 |
| 11 Pimbwe | 21 Wanda         | 31 Nyikyusa    | 51 Biisa |
| 12 Pungwa | 22 Mwanga        |                | 52 Lala  |
| 13 Fipa   | 23 Nyiha (Nyika) | Grupo 40       | 53 Swaka |
| 14 Rungu  | 24 Malila        | 41 Taabwa, &c. | 54 Lamba |
| 15 Mambwe | 25 Safwa         | 41a Taabwa     | 55 Seba  |
|           | 26 Iwa           | 41b Sila       |          |
|           | 27 Tembo         | 42 Bemba, &c.  | Grupo 60 |
|           |                  | 42a Bemba      | 61 Lenje |

|             |                       |
|-------------|-----------------------|
| 42b Ngoma   | 62 Soli               |
| 42c Lomotua | 63 Ila                |
| 42d Nyesi   | 64 Tonga, &c          |
| 42e Lembue  | 64 <sup>a</sup> Tonga |
|             | 64b Toka              |
|             | 64c Leya              |

## ZONA N

| Grupo 10   | Grupo 20                | Grupo 30       | Grupo 40   |
|------------|-------------------------|----------------|------------|
| 11 Manda   | 21 Tumbuka, &c.         | 31 Nyanja, &c. | 41 Senga   |
| 12 Ngoni   | 21 <sup>a</sup> Tumbuka | 31a Nyanja     | 42 Kunda   |
| 13 Marengo | 21b Poka                | 31b Cewa       | 43 Nyungwe |
| 14 Mpoto   | 21c Kamanga             | 31c Man anja   | 44 Sena    |
| 15 Tonga   | 21d Senga               | 32 Mbo         | 45 Rue     |
|            | 21e Yombe               | 33 Mazoro      | 46 Podzo   |
|            | 21f Fungwe              |                |            |
|            | 21g Yenya               |                |            |
|            | 21h Lambia              |                |            |
|            | 21k Wandia              |                |            |

## ZONA P

| Grupo 10      | Grupo 20   | Grupo 30 |
|---------------|------------|----------|
| 11 Ndengereko | 21 Yao     | 31 Makua |
| 12 Ruihi      | 22 Mwera   | 32 Lomwe |
| 13 Matumbi    | 23 Makonde | 33 Ngulu |
| 14 Ngindo     | 24 Ndonde  | 34 Cuabo |
| 15 Mbunga     | 25 Mabiha  |          |

## ZONA R

| Grupo 10   | Grupo 20    | Grupo 30       | Grupo 40 |
|------------|-------------|----------------|----------|
| 11 Mbundu  | 21 Kuanyama | 31 Herero, &c. | 41 Yeei  |
| 12 Ndombe  | 22 Ndonga   | 31a Herero     |          |
| 13 Nyaneka |             | 31b Mbandieru  |          |
|            |             | 31c Cimba      |          |

## ZONA S

| Grupo 10 | Grupo 20     | Grupo 30     |
|----------|--------------|--------------|
| 11 Venda | 21 Tswana    | 31 Xhosa     |
|          | 21a Rolon    | 32 Zulu, &c. |
|          | 21b Kgatla   | 32a Zulu     |
|          | 21c Mangwato | 32b Ngoni    |
|          | 22 Pidi      | 33 Swazi &c. |
|          | 23 Suthu     | 34 Ndebele   |

## ZONA T

| Grupo 10         | Grupo 20                 | Grupo 30 |
|------------------|--------------------------|----------|
| 11 Korekore, &c. | 21 Tswa, &c.             | 31 Copi  |
| 11a Sangwe       | 21 <sup>a</sup> Hlengwe  | 32 Tonga |
| 11b Korekore     | 21b Tswa                 |          |
| 11c Tabara       | 22 Gwamba                |          |
| 11d Budya        | 23 Thonga                |          |
| 12 Zezuru        | 23 <sup>a</sup> Hlanganu |          |
| 13 Manyika, &c.  | 23b Tsonga               |          |
| 13a Manyika      | 23c Jonga                |          |
| 13b Tebe         | 23d Bila                 |          |
| 14 Ndau          | 24 Ronga                 |          |
| 15 Karanga       |                          |          |
| 16 Kalan'a       |                          |          |

## ANEXO 2

## ORTOGRAFIA PADRONIZADA DAS LÍNGUAS MOÇAMBICANAS

| AFI | Mw  | Mk  | Yao | Mkh  | Chw | Nyj  | Nyg  | Se<br>m | My  | Nd  | Tw  | Bar  | Tng  | Cop  | Chg | Tsh | Rho |
|-----|-----|-----|-----|------|-----|------|------|---------|-----|-----|-----|------|------|------|-----|-----|-----|
| b   | b   | b   | b   | (b)  | b   | (bh) | bh   | bh      | bh  | bh  | bh  | bh   | bh   | bh   | b   | bh  | b   |
| ḃ   | -   | -   | -   | -    | -   | b    | b    | b       | b   | b   | b   | b    | b    | b    | b'  | b'  | b'  |
| d   | d   | d   | d   | (d)  | d   | (dh) | dh   | dh      | dh  | dh  | dh  | dh   | dh   | dh   | d   | dh  | d   |
| d'  | -   | -   | -   | -    | -   | d    | d    | d       | d   | d   | d   | d    | d    | d    | d'  | d   | d'  |
| ḏ   | -   | -   | -   | -    | dh  | -    | -    | -       | -   | -   | -   | -    | -    | -    | -   | -   | -   |
| g   | g   | g   | g   | (g)  | g   | g    | g    | g       | g   | g   | g   | g    | gh   | g    | g   | g   | g   |
| ȷ   | -   | -   | -   | -    | -   | -    | -    | -       | -   | -   | -   | -    | g    | -    | -   | -   | -   |
| c   | c   | c   | c   | c    | c   | c    | c    | c       | c   | c   | c   | c    | c    | c/tx | c   | c   | g   |
| dʒ  | j   | j   | j   | (j)  | j   | j    | dj   | dj/j    | j   | j   | j   | j    | -    | j    | j   | j   | j   |
| ʃ   | sh  | sh  | -   | x/sh | -   | sh   | x    | x       | sh  | sh  | sh  | sh   | -    | x    | x   | x   | x   |
| ʒ   | -   | -   | -   | -    | -   | -    | (j)  | (j)     | zh  | jh  | zh  | (xj) | -    | xj   | xj  | xj  | xj  |
| v   | -   | v   | -   | v    | v   | vh   | (vh) | (vh)    | vh  | vh  | v   | (vh) | vh   | vh   | vh  | vh  | vh  |
| u   | -   | -   | w/v | -    | -   | v    | v    | v       | v   | v   | v   | -    | v    | v    | v   | v   | v   |
| β   | -   | -   | -   | -    | -   | -    | -    | -       | -   | -   | -   | -    | vb   | -    | -   | -   | -   |
| ɣ   | -   | -   | -   | -    | -   | sw   | sw   | sv      | sv  | sv  | sv  | -    | (sv) | sv   | sv  | sv  | sv  |
| ʒ   | -   | -   | -   | -    | -   | zv   | zw   | zv      | z   | z   | zv  | -    | (zv) | zv   | zv  | zv  | zv  |
| pɣ  | -   | -   | -   | -    | -   | ps   | ps   | ps      | -   | -   | -   | ps   | -    | ps   | ps  | ps  | ps  |
| bʒ  | -   | -   | -   | -    | -   | bz   | bz   | bz      | -   | -   | -   | bz   | -    | bz   | bz  | bz  | bz  |
| tɣ  | -   | -   | -   | -    | -   | -    | -    | -       | tsv | tsv | tsv | -    | -    | -    | -   | -   | -   |
| dʒ  | -   | -   | -   | -    | -   | -    | -    | -       | dzv | dzv | dzv | -    | -    | -    | -   | -   | -   |
| ŋ   | ng' | ng' | ng' | ng   | ng' | ng'  | ng'  | ng'     | n'  | n'  | n'  | n'   | n'   | n'   | n'  | n'  | n'  |
| n'  | n'  | n'  | n'  | n'   | n'  | n'   | n'   | n'      | -   | -   | -   | n'   | -    | m'/m | -   | -   | -   |
| l   | l   | l   | l   | l    | l   | l    | lr   | lr      | -   | -   | -   | lr   | l    | l    | l   | l   | l   |
| r   | -   | -   | (r) | r    | r   | -    | -    | -       | r   | r   | r   | -    | r    | r    | r   | r   | r   |
| f   | -   | -   | -   | -    | lr  | -    | -    | -       | lr  | -   | -   | -    | -    | -    | -   | -   | -   |
| rh  | -   | -   | -   | -    | -   | -    | -    | -       | -   | -   | -   | -    | -    | -    | -   | -   | rh  |

Fonte: NELIMO 1989, Siteo e Ngunga 2000 apud (Ngunga, 2004, p. 62)



## ANEXO 3

## EXEMPLO 1

É teu filho

7 de janeiro às 18:48 · Curtir

Ya, é ele o pekeno nickolas, conhecido por nick.

8 de janeiro às 10:28 · Curtir

prato grande, com essa idade crianca nao pode comer assim, avisa o teu filho ta!

8 de janeiro às 12:44 · Curtir

Oi Adé exe é o amor da nha vida «Nickolas»

8 de janeiro às 15:44 · Curtir

Tomasia Abreu Wareno Bento eu kero ki ele tambem sej meu amor

8 de janeiro às 15:45 · Curtir

Weo mendiat akala onodja vadhidhi kumaganhedhe mwana. Oyiwa

8 de janeiro às 15:47 · Curtir

mio iene akele muanaga vina

8 de janeiro às 15:47 · Curtir

Weo kumbala.

8 de janeiro às 15:49 · Curtir

vamula no chat kero ti contar algo

8 de janeiro às 15:51 · Curtir

Hei pu2 olha bem est mundo, vai nas calmas tas com muita pressa pah. Kikikkkkkkk

3 de fevereiro às 01:35 · Curtir

riall

13 de março às 14:35 · Curtir

Ta grande

há 21 horas · Curtir

Ele ta fazer um ano hoje dia 21 d maio.

há 21 horas · Curtir

good

há 21 horas · Curtir

Feliz aniversario bebe toma's tw filho é uma xuxa... Kunfunu odivaia

há 17 horas · Curtir

que menino lindo, cuidado mamae vais ter muitas noras

há 14 horas · Curtir

Bligada tia Assucena.

há 13 horas · Curtir

Parabens mo futuro spozu

há 13 horas · Curtir

Bligada nha futura xposa.

há 13 horas · Curtir

D ndah, kand è q v t ver mo

há 11 horas · Curtir

No proximo mes to ai.

há 11 horas · Curtir

V t sperar pa nhamelar

há 11 horas · Curtir

ja tms 1 filho km akle teacher

há 11 horas · Curtir

o puto, ja ta a ficar grandinho pa.

há 8 horas · Curtir

Hje tw fazex; teu 1aniverxario, twa 1fexta, ex meu 1sobrinho. Tdo em numero 1. Happy birthday NICK

há 7 horas · Curtir

olha ja puto n conta aos outros

há 7 horas · Curtir



Todos os caminhos devarao convergir em Zalala, tudo indica q ira ser maningue nice  
5 de novembro de 2012 às 22:13 · [Curtir](#) · 1

Eu desta vez perdi essa  
5 de novembro de 2012 às 22:45 · [Curtir](#)

Heheh. . .o festival que me aguarde. . .ja comecei a preparar os bikinis. . .  
5 de novembro de 2012 às 23:14 · [Curtir](#)

Força ai meus amigos, aguarda pelas imagens.  
5 de novembro de 2012 às 23:17 · [Curtir](#)

n falha nda  
5 de novembro de 2012 às 23:27 · [Curtir](#)

Recomendo, demais...  
5 de novembro de 2012 às 23:34 · [Curtir](#)

starei la c a banda Mapiahoro de Socone  
5 de novembro de 2012 às 23:45 · [Curtir](#)

Nao falha  
5 de novembro de 2012 às 23:52 · [Curtir](#) · 1

Ficarei a espera das imagens e espero que corra muito e não aconteça coisas de vergonha.  
6 de novembro de 2012 às 00:34 · [Curtir](#) · 1

Olha, tinha me esquecido dixo pha.  
6 de novembro de 2012 às 00:38 · [Curtir](#) · 1

Festival de zalala vai tar fixe... Estarei lá em peso  
6 de novembro de 2012 às 01:18 · [Curtir](#) · 1

Nice  
6 de novembro de 2012 às 01:43 · [Curtir](#)

Kando é k sera? kero vir curtir xtou em tete.  
6 de novembro de 2012 às 02:13 · [Curtir](#)

9. A 11 Novembro  
6 de novembro de 2012 às 02:19 · [Curtir](#)

Tamu junt0x  
6 de novembro de 2012 às 02:20 · [Curtir](#)

Francisco 16-18 d nvmbro  
6 de novembro de 2012 às 02:21 · [Curtir](#)

haaa kual é a verdade?? 9 a 11, ou 16 a 18????hummm baralharem outros so!!  
6 de novembro de 2012 às 05:15 · [Curtir](#)

Eu tambem qeru saber quais sao as datas verdadeiras ?  
6 de novembro de 2012 às 11:47 · [Curtir](#) · 1

nao falha nada....  
6 de novembro de 2012 às 12:42 · [Curtir](#) · 1

Nem pode falhar  
6 de novembro de 2012 às 12:43 · [Curtir](#) · 1

De 9 a. 11 vamos Zalalar... Essas as datas oficiais... Amostra presta atencao... Divulgar as datas e porque não? O programa  
6 de novembro de 2012 às 12:51 · [Curtir](#) · 1

Atenção, datas oficiais são 9 - 11 de Novembro, com quem apanhaste estas outras datas??? Amiguxa, cuidado não tenho dúvida que são desinformantes de sempre....querem atribuir certificado de incompetência....como sempre, estamos habituados aos paparrazis desajeitados...  
6 de novembro de 2012 às 13:08 · [Curtir](#)

Reconfirmo 9 a 11 vamos zalalar  
6 de novembro de 2012 às 13:11 · [Curtir](#) · 2

Força Quelimane.....  
6 de novembro de 2012 às 13:41 · [Curtir](#)

fim de semana bem quente...bjbjo  
6 de novembro de 2012 às 18:56 · [Curtir](#)

Hehehe...eu e a Madame Ólivia Araújo na tenda!! Ñ falha nada e nem pod falhar....  
6 de novembro de 2012 às 20:04 · [Curtir](#)

Ai ehhh?  
6 de novembro de 2012 às 20:39 · [Curtir](#)

heiii festival de zalala?  
6 de novembro de 2012 às 21:32 · [Curtir](#)

Nao falha nada...  
6 de novembro de 2012 às 22:07 · [Curtir](#)

ijii okhunou cavo pa  
6 de novembro de 2012 às 22:12 · [Curtir](#)

Boa sorte, se beber não conduz e se kndz não bebe. .valid pa exe dia  
6 de novembro de 2012 às 23:00 · [Curtir](#)

Eu tarei la cm algoma malta claro tmbm cm a tend nao pd falhar  
7 de novembro de 2012 às 00:28 · [Curtir](#)

A banda MAPIAHORO tambem tara ai

7 de novembro de 2012 às 00:40 · Curtir · 1

ficou pequeno para concorrer

7 de novembro de 2012 às 01:14 · Curtir · 1

Vai Bater,,,,,,eu nao faltarei por nada

7 de novembro de 2012 às 11:35 · Curtir · 1

Aceito convites. mas com uma condicao, com tudo pago.

7 de novembro de 2012 às 16:17 · Curtir · 2

olha o convite tem a condicao de suportares as tuas despesas. se n tas a tempo espere p ver pla tv

7 de novembro de 2012 às 16:40 · Curtir · 1

POLE TO ATCHUABO MUNARIMELE MUPARAYA, HEYAAA

7 de novembro de 2012 às 23:17 · Editado · Curtir · 1

O Amostra. . O problema de corte de energia ja foi acautelado? E a seguranca tambem? O desrespeito de alguns molequesja foi revisto? O consumo excessivo de alcool por parte da juventude ja foi acautelado? Festival nao e beber e perder a cabeça, nao abusar os outros, nao e .....

8 de novembro de 2012 às 03:59 · Curtir · 3

Wa ta bhiwa kuta fiwa wa ta kina wa ta phuza wa ta.....enfim spero muita açao entreteinment e ã Sangue juizo a todos Hug

8 de novembro de 2012 às 11:12 · Curtir · 1

e verdade mais como e p festival ond a muita bebideira tod mundo at ter dinheiro cust o q custar p is a semp um aranjjo

8 de novembro de 2012 às 12:20 · Curtir · 1

## EXEMPLO 3

mbalaga!

29 de dezembro de 2011 às 15:38 · Curtir · 1

exe é o problema dos machuabos aqui em klimane. Mas quando estão entre os machanganas ou outros povos que assumem publicamente alguns traxos da sua identidade, comexam a tentar falar chuabo e que sai mas como sai bem mal e só me ponho a rir. Cobardes de alguns machuqbos e que nem são machuabos. Até fazem se de tugas quando nem lisboa alguma vez entraram. Só pk gostam de sporting e benfica e teem cor da pele amarela e ou preta com tendencia a aclarar se dizem se de tugas em plena cidade de quelimane. A esses nao tiro chapeu. Tenho nojo.

29 de dezembro de 2011 às 16:07 · Curtir · 1

Falou e disse bem!

29 de dezembro de 2011 às 20:31 · Curtir

Kamuditeiye nhuwo pahmanguana nikana banja heheheh

29 de dezembro de 2011 às 21:42 · Curtir · 1

Mbalaga AP! Ta provado k mesmo estacionado em Mpto ñ se dxa levar plo changana! Chuabo nao falha nada!

Atxuabo

30 de dezembro de 2011 às 06:49 · Curtir

Mablaga nunca esquerecei as minhas raizes. Vouu te contar uma boa. Em 2010 Agosto quando ia visitar a casa branca na equipa de protocolo que nos acompanhava estava um americano branco com cracha escrito "falo portugues" quando lhe aproximei porque falava portugues, o tipo me disse que viveu 2 anos em Nicoadala num programa do corpo da Paz. Quando eu disse que era de quelimane, o tipo comecou a falar chuabo!!! Ja imaginaste o choque, a alegria e emocao tudo a mistura que apanhei? Imagina se eu nao falasse...:ahhahahhah

30 de dezembro de 2011 às 08:11 · Curtir · 1

xi, ja estives/te na white House em Chuabo (nhumba oh fila)! Hehehe

30 de dezembro de 2011 às 10:02 · Curtir

Nhumba yo tchena( casa branca)...sim estive la.

30 de dezembro de 2011 às 10:42 · Curtir

Yes, minha avo la do ionge, fluente em etxuabo acaba de me corrigir nhumba yo tchena, yes

30 de dezembro de 2011 às 11:17 · Curtir

Nossos avos sao da mesma ilha heheheh muyodje

30 de dezembro de 2011 às 11:23 · Curtir

La no Pântano! Rerere

30 de dezembro de 2011 às 11:25 · Curtir

Onde a agua e salgada quer para beber quer para banhar hehehehe

30 de dezembro de 2011 às 11:27 · Curtir

Malanha resolvem tudo! Ohêma tb nao falha nada!

30 de dezembro de 2011 às 11:32 · Curtir

Whyski e agua de lenho e uma boa dieta alimentar

30 de dezembro de 2011 às 11:38 · Curtir · 1